**ORDENADO PELO CONSELHO DE SEGURANÇA**

CESSAR-FOGO ESTA TARDE NO MÉDIO ORIENTE

Por 14 votos a favor e uma abstenção, a da China, o Conselho de Segurança da ONU hoje aprovou uma moção apresentada conjuntamente pelos EUA e pela URSS na qual se propõe o imediato cessar-fogo e o início também imediato de negociações. A moção aprovada prevê o fim dos combates 12 horas após a sua aprovação o que, caso os beligerantes a cumpram, fará com que a guerra termine às 18 horas (hora de Lisboa). Entretanto, Israel anunciou imediatamente que aceitava o cessar-fogo.

Foi esta a primeira vez, desde a guerra de 1956, que os Estados Unidos e a União Soviética, surgiram juntos a tomar uma iniciativa para pôr termo às hostilidades no Médio Oriente. O texto

da moção aprovada prevê que os beligerantes, após o cessar-fogo, permaneçam nos locais onde se encontram, pedindo, ao mesmo tempo, que todas as partes interessadas comecem já a

plicação da moção 242 de 1967. Esta moção, cuja aplicação se pede «na totalidade» estabelece as condições de paz para o Médio Oriente, incluindo a retirada israelita dos territórios árabes

ocupados durante a guerra dos seis dias. A moção aprovada esta madrugada pede ainda o início imediato de negociações com vista a «uma paz honrosa».

Este acordo resultou da visita feita a Moscovo por Henry Kissinger, a convite de Brejnev. Os dois políticos conferenciaram durante o fim-de-semana. Entretanto, pensa-se que a URSS não concluiu o acordo sem antes consultar a Síria e o Iraque, presumindo alguns observadores que Hafez Assad, o presidente sírio, esteve em Moscovo e que Kossyguine foi ao Iraque. (R., F.P. e D.L.).



O embaixador soviético nas Nações Unidas, Yakov Malik (à esquerda), e o seu colega americano, John Scali, propuseram um cessar-fogo para esta tarde no Médio Oriente, o que veio a ser aprovado pelo Conselho de Segurança. Israel já aceitou o cessar-fogo. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL).

As inundações em Espanha causaram biliões de pesetas de prejuízo

GRANADA (Espanha), 22 (EFE/ANI) — Segundo números não confirmados, ascenderia a quinhentos o número de mortos, em consequência das inundações provocadas pelas chuvas fortíssimas no triângulo formado pelas cidades de Granada, Motril e Murcia (Sueste da Espanha).

Só na localidade de Puerto Lumbreras — província de Murcia — estão dadas como desaparecidas mais de 200 pessoas.

Calcula-se em milhares de milhões de pesetas o montante dos danos causados apenas na província de Almería.

Os príncipes da Espanha, João Carlos e Sofia, vieram a Granada, para visitarem a zona sinistrada. E também aqui se deslocaram os ministros da Agricultura, dos Sindicatos e da Habitação.



NA DAMAIA: O POVO FAZ A ESCOLA

Este fim-de-semana foi de intenso trabalho (voluntário) para centena e meia de moradores na Damaia, aqui às portas de Lisboa. A essa centena e meia de adultos (operários, funcionários, licenciados, etc) juntaram-se muitas crianças, que eram, afinal, a razão de ser de toda aquela azáfama em que seus pais (e mães) se tinham envolvidos. Tratava-se muito simplesmente de pôr de pé as instalações requeridas para o funcionamento da Escola do Ciclo Preparatório da Damaia, criada por decreto mas que ia funcionar em Alfragide, a três quilómetros de distância, sem transportes nem vias de acesso fáceis para os 400 alunos damaienses. E, em Alfragide, há somente 30 alunos.

Os pavilhões pré-fabricados do Ministério da Educação Nacional estavam já levantados, mas faltavam salas de convívio e de reunião e ginásio. O Centro Paroquial resolveu a questão, oferecendo as suas instalações. Urgia, porém, concluí-las. Foi o que fizeram, no sábado e ontem, os moradores na Damaia, sob a orientação de um mestre-de-obras, sr. Amadeu Silva Ferreira, igual-

mente pai de um aluno. Ao mesmo tempo, o Município de Oeiras colaborava na iniciativa, ligando a água e promovendo a instalação dos esgotos. Neste momento, a Escola — construída «a ferros» à custa de muito trabalho, suor e san-

gue, (já que a inexperiência oferece riscos...) — está pronta a acolher os 400 alunos da Escola Preparatória da Damaia. Espera-se agora uma resposta, pelo menos tão decidida, do Ministério da Educação Nacional. E só começar....

OS ASSALTOS DE CABO RUIVO

Um dos automóveis foi alugado ao portador de carta de condução falsa

«A carta apresentada para alugar de um dos automóveis utilizado no assalto aos estabelecimentos bancários de Cabo Riuvo é falsa» — apuraram agentes da Polícia Judiciária.

Esta carta, patenteando o nome de um indivíduo residente no Porto, não compreende a expressão «Válida até...».

O documento em questão foi exibido por um indivíduo que se identificou como João Manuel Azevedo Silva à firma

Bluecar, a qual, efectivamente, lhe cedeu um automóvel por aluguer. Trata-se do Sunbeam CG-67-24, que, patenteando uma matrícula falsa (FL-41-17), foi utilizado no assalto à sucursal do BNU, e mais tarde encontrado abandonado em Sacavém.

De momento não se registaram ainda quaisquer detenções, apesar das autoridades possuírem um bilhete de identidade encontrado no carro abandonado.

ESCANDALO WATERGATE

NIXON PERANTE A CRISE POLÍTICA MAIS GRAVE

WASHINGTON, 22 (R.) — O presidente Nixon encontra-se hoje perante a mais grave crise política desde que entrou para a Casa Branca e vários congressistas admitem pela primeira vez, seriamente, a necessidade de o impugnar.

A crise iniciada pelo escândalo Watergate agravou-se subitamente no sábado à noite quando o presidente Nixon demitiu Archibald Cox, um jurista independente que tinha sido nomeado no princípio do ano, com a confiança do Senado, para investigar o caso Watergate e ir até ao fundo do problema.

O congresso reabre amanhã após um longo fim-de-semana

e pelo menos nove congressistas preparam-se já para apresentar pedidos de impugnação.

Um destacado republicano, partidário do presidente, declarou-se convencido de que as moções pendendo a impugnação «vão começar a cair como grânizo» sobre a cabeça de Nixon.

Fora do Congresso, também se organizam campanhas para mobilizar a opinião pública. Mesmo em frente da Casa Branca foi colocado um posto de recolha de assinaturas pedindo a impugnação e os organizadores disseram ontem à noite já ter obtido milhares de adesões.

Entretanto o presidente Nixon continua a ocupar-se dos seus afazeres normais, como se nada tivesse acontecido e alguns observadores pensam que o Congresso não se arris-que a tomar medidas que possam enfraquecer a sua autoridade enquanto não estiver solucionada satisfatoriamente a crise no Médio Oriente.

Melvin Laird, antigo secretário da Defesa e actual conselheiro presidencial, manifestou ontem a convicção de que o Congresso aguardará o resultado da promessa feita pelo presidente de fornecer um resumo das gravações e em seguida decidirá não ir para a frente com a impugnação.

Entre os que pediram a impugnação figuram o senador Edward Kennedy e o senador Edmund Muskie, um dos candidatos democráticos à presidência no ano passado.



Nixon continua a perder colaboradores, cabendo agora a vez a Elliot Richardson, ministro da Justiça, e a William French Smith, subsecretário de Estado, em desacordo com a decisão de demitir Cox. Na foto, Robert H. Bork o substituto de Richardson (Telefoto UPI-Telimprensa-DL).

CHIADO TERRASSE: A MORTE DE UM CINEMA

O Chiado Terrasse, um dos mais antigos e populares cinemas de Lisboa, está já a ser desmontado no interior e em breve será completamente demolido, para dar lugar, provavelmente, a um hotel de luxo. (Notícia na pág. 20).

EDIÇÃO
32 PÁGINAS
INCLUINDO
"EXCLUSIVO"

DL/AUTOMOBILISMO

FÓRMULA 2 NO ESTORIL

JARIER "EXPLICOU" O SEU TÍTULO DE CAMPEÃO

O Autódromo do Estoril teve ontem a sua mais positiva jornada de todas as que até agora ali se realizaram, oferecendo finalmente ao público um espectáculo de bom nível internacional. O programa tinha como base uma corrida de Fórmula 2, a qual se agregavam provas dos Grupos I, II, III, IV e V, a contar para o campeonato nacional, e ainda o espectacular Troféu Datsun. Em relação à Fórmula 2 foram anunciados inicialmente 31 concorrentes entre os quais se incluíam alguns nomes de primeiro plano da Fórmula 1. Finalmente compareceram 18 equipas. As principais vedetas da Fórmula 1 não vieram e, numa primeira impressão, os menos identificados seriam levados a concluir que o programa perderia todo o interesse, pois não considerariam que, mesmo com a ausência de muitos dos inscritos, a corrida do Estoril conseguia mesmo assim reunir um lote de concorrentes que a tornaram a mais importante da temporada entre todas as que não contavam para o campeonato da Europa.

A importância que a imprensa estrangeira lhe dedicou demonstram esta afirmação. Se por um lado faltou um Emerson Fittipaldi (que esteve presente mas nos boxes), um Carlos Reutman e outros, havia a compensação de pilotos como Jean Pierre Jarier (campeão da Europa de F. 2) Hans Stuck, uma das grandes esperanças do automobilismo alemão, o francês Coulon, o italiano Brambilla, Rolf Stommelen e muitos outros.

Este lote acabaria por garantir uma corrida para cujo interesse competitivo a estrelas anunciadas talvez não pudessem contribuir muito, sabido que não dispunham de carros capazes de lhes permitir vencer. Jarier e os March BMW têm na verdade dominado a temporada pouco mais deixando para os restantes.

Por razões de natureza financeira

AUGUSTO VILELA

ra apenas no domingo o Autódromo estava aberto ao público o que obrigou a realizar todas as corridas no mesmo dia. Para ser possível cumprir este programa a organização optou por corridas com o máximo de 10 voltas (exceto para o Troféu Datsun, medida que, além de resolver o problema do tempo disponível se mostrou francamente valorizadora do espectáculo. Além de outras, tem a vantagem de prender mais o público, ficar mais barata aos concorrentes em desgaste de material e não partir os carros. E uma inovação a utilizar de futuro e que de resto corresponde aquilo que é normal fazer-se nos circuitos ingleses.

Desta vez, apesar do preço dos bilhetes que continuamos a achar excessivamente elevado, o público compareceu em número bastante para dar à Autodril um merecido encorajamento.

O GRUPO I PARA MÊQUÊPÊ

Desta vez havia em prova nada menos que três Camaros o que suscitava uma certa expectativa quanto à réplica que dariam a Carlos Santos e às possibilidades do Alfa Romeo que constituíam dois perigosos "outsiders". Carlos Santos dispunha do Camaro que pertenceu a Ernesto Neves e os outros dois eram conduzidos por António Silva Pereira e Mêquêpê. Mas logo nos treinos a hierarquia ficou definida. Carlos Santos fez o melhor tempo com 2.10, seguido de Mêquêpê com 2.11.92, Domingos Sá Nogueira (2.12.00), José Meireles (2.13.46), António Silva Pereira (2.13.68) e Mêquêpê (2.15.63). Na corrida as coisas passaram-se de forma um pouco inesperada.

Carlos Santos tomou facilmente

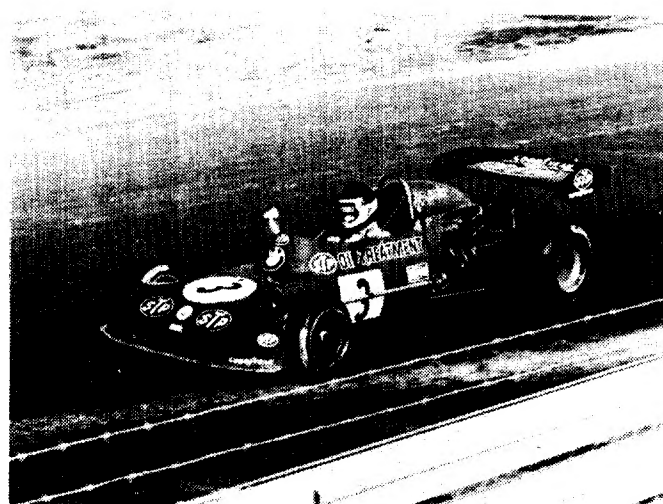
o comando, seguido por Domingos Sá Nogueira, Bernardo Sá Nogueira, e Mêquêpê. Lançando por vezes nuvens de fumo o carro de Carlos Santos deixava suspeitar que mais uma vez não chegaria ao fim. Assim aconteceu mas por motivo diferente: na segunda volta partiu um semi-eixo deixando o caminho livre para Mêquêpê. Silva Pereira foi atirado para o fundo da classificação quando na oitava volta o director da corrida lhe mostrou a bandeira preta em virtude de ter o escape do carro a arrastar pelo chão.

CLASSIFICAÇÃO FINAL
1. Mêquêpê (Chevrolet Camaro), 10 voltas 22 m. 27 s. 81., média de 117, 472 km/h; 2. Bernardo Sá Nogueira (Alfa Romeo) 2000 GTV, 10 voltas, 22. 27. 81; 3.º, Domingos Sá Nogueira (Alfa Romeo 2000 GTV) 10 voltas; 4.º José Meireles (Ford Capri), 10 voltas; 5.º, Francisco Fino (Datsun 1200), 10; 6.º, Santinho Mendes (Datsun 1200), 10; 7.º, Edgar Fortes (Simca Rallye 2), 10; 8.º, Luis Gomes (Datsun 1200), 10; 9.º, António Costa Félix (Alfa Romeo), 10; 10.º, Mário Gonçalves (Austin Cooper S).

As classificações a partir do 5.º ficaram suspensas em consequência de uma reclamação contra os Datsun apresentados por Edgar Fortes.

GRUPO II — RIBEIRO DE SOUSA SEM APELO

No Grupo 2, Jorge Ribeiro de Sousa, no seu Escort RS preparado por David Wood, era o grande favorito embora admitindo-se forte oposição do angolano Teixeira da Silva, que dispunha de um Capri RS e dos irmãos Sá Nogueira nos dois Alfa Romeo 1300. Os melhores tempos dos treinos pertenciam a Domingos Sá Nogueira (2.03.20), Bernardo Sá Nogueira (2.04.04), 2.04.69 e Francisco Fino (2.04.94). Jorge Ribeiro de Sousa não chegou a completar nenhuma



Jean Pierre Jarier campeão da Europa de Fórmula 2 veio ao Estoril obter mais uma vitória.

volta por avaria na bomba de gasolina. Este facto coadou-o na perspectiva desagradável de não poder alinhar na corrida porque o regulamento da prova continha uma bizarra alínea impedindo a possibilidade de alinhar a todos os concorrentes que não tivessem feito um mínimo de três voltas consecutivas. Mais tarde, com o acordo de todos os concorrentes Jorge Ribeiro de Sousa foi admitido na corrida. Após a primeira manga da Fórmula 2 Wilson Fittipaldi emprestou-lhe a bomba de gasolina do motor sobresselente do seu carro. Arrancando da última linha da grelha Ribeiro de Sousa depressa se colocou na frente depois de ter andado uma volta atrás de Domingos Sá Nogueira. Este sofreu um forte ataque de Teixeira da Silva para lhe arrebatá-lo o segundo posto mas na 5.ª volta o angolano na última curva

da nova variante travou demasiado tarde saindo pela escapatória. Os dois pilotos da frente ficaram completamente à vontade se bem que Jorge Ribeiro de Sousa nunca chegasse verdadeiramente a ter opo- sitores para o seu carro. Esta corrida, que foi a última do programa acabou já de noite.

CLASSIFICAÇÕES — 1.º Jorge Ribeiro de Sousa (Escort RS), 10 voltas, 20 m. 28. s. 87, média de 127, 434 km/h; 2.º, Domingos Sá Nogueira (Alfa Romeo), 10; 20. 48. 97; 3.º, Teixeira da Silva (Capri RS), 10; 4.º, Francisco Fino (Datsun 1200), 10; 5.º, Mário Gonçalves (Austin Cooper S), 10; 6.º, Gomes Pereira (Opel 1900 S), 10; 7.º, José Megre (Datsun 1200), 10; 8.º, António CMAIMPOS (Datsun 1200), 10; 9.º, Costa e Silva (Imp.), 9; 10.º, J. Carlos Ferreira (Escort TC), 9.

perdendo uma volta. Entretanto Jarier tinha descolado e uma vez mais preparava-se para ganhar com plena autoridade.

riante, este tapou-lhe a trajectória obrigando-o a atravessar-se e a um ligeiro despiste que o fez perder algum tempo. Pouco a pouco foi porém ganhando terreno e na quarta volta passou Pinhoi que se queixava de problemas de embraiagem. Depois iniciou a perseguição a Carlos Gaspar mas já não teve tempo nem foi necessário que o piloto do BIP esforçasse o andamento pois, em relação aos tempos dos treinos estava a rodar com cerca de um segundo de reserva.

CLASSIFICAÇÃO — 1.º, Carlos Gaspar, (Lola T 292), 10 voltas, 18. 04. 10, média de 144, 451 km/h; 2.º, Carlos Santos (GRD), 18. 11. 15; 3.º, Lumaró (GRD), 18. 48. 56; 4.º, Jorge Pinhoi (Lola T 292), 18. 49. 47; 5.º, Miguel Lacerda (Porsche), 18. 57. 23; 6.º, Pedro Rasteiro (Porsche), 19. 48. 90; 7.º, Vasfer (Lotus TC), 19. 49. 54.

Volta mais rápida — Carlos Gaspar (1. 45. 19), média de 148873 km/h.

FORMULA 2 — JARIER "EXPLICA" O TÍTULO DE CAMPEÃO

A corrida de Fórmula 2, disputada em duas mangas de 30 voltas constituía a base do programa. Na primeira sessão de treinos, realizada na sexta-feira, apenas 13 concorrentes estiveram presentes. No sábado treinaram já 18 carros e esta sessão foi assinalada por um despiste aparatoso de Tim Chenken na curva Citroen por se ter partido um cubo de rodas traseiro do lado esquerdo. O condutor saiu ileso mas a pista esteve cerca de 45 minutos ocupada até que os serviços respectivos retirassem o carro. De salientar porém que os serviços de segurança reagiram prontamente embora não tivesse sido necessária a sua actuação.

Após as sessões de treino de sexta e sábado Jarier creditou-se com o melhor tempo (1. 35. 65), seguido de Coulon (1. 35. 70), Brambilla (1. 36. 31) e Wilson Fittipaldi (1. 36. 53) Araújo Cabral que dispunha de um March de fábrica em boas condições mas com menos cerca de 10 cavalos em relação aos restantes e ainda porque não estava adaptado na penúltima linha, tendo sido cronometrado com 1. 40. 14.

A partida para a primeira manga foi dada pelo ex-campeão do Mundo Emerson Fittipaldi, que antes fora à tribuna cumprimentar o Prof. Marcello Caetano que assistiu à corrida.

Dos inscritos não alinharam os Elf Coomb, de Tim Schenken e Jabouille. Schenken destruiu o carro nos treinos. Quanto a Jabouille a sua retirada deve-se ao facto dos técnicos recearem uma nova fractura num cubo das rodas pois é a segunda vez que a avaria se produz nos Alpine. A primeira foi num Protótipo. Há o receio de que seja um problema de fadiga do metal.

Esta primeira "manga" constituiu um assunto privado de Coulon que se colocou logo na frente, Jarier e Brambilla, Wilson Fittipaldi acabou por perder tempo pois teve que mudar um pneu furado na oitava volta. Entretanto Jarier passava para o primeiro lugar. A partir do meio da corrida assinala-se uma melhoria grande de Araújo Cabral.

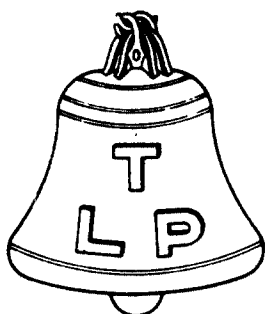
Jarier acabaria por vencer com certo a vontade mas alguns incidentes assinalaram esta primeira "manga" salientando-se um despiste de Claude Bourgoignie.

A classificação da primeira "manga" ficou estabelecida do seguinte modo: 1.º, Jarier (March BMW), 30 voltas, 48. 54. 48, média de 160, 096 km/h; 2.º, Coulon (March BMW), 49. 21. 90; 3.º, Stommelen (Brabham), 49. 33. 44; 4.º, Brambilla (March BMW), 49. 43. 97; 5.º, Kazato (GRD), 49. 12. 88; 6.º, Araújo Cabral (March-BMW), 49. 56. 49; 7.º, Wilson Fittipaldi (Brabham), 50. 03. 70; 8.º, Gubelmann (March BMW), 50. 38. 55; 9.º, Bourgoignie (GRD), 27 voltas; 10.º, Hans Stuck (March BMW), 26 voltas.

Para a segunda "manga" a grelha transformou-se em função das classificações obtidas na primeira. Araújo Cabral obteve assim um lu-

Continua na pag. 17

O "DIÁRIO DE LISBOA" é vendido por FRANCISCO MARQUES — GOLEGA



TELEFONES DE LISBOA E PORTO

INFORMA

ASSINANTES LIGADOS À CENTRAL DE ALMADA

Na noite de 19 para 20 do corrente mês procedeu-se à alteração de prefixos numéricos dos telefones dos seguintes Assinantes:

Iniciados por «272» — alteraram para «2765»

» » «273» — » » «2766»

» » «274» — » » «2767»

As restantes linhas de rede com prefixos numéricos «276» mantêm a mesma numeração.

LEMBRE-SE DESTAS ALTERAÇÕES

DL/OPINIÃO

TODOS PRECISOS OUTRA VEZ

O menos que se pode dizer dos portugueses que emigraram, é que não se sentiam bem na sua terra; o mais que deve admitir-se, é que a vida nela se lhes tornara insuportável, e a palavra só pode parecer excessiva a quem nada sabia ou não tenha querido saber das condições de existência desse milhão de compatriotas nossos que, legalmente ou ilegalmente, atravessaram a fronteira. Censurá-los pelo que fizeram, seria absurdo: o patriotismo é muito mais fácil quando o ventre está satisfeito, e se a pátria (esta ou qualquer outra) tardamente se lembra ou lhe convém apelar para o emigrante, este tem o direito de perguntar-lhe: «Que fizeste tu por mim, quando eu de ti precisava e para ti trabalhava?» A resposta, no que a nós toca, só poderia ser uma: «Nada». A não ser (vá lá) afrouxar a vigilância nas fronteiras e mostrar distração, embora não poupando ao emigrante nem uma só das angústias e das servidões da clandestinidade...

Parece que, neste momento, muita gente prefere esquecer as condições em que se processou o irresistível movimento migratório que empobreceu gravemente o nosso capital humano. Aceita-se o facto consumado e maneja-se a situação como se todos os pontos do processo fizessem afinal parte dum inteligente plano levado a cabo com êxito completo. E agora já se tornou comum multiplicar apelos para o regresso dos portugueses emigrados, mostrando como são explorados lá fora (o que em muitos casos é verdade, mas já devia saber-se antes...) e como são necessários cá dentro (o que não é mais verdade hoje do que era ontem...). Tudo se passa como se depois de abundante sangria se pretendesse fazer voltar o sangue ao corpo que o deixara escapar...

Dizem-nos agora que «a Nação precisa de todos para realizar a grandiosa obra iniciada», fórmula que nada acrescenta àquela outra que sentenciava que «todos não somos de mais para continuar Portugal», e fazem-se iluminadas observações como esta: «Os emigrantes sofrem com a separação da Pátria e, longe da sua terra natal, enfrentam problemas difíceis, relacionados não só com a falta de habitação condigna, como também com as diferenças salariais impostas por empresários gananciosos que, embora lhes aproveitem as qualidades de trabalho, esquecem a condição humana desses trabalhadores, não obstante os vários acordos e tentativas de melhoria que Portugal tem obtido junto dos países que absorvem a nossa mão-de-obra». Formalmente, apesar da imprecisão do que seja obter tentativas de melhoria, nada há a objectar contra a flagrância da imagem que assim retrata o quotidiano do português imigrado: a frase faz o seu efeito, é oratória quanto baste, e ainda por cima diz claras verdades...

Mas, tendo ficado expresso o nosso acordo, permita-se-nos que mostremos como a mesmíssima frase poderia ter sido dita (com exclusão, evidentemente, do seu último sector...) para explicar, a quem dúvidas tivesse, as razões que levaram mais de um milhão de portugueses a abandonar o seu país, alguns «até um dia», a maioria «até nunca mais». Sofriam aqui de «problemas difíceis», não tinham «habitação condigna», eram vítimas de «diferenças salariais» e, que ninguém duvide, não estavam a salvo de «empresários gananciosos»... E será necessário acrescentar que, mesmo tendo em conta a inevitável vaguidade da expressão, também aqui se esqueceu e vai esquecendo a «condição humana»?

Somos os primeiros a desejar o regresso dessas centenas de milhares de portugueses. E que, na verdade, fazem muita falta a Portugal... Mas também faz muita falta a franqueza no reconhecimento dos erros, das falhas, das incapacidades. Em contrapartida parece que não acaba nunca mais aquele conhecido jeito de utilizar as palavras como cortinas de fumo que, se não escondem a realidade a distorcem para a fazerem servir aos novos interesses dos mesmos interessados...

Aprovado o estatuto do pessoal de enfermagem

Por Portaria do secretário de Estado do Trabalho e Previdência foi aprovado o Estatuto do Pessoal de Enfermagem. Técnico e Auxiliar de Medicina ao serviço das Instituições de Previdência, o qual representa «um todo sistemático de normas especiais reguladoras do regime de trabalho do pessoal de enfermagem, técnico e auxiliar de medicina em serviço nas instituições de previdência».

Refere-se no diploma que os ajustamentos efectuados pretendiam não só uma equiparação com as carreiras de enfermagem da saúde pública e dos hospitais «como ressaltavam aspectos que uma definição coordenada permitiria formular uniformemente», considerando-se em vigor desde 1 de Maio último.

As remunerações estabelecidas até 30 de Abril de 1974 são as seguintes (indicando-se entre parêntesis as que vigorarão a partir dessa data) indicando-se as categorias mais altas e as mais baixas: enfermeiro-superintendente, nas caixas de Lisboa e do Porto, 8.165\$ (9.390\$); auxiliar de enfermagem até um ano, 3.400\$ (3.900\$); empregada de consultório, até um ano, 3.200\$ (3.400\$); técnico de farmácia de 1.ª classe, 10.810\$ (12.161\$); praticante de farmácia, 2.500\$ (2.875\$); técnico especialista de análises, 11.730\$ (12.903\$); auxiliar, 3.400\$ (3.910\$); técnico-chefe de radiologia, 5.980\$ (6.877\$); ajudante de câmara escura, 3.400\$ (3.910\$); técnico fisioterapeuta de 1.ª classe, 4.830\$ (5.554\$); auxiliar, 3.400\$ (3.910\$); preparador de 1.ª classe de cardiologia, 4.830\$ (5.554\$); auxiliar, 3.400\$ (3.900\$).

Serão reclassificados, de harmonia com as categorias profissionais previstas no Estatuto, o pessoal das seguintes categorias actualmente ao serviço: como enfermeiro-chefe ou subchefe de posto os enfermeiros que exercem, respectivamente, funções de chefia ou de subchefia de enfermagem nas unidades médico-sociais; como empregado de consultório, os auxiliares de arquivo clínico e os ajudantes de consultório; como técnico-chefe, os técnicos de radiologia que exercem a função de chefe de turno; como encarregado de câmara escura, os ajudantes de câmara escura que coordenem os respectivos serviços.

Corporativismo

Com um trabalho de José Esteves, sobre «Cooperativa da habitação», inicia-se hoje às 21 e 30 na sede da Casa da Beira-Douro, no Porto, um ciclo de palestras sobre Cooperativismo, que se prolonga por toda a semana, sendo todas as sessões à mesma hora. Amanhã, monsenhor Soares Martins debruçar-se-á sobre «A Cooperativa de Consumo» no dia 25, «A Cooperativa de Produção» pelo dr. Fernando Ferreira da Costa, no dia 26, o eng. Artur Castilho falará sobre «Legislação sobre Cooperativismo». No sábado efectuar-se-ão as reuniões finais para a elaboração dos relatórios e no domingo serão lidas as conclusões pelo prof. Moreira Lopes.

Ordem dos Advogados

PORTO, 22 — Na sede do Conselho Distrital do Porto da Ordem dos Advogados (Palácio da Justiça), efectua-se hoje, às 21 e 30, a oitava sessão do corrente ano judicial da conferência preparatória do estágio. Preside à reunião o dr. Fernando Aguiar Branco.

URBANO TAVARES RODRIGUES

Os pavores arcaicos

Deus. Agora já nunca penso em Deus. Estudei, mal, mas estudei o materialismo dialéctico, aprendi a história das religiões, confrontei-as, pesquisei nelas a superstição. E, no fundo de mim, calquei os pavores arcaicos que vinham à tona da angústia, principiei a conviver com a morte sem súplicas nem palavras ásperas. Em perigo, barriquei-me no racionalismo, na indiferença. Nem sempre o consigo perfeitamente, tanto que, às vezes me torço e morde-me, entre pesadelos, como um escorpião, para não exalar

a vaga súplica sem sentido, o apelo que já nem seria apelo, mas hábito de suspiro-consolo: «meu Deus»!.

Não, nem sequer tenho estatura para matar a Deus, ele é que se esborroou, castelo de mitos, de falsos segredos, de falsas grandezas, à minha vista, sem eu lhe soprar. Bom! É assim mesmo.

Mas não sei ainda de nome que cubra as minhas sensações de contemplativo, quando vou acampar para os promontórios do fim do meu mundo e acho o beijo da natu-

reza, morno, vivo de uma vida infinita (?) que me deixa em êxtase. Sim, creio na humanidade e na ciência. Na ciência que todos os dias progride e se desmente e que torna grotescos os cépticos simplórios. Sim, creio na ciência, mas sou irremediavelmente daquela espécie de homens que dialoga com o vento, com as folhas dos choupos, com a nostalgia, não a de Deus, mas a das quietas searas crepusculares, a das praias nítidas, onde me deito para morrer-me, de ouvido colado à areia fresca...

CINEMA DE PARIS

J. A. FRANÇA

O ESTRANHO SORRISO DE LA POUJADE - 2

«Todos os problemas postos no filme são abordados a partir da sua irre realidade, quer dizer do imaginário, para serem figurados, construídos em função da filmagem». E o filme «permite todas as evasões e, por exemplo, imaginar o fim do mundo».

Tal é *Le Sourire Vertical*, terceira obra cinematográfica de Robert Lapoujade, apresentada pelo próprio autor e, enfim, exibido publicamente em Paris; depois de ter sido mostrado a um cento de amigos, e discutido sempre como este pintor, poeta, cineasta, romancista, ensaísta sabe fazê-lo — apaixonadamente, vertiginosamente. Duas maneiras que, aliás, ao próprio filme convêm, como intenção e como ritmo.

Obra «contracultural», a vários títulos anárquica, de difícil leitura, pela multiplicidade dos sentidos e dos elementos ideográficos que se sobrepõem e cavalgam na sua organização, *Le Sourire Vertical*

tem pistas e chaves que são mais pessoais do que ideológicas. E as surpresas do discurso burlesco sobressaltam o espectador — ou a sociedade que (volta a dizer Lapoujade) «defende-se e proíbe uma linguagem que ilumina, através de certo humor, as falsas pistas ou as armadilhas da história, e denuncia a sua seriedade».

As pequenas amputações que foram impostas ao filme para a sua exibição comercial, que falta lhe farão, se não são climax nem conclusão lógica de cenas que a todo o momento mudam de rumo — nesta sobreposição desejada dos «Três Mosqueteiros» e do «Jardim das Delícias», de Dumas e de Bosch?...

A história folhetinesca passada num ambiente fantasmagórico, em que a crítica social e moral pode lembrar Genêt e o seu «Balcão», de metamorfose em metáfora, de metonímia em disfenismo, é um

catálogo de retórica que come à solta — minuciosamente regrada, porém.

Robert Lapoujade é uma força verbal e um monstro imagético — e o herói do seu filme, deputado e historiador, de repente se transforma em pára-quedista, e um rato (um rato monstruoso, emplumado) pode pôr uma bomba, e a rainha infiel devora como um ogre os perseguidores-mosqueteiros...

Um bailado de criaturas incertas, para além do aparente real e do aparente irreal de uma história aparente também — e que será anúncio grotesco de um fim de mundo! Que pode ser o nosso, como fora, no famoso crepúsculo da Idade Média, o de um certo Hieronymus Bosch, pintor como Lapoujade. Um pincel-camera de filmar corresponde agora à técnica antiga — e fá-lo com a saborosa ingenuidade e a proposada malícia dum Méliès extremamente dialéctico...

OS SINDICATOS ALEMÃES QUEREM A REFORMA DA LEI DE PROTECÇÃO À MATERNIDADE

A Confederação dos Sindicatos Alemães (DGB) — organização que engloba dezasseis organismos representativos dos trabalhadores e que começou há pouco a editar uma folha informativa em português destinada aos nossos compatriotas que trabalham na Alemanha Federal — solicitou aos deputados dos partidos políticos no Parlamento Federal que procedessem à revisão da Lei de Protecção à Maternidade ainda neste período governamental.

A vice-presidente da Confederação dos Sindicatos, Maria Weber, apresentou os seguintes pontos considerados como fundamentais na revisão da Lei: «A suspensão do trabalho deve passar para dez semanas, antes e depois do parto da trabalhadora; se faltar ao trabalho, por ordem do médico, não terá qualquer quebra de vencimento desde que apresente a respectiva justificação; devem ser polibidos, sem excepção, os trabalhos por empreitada e nas

bandas transportadoras, durante a gravidez; o horário de trabalho para as mães que amamentam os filhos deve fixar-se em oito horas diárias ou quarenta horas por semana, no máximo; a reclamação das mães trabalhadoras contra a entidade patronal em caso de despedimento, após o parto ou durante a amamentação do filho deve, de futuro, passar de duas para três semanas; se a

mulher pedir a demissão do trabalho durante a gravidez, deve a entidade patronal comunicar o facto à Repartição da Inspeção de Indústrias. A readmissão deve, nestes casos, tornar-se possível dentro de um prazo a estabelecer; nas empresas onde trabalhem mulheres estrangeiras deve existir a tradução, nos respectivos idiomas, da Lei de Protecção à Maternidade».

MELHORA O CAÇADOR FERIDO EM GUIMARÃES

PORTO, 22 — No Hospital de S. João, desta cidade, onde se encontra internado desde ontem, registou ligeiras melhoras o estado de viajante Fernando Carvalho Campelo, de 27 anos, morador no lugar da Costa, em Guimarães, e que para ali foi transportado em perigo de vida, devido a um acidente com uma arma de fogo, quando caçava.

O desastre ocorreu nos montados de Guimarães, por a arma se ter disparado ao cair no chão, atingindo-o no abdómen e no tórax.

Em ALMADA, o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Amadeu & Veríssimo, Praça da Restauração, 12.

DL/GERAL

PORTO

ABERTURA DO SEMINÁRIO MAIOR

Sob a presidência do sr. D. António Ferreira Gomes, bispo do Porto, efectua-se na quarta-feira, pelas 18 e 30, a sessão solene da abertura das aulas no Seminário Maior do Porto.

Proferirá a oração de sapiência o rev. dr. António Ferreira dos Santos, professor daquele estabelecimento de ensino, que versará o tema «Música rítmica, uma esperança para a liturgia do nosso tempo».

INTERCÂMBIO

W.F. Humphries, representante superior de comércio da Missão Rodésiana em Lisboa, estará na quinta-feira na Associação Comercial do Porto, para contactar com firmas portuguesas interessadas no comércio daquele país. As entrevistas poderão ser marcadas para aquela Associação.

BOMBEIROS

Com hastear de bandeira, sessão solene, missa e romagem ao cemitério, a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Espinho comemorou o 78.º aniversário da sua fundação.

SUBMARINO EM LEIXÕES

Em visita de rotina, estará em Leixões, de 26 a 30 do corrente, o submarino «H.M.S. Porpoise», da Marinha de Guerra britânica. Tem uma tripulação de 6 oficiais e 63 sargentos e praças. É comandante o capitão-tenente Norman Hodgson.

GRUPO DESPORTIVO DA FACAR

Na quarta-feira, nas instalações do Grupo Desportivo da «Facar», realiza-se, pelas 22 horas, uma reunião com os representantes dos órgãos da Informação, para tratar assuntos ligados ao «I Grande Concurso de Pesca de Mar» que aquele grupo levará a efeito.

COIMBRA

SECRETÁRIO DE ESTADO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

O secretário de Estado da Saúde e Assistência, dr. Alfredo Jorge Assis dos Santos, visita Coimbra nos dias 24 e 25 do corrente. Durante a visita, aquele membro do Governo visitará departamentos dependentes do seu ministério, procedendo no dia 24, à inauguração do Hospital Geral da Colónia Portuguesa do Brasil.

Entre as visitas a efectuar, estão programadas as obras do Hospital Pediátrico, obra Mater-

no Infantil Doutor Bissau Barreto, Centro de Neurocirurgia e de recuperação, na Gala, Figueira da Foz, Instalações dos Hospitais da Universidade (Bloco Central); zona do Hospital de Celas e Pavilhão Hospitalar de Vila Nova de Ceira, Góis.

SUBSÍDIO PARA AUTOCONSTRUÇÃO

O Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian, deliberou atribuir ao Governo Civil de Coimbra, com destino à obra de Promoção Social, o subsídio de 400 contos e destina-se a fomentar a construção de casas em regime de auto-construção, as quais, uma vez concluídas, ficarão a pertencer aos respectivos agregados familiares construtores.

REUNIÃO DE COMERCIANTES

Está marcada para quarta-feira, uma reunião de comerciantes com vista à definição de um programa para o Natal nas ruas. O local do encontro é a sede da União dos Grémios dos Logistas de Coimbra.

APROVADO O AUMENTO DO PESSOAL DOS SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS

O estudo dos novos vencimentos do pessoal dos Serviços Municipalizados foi o assunto de maior interesse debatido na última reunião da Câmara Municipal de Coimbra, presidida pelo eng.º Araújo Vieira. Foi

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Eusébio Ferreira Carvalho — MARINHA DAS ONDAS

nomeada a comissão central das Festas da Rainha Santa.

Do expediente apresentado regista-se os balancetes, a informação de que ficou deserto o concurso para a construção do lanço de estrada Brasfemes-Souselas, deliberando-se mandar proceder a novo estudo das condições do projecto; aceitar a oferta dos proprietários dos terrenos, em Taveiro, em condições acessíveis, a adquirir pela administração, com vista à expansão industrial dessa zona; aprovar a construção de um imóvel na Avenida Navarro. Foi aprovado o estudo dos novos vencimentos do pessoal dos Serviços Municipalizados, conforme deliberado pelo Conselho de Administração daquele departamento.

Em seguida o presidente anunciou ter recebido da Junta Autónoma das Estradas um ofício, que juntava o perfil longitudinal do futuro viaduto de S. José, destacando o valor dessa importante obra, deliberando a Câmara prestar a sua colaboração. Anunciou também, ter sido procurado por uma importante empresa de confecções para exportação, para a aquisição de um terreno destinado à montagem dessa indústria em Coimbra a qual oferecerá cerca de 300 postos de trabalho. Foi deliberado abrir concurso para a venda de uma faixa de terreno na descida da Venda do Cego.

Propôs também o presidente, que fosse nomeada a Comissão Central das Festas da Rainha Santa, que ficou assim constituída: presidentes da Câmara Municipal e União de Grémios e Comissão de Turismo, prof. dr. Campos Neves; Cândido dos Santos Carvalhal, José Carlos de Sá, rev.º Nunes Pereira, dr. Santos Madeira; José Pimenta Gomes Simões Pimentel de Sousa e Carneiro da Silva.

Reuniões científicas do pessoal do S.M.N.

O plano das reuniões científicas do pessoal técnico do Serviço Meteorológico Nacional no primeiro trimestre de 1973-1974 inclui: no dia 31 deste mês, «Programa mundial de investigação e utilização da energia solar», pelo meteorologista-chefe prof. Alfredo S. Mendes; 7 de Novembro, «VI Sessão da Comissão de Instrumentos e Métodos de Observação da O. M. M. (Helsínquia, Agosto de 1973)», pelo meteorologista dr. Mário R. Calado; dia 14, «Determinação de perfis verticais de algumas grandezas meteorológicas por satélites», pelo meteorologista dr. Mário de Almeida.

No prosseguimento das sessões, estão previstas: dia 21 de

Novembro, «Aplicações da meteorologia e da climatologia», pelo meteorologista dr. José M. Rocha Faria; dia 28, «Congresso Mundial do Ar Limpo (Düsseldorf, Outubro de 1973)», pelo meteorologista dr. Renato A. C. M. Carvalho; 5 de Dezembro, «Variações do ozono e do campo de corrente na região de Lisboa», pelo meteorologista dr. Mário F. Figueira; dia 12, «Análise da composição actual da alta atmosfera», pelo meteorologista dr. Luís A. Mata; e 19 de Dezembro, «Actividades do Serviço Meteorológico Nacional no âmbito do VI Plano de Fomento», pelo dr. A. Silva de Sousa, director-geral do Serviço Meteorológico Nacional.

Rádio Barlavento

Rádio Barlavento, emissora de S. Vicente, Cabo Verde, nomeou seu delegado em Lisboa, o realizador-locutor Aurélio Carlos Moreira, que desde 1971 permaneceu no arquipélago, estando assim inteirado das preferências do público local.

Diariamente são enviados programas musicais e informativos, numa valorização da programação da Rádio Barlavento, que no momento ocupa seis horas diárias em onda curta e hora e meia em modulação de frequência, com produção independente.

Entretanto acaba de ser adquirido novo emissor muito mais potente, que possibilitará a escuta de Rádio Barlavento em óptimas condições não só em Cabo Verde, como em toda a costa de África, compreendida entre Dakar e a Guiné Portuguesa e noutros pontos, como Açores e Canárias.

Com a entrada em funcionamento do novo emissor, as horas de programação serão aumentadas e numa nova linha de programação os serviços informativos terão o seu lugar destacado.

Lama e obras de Santa Engrácia em Monchique

MONCHIQUE, 21 — Agora que começou aqui a época das chuvas, a estrada que dá acesso à escola primária está transformada num lamaçal. As crianças chegam à escola com os pés completamente encharcados em lama, e ainda estamos no começo do Inverno que é longo.

Entretanto só funciona um edifício dos dois que constituem a escola. As obras que deveriam ter sido feitas durante o Verão não foram concretizadas e este foi o resultado. Mas, diz-se por aqui, «as obras públicas de Monchique são sempre obras de Santa Engrácia».

Problemas do município de Portimão

Sob a presidência do eng. Virgílio Calado, reuniu-se a Câmara Municipal de Portimão, que se ocupou de vários assuntos, entre os quais a necessidade da melhoria de acesso à Praia da Rocha e a conveniente drenagem das águas pluviais que, frequentemente, provocam inundações na Rua D. Carlos I e zona portuária.

Na mesma sessão a Câmara deliberou ainda: aprovar diversas obras particulares, entre as quais, o conjunto de vacarias que a Torralta pretende instalar no seu complexo turístico e agrícola do Morgado de Arge; aprovar as alterações requeridas pela Sociedade de Investimentos Hoteleiros da Praia da Rocha, S. A. R. L., no Hotel Algarve e ligação entre este hotel e seus anexos, com a condição de que sejam públicas as esplanadas a criar; informar a Direcção-Geral de Turismo de que na apreciação da urbanização requerida para o «Monte Canelas» haverá que tomar em consideração o facto da Necrópole de Alcalar

se situar a cerca de 150 metros do limite desta urbanização, para salvaguarda dos valores e riqueza arqueológica do local; aprovar balancetes; conceder licenças para férias; autorizar a aquisição de um duplicador e uma guilhotina para a Biblioteca Municipal; autorizar diversos pagamentos; nomear um continuu; conceder diversas licenças sanitárias; proceder a diversas vistorias; prestar a colaboração pedida pelo Fundo de Fomento da Habitação na elaboração de um inquérito às condições habitacionais do concelho.

O eng. Virgílio Calado informou a Câmara da reunião de trabalho tida em Faro com o ministro do Interior, bem como das diligências em curso para melhoria do gabinete técnico dos Serviços Técnicos e Obras, com vista a acelerar os pareceres camarários sobre grande número de projectos de obras particulares que aguardam despacho.

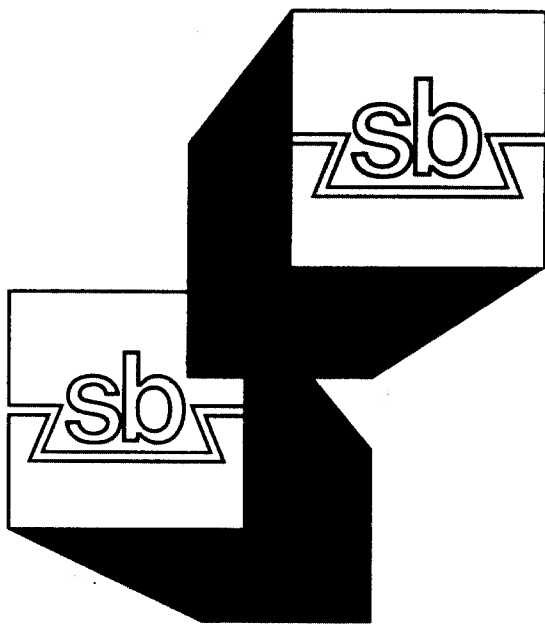
Bragança: Novos auxiliares de enfermagem

As cerimónias de encerramento do 1.º Curso de Auxiliares de Enfermagem de Bragança realizaram-se nas dependências do hospital distrital desta cidade, com uma sessão solene presidida pelo governador civil do distrito. Os novos auxiliares de enfermagem depois de algumas palavras, fizeram o juramento solene, seguindo-se a atribuição de prémios aos alunos que mais se distinguiram durante o curso.

Feira do cavalo na Golegã

De 4 a 11 de Novembro decorrerá na Golegã a II Feira Nacional do Cavalo, que será preenchida com numerosas manifestações tauromáquicas em que o cavalo será o elemento central.

Do programa fazem parte três corridas, a saber: Dia 4, Festival Taurino; 11, Corrida de Gala Luso-Espanhola e finalmente, a 18, Corrida Mista.



sousa braga
móveis e decorações, sarl.

sob projecto
atelier josé espinho
colaborámos
na remodelação
do hotel capitol.

Fábrica 1 - R. Latino Coelho - Venda Nova - Amadora - Telef. 9704 43 - 9702 83 - 9704 62.
Fábrica 2 - Póvoa St. Adrião - Telef. 9104 22 - 9125 02.
Loja - Estrada de Benfica, 174 - Lisboa 4 - Telef. 7817 44 - 7805 99.

OMEU AMOR DE ALGUM DIA NA MESA DA ANATOMIA

O público estava pelos cabelos com o «Domingo à Noite». Puseram-se as graves meninges a trabalhar e inventaram *Vinte e cinco milhões de portugueses*, título enorme, ambicioso, cientificamente estudado: Viana do Castelo era a pedra de sopa da pedra.

Somos da opinião de que os portugueses devem conhecer o seu país e todos os esforços devem ser feitos nesse sentido. Conhecê-lo no tempo próprio, que é o nosso; conhecê-lo cor-por vivo no tempo vivo.

Viana do Castelo não é uma terra ideal, que só tem o passado e talvez venha a ter algum fomento no futuro. Viana do Castelo vive, como nós todos, o seu dia-a-dia, tem os seus gritos, as suas queixas, as suas derrotas, as suas vitórias. Tem o seu trabalho e a sua falta de trabalho. Tem o que tem, não tem o que não tem: vive, luta, cruza os braços quer, requer, clama, exige, manda às urtigas. Em resumo: Viana do Castelo tem o seu presente do indicativo, como todo o ser que se preza.

Alguém viu ontem na televisão tal Viana do Castelo? Alguém viu lá um operário dos estaleiros, um camponês do interior, um cultivador das veigas? Alguém viu a respiração de Viana do Castelo? Se alguém viu, diga-mo. Diga-mo, que eu quero saber onde e quando fechei os olhos.

Viana do Castelo não veio até nós pelo seu pé: veio horizontal e gelada para a mesa de anatomia.

III

Mas então que paródia é esta?

Para nos falar da música do Minho vem um maestro alemão

para quem a diferença entre as canções do Alto e Baixo Minho é uma questão de compassos a mais ou a menos?

Para nos dar uma ideia do autêntico folclore do Minho vem um rancho onde a autenticidade popular parece não ser a nota dominante?

Em representação de Viana do Castelo estão as gaitas de beijos cosmopolitas? O folclore de Viana que raio é que tem a ver com o cançonetismo-de-tergente de Simone de Oliveira? E que diabo tem a ver com Viana a presença de Paco Bandeira, que diabo tem a ver com Viana o facto de Bandeira ir representar o nosso país (mas vai mesmo? num festival em Novo Horizonte? Onde está o traço que liga Viana do Castelo a Anne-Marie David? Ainda se entendia se fosse em representação do povo minhoto que labora em França. Mas não era. Henrique Mendes afirmava que «a música não tem fronteiras». Infelizmente, o que entre nós não tem fronteiras é a submúsica desta e de todas as Annes-Maries que, com a cumplicidade da televisão portuguesa, nos impingem as suas mercadorias sem qualidade.

Mas ao menos, ao menos não metam nisto nomes honrados como o de Viana do Castelo que, para cúmulo (e para seu bem...) não percebeu uma palavra das canções da convidada de honra.

IV

Mas então que paródia é esta?

Convidam para falar o historiador José Rosa Araújo. A propósito de etnografia, não sei que os trajes das raparigas; a propósito da acção dos vianenses na colonização do Brasil, que foi extraordinária. Importância histórica... sim, em mil quinhentos e qualquer coisa. Depois houve o açúcar e foi o renascimento, a seguir os



Por MARIO CASTRIM

diamantes e foi o barroco. Alto e Baixo Minho? Sim, folclore diferenciado, pois tivemos muito prazer em conhecê-lo...

Convidaram para falar o jornalista Artur Maciel e pensar-se-ia que ia haver crítica às artes plásticas de Viana ou depoimento sobre a tradição jornalística (mais tarde, far-se-ia ligeira referência à «Aurora do Lima»: duas palavras, quando se esperaria todo um programa dedicado a esse «caso» na História da Imprensa em Portugal!).

Nada disso. Mendes queria ouvir falar de outras coisas, queria ouvir falar de Campo Tourinho, vianense ilustre que

muito contribuiu para a colonização do Brasil. Artur Maciel fez-lhe a vontade, alinhavou meia dúzia de palavras a propósito. Mas se pouco foi o que disse, muito foi o que calou. e Arur Macial a convite de Henrique Mendes va de se estender sobre os almoços na Casa do Minho. Ficou-se por aqui. A gastronomia — por que não? — podia ser um tema curioso tratado vpor Artur Macial. Mas nem nessa actualidade deixavam meter a colher...

A propósito continuou com a apresentação de António Manuel Couto Viana, a quem Henrique Mendes chamou poeta

dos mais prestigiosos, sem que o interessado esboçasse um gesto, mesmo simbólico, de modéstia ou de protesto.

Couto Viana continuou a falar de si Recitou, com a boca cheia que lhe é característica. Carlos Queirós, Rosa Lobato de Faria recitou uns versos dele onde se diz, entre outras coisas, que é tempo de flauta, que é tempo de rega, que é tempo do eco dos graves mungidos, que é tempo de uva, que é tempo de torna, que é tempo de fuga...

Com mil diabos, e já não era tempo de falar de Viana do Castelo? Que é que tudo isso, o pamarianismo, os versos e os projectos de Couto Viana, o que é que tudo isso tinha a ver com a cidade? Sobre a cidade dos nossos dias, Couto não sabe nada: *Culturalmente um fogo morto? Faço votos por que não se esqueça das coisas do espirito que quanto a mim devem presidir a tudo.*

Claro, claro, as coisas do espirito. Olha que coisa! As coisas devem presidir. Mas que coisas? Couto desconhece. Será mesmo que «as coisas

do espirito» são de tal modo inexistentes em Viana? Não acredito. Talvez Couto não saiba. Mas se não sabe, que foi ele lá fazer?

Ora, foi lá porque é uma glória da cidade. Por que é que havia de ser?

A série de entrevistas encerrou com a presença de Alfredo Pinto, antigo governador civil. Plano de Fomento. Troca de bens futuros por bens presentes mais uma comunicação ao país, fruto da época.

V

Chega-se ao fim desta «gracinha» e uma certeza se radica: ninguém ficou a conhecer Viana do Castelo, ninguém ficou sequer a fazer uma pálida ideia do seu rosto humano. Esta foi a grande derrota do programa, porque falhou nos apregoados objectivos.

Naturalmente, esta emissão servirá de paradigma às restantes. Nesse caso vamos assistir a uma colecção — mais

Continuação da pag. 17

A TECLA CERTA

QUE MULTIPLICA AS SUAS ECONOMIAS AO RITMO DO NOSSO TEMPO



DEPÓSITOS DE POUPANÇA DA CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

A tecla que o ajuda a poupar, permitindo-lhe um rendimento mais elevado, que poderá atingir 6,75%, totalmente isento de impostos.

Um Depósito de Poupança pode iniciar-se com formalidades simples e benefício de todas as suas vantagens. Informe-se na Caixa Geral de Depósitos, em qualquer das suas dependências.



CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
INSTITUTO DE CRÉDITO DO ESTADO

CORREIOS ASSALTADOS EM CARCAVELOS

Informa a Polícia Judiciária que, arrombando a grade de ferro de uma janela existente nas traseiras do edifício, indivíduos não identificados introduziram-se, esta madrugada, na Estação dos Correios de Carcavelos, de onde conseguiram levar apenas documentos e impressos de pouca importância depois de revolverem várias gavetas e de haverem tentado arrombar um cofre portátil com algumas dezenas de contos em depósito.



D. HELDER CÂMARA:

«NÃO VACILO ENTRE CAPITALISMO E SOCIALISMO»

FRANCISCO DE SÁ CARNEIRO:

«AS LIBERDADES PÚBLICAS E OS DIREITOS CÍVICOS»

No «Jornal do Fundão»
Hoje posto à venda

DL/ESPECTÁCULOS

CINEMA
Crítica

LUDWIG, OPUS 1 DE LUCHINO VISCONTI

Título: LUIS DA BAVIERA (Ludwig)
Realização: Luchino Visconti, 1972 (Itália-França-Alemanha)
Argumento: Luchino Visconti, Enrico Medioli e Suso Cecchi d'Amico
Fotografia: (Technicolor e Panavision): Amando Manuzzi
Montagem: Ruggero Mastroianni
Música: Richard Wagner, Schumann e Offenbach
Intérpretes: Helmut Berger (Luis da Baviera); Romy Schneider (Elisabeth); Trevor Howard (Richard Wagner); Silvana Mangano (Cosima); Sonia Petrova (Sophie); Humberto Orsini (Von Holstein); Marc Poirel (Hornig), etc.
Distribuição: Doperfilme
Estreia: Cinema Império (16.10.73)

1. Quem foi Luis da Baviera? Socorramo-nos de alguns elementos compilados de um arti-

go aparecido no *Cinema 73*: Luis II da Baviera, o mecenas de Richard Wagner, «o último rei romântico», o «rei louco», admirado por Verlaine, respeitado por Bismark é bem pouco conhecido.

Numa carta a um amigo, Luis da Baviera escrevia: «quero ser um enigma para mim próprio e para os outros». Nasceu a 25 de Agosto de 1845, em Munique, capital do jovem reino da Baviera. O ducado tornou-se reino graças à estadia de Napoleão. Os Wittelsbach foram, por vezes, (pelo lado materno) considerados estranhos, mas a hereditariedade do ramo dos Hohenzollern esteve, sem dúvida, na origem dos distúrbios de Luis II, e nos do irmão mais novo, o príncipe Otto.

O rei Maximilien, morto em 1864, educou o filho à moda prussiana; muitas privações, severidade e pouca instrução. Quando, com 18 anos apenas, Luis II subiu ao trono, sem qualquer formação política, mas mostrando-se no entanto

lúcido, dá provas de bom senso e de prudência nas relações difíceis do seu país com a Prússia, a Austria e a França. Colocou-se, contrariado, ao lado de Bismark em 1870 declarando que seria preciso conceder aos Hohenzollern a hegemonia em título e de facto; e se foi Luis II quem pediu ao rei da Prússia para receber a coroa imperial depois da derrota francesa, não assistiu, no entanto, ao triunfo alemão em Versaillies.

Em 1859, Luis assiste a uma representação de «Iohengrin»; fica fortemente impressionada por esta ópera de Wagner. Após a sua coroação, envia um convite caloroso ao compositor. Para Wagner, que se encontrava cheio de dívidas e de problemas de toda a ordem, este «coup de foudre» do rei era um milagre. Luis II manda construir a ópera de Bayreuth dedicada a Wagner; o ouro e admiração de Luis II encorajam Wagner a prosseguir a sua obra e a representá-la. Durante anos, Wagner, é, no sentido literal, o deus do rei. O jogo de Cosima Von Bülow, inteligente, ambiciosa, interesseira, mudando de marido ou de amante com o fogo da glória («casa com Brahms», sugere-lhe o ex-marido após a morte de Wagner «é o compositor mais célebre»), baralhou um pouco as coisas. Durante muito tempo o rei recusou-se a acreditar nos murmúrios da polícia, e ele próprio confessou um dia que não acreditava que Wagner e Cosima pudessem fazer algo de vergonhoso mesmo estando sós.

Ingenuidade? Luis II nunca se teria aproximado fisicamente duma mulher; a sua prima Elisabeth da Austria que se parecia tanto com ele, incompreendida, solitária assassina-

da em Montreux —, foi para ele uma amiga cúmplice, uma espécie de duplo.

Muito novo ainda, Luis da Baviera, (há todas as razões para o supor), estabeleceu relações com um primo, Paul de Tour et Taxis. Depois, o «Diário Íntimo» do monarca vai revelando outras paixões, mas Hornig parece ter permanecido como «a maior». Deixando-se resvalar lentamente para a loucura, Ludwig acabará por ser preso, destituído do seu mandato, após ter sido declarado louco por uma junta de médicos que quase nunca o haviam visto. A 13 de Junho de 1886 aparece afogado no lago de Starnberg. Aquele que de si próprio dizia querer permanecer um enigma, acabava de entrar na lenda: suicido, acidente ou crime, que pensar do desaparecimento de Luis da Baviera?

2. Que seduziria Visconti na personalidade de Ludwig para a ele dedicar uma obra de tão grande fôlego? Pois talvez a hipótese provável de através dele estabelecer como que o seu próprio testamento estético e político. Projecto ambicioso. O seu filme acaba por ser uma compilação de grande parte das obsessões do cineasta e de muitas das suas preocupações. Acaba por ser ainda, nem sempre com grande felicidade, uma colagem de diversas situações vistas em anteriores obras de Visconti.

De um ponto de vista histórico, porém, a exemplaridade de Ludwig não suporta qualquer tipo de comparação com *Sentimento* ou *O Leopardo* por exemplo. Enquanto, tanto num como noutro, quer a condessa Serpieri como o Príncipe de Salina definiam personagens típicas de um dado momento

histórico que era através delas analisado, em *Luis da Baviera* a intenção parece ter sido outra: acompanhar com Luis da Baviera a decadência da aristocracia, o seu irremediável naufrágio histórico e social. Neste aspecto, todavia, a personalidade do rei bávaro fornece a Visconti elementos que lhe permitiriam levar mais longe as suas considerações. Na verdade, mercê de condicionamentos diversos, Luis da Baviera, a quem chamaram «o último rei romântico», viu-se progressivamente isolado, marginalizado na sociedade.

Por deficiências próprias (que o levavam a procurar a solidão, a fugir ao contacto com o mundo), mas também por preconceitos da sociedade (que o olhava como anormal, pertencente a uma minoria moral que, somente a sua condição de monarca, não permitia uma mais viva perseguição).

De *Morte em Veneza*, Luis da Baviera recupera também a visão do «artista», fascinado pela Beleza, pela Pureza, pelo Absoluto. E o caso do egocentrismo visceral de Richard Wagner, mas é, sobretudo, o caso ainda de Luis da Baviera, para quem Wagner é, acima de tudo e todos, o seu verdadeiro deus. Impotente e estéril, o sonho artístico e criador de Luis da Baviera irá impor-se sobretudo através dessa interposta pessoa que Wagner representa, como muito bem lhe faz notar Elisabeth. Mas, ao contrário de *A Morte em Veneza* (onde essa descida ao inferno comportava uma certa densidade psicológica e definia com algum rigor os termos dos problemas abordados), em *Ludwig* tudo parece subjugado pela monumentalidade do projecto.

Como algumas sequências admiráveis (todo o início do filme, essa majestosa procissão de figuras de cera que se aprestam para assistir à coroação de Luis da Baviera; ou ainda, por exemplo, a sequência passada no interior de uma gruta), *Luis da Baviera* parece ter de algum modo sucumbido perante a natureza dos propósitos de Visconti que definitivamente os não alcança. Julgamos que era intenção de Visconti sustentar ao longo do filme um certo artificialismo de composição e de comportamento que daria como resultado um filme algo inquietante sobre a permanência de «fantasmas» de uma idade desaparecida. Mas, esse artificialismo (plenamente logrado na sequência inicial e numa ou outra mais), em lugar de aparecer como *distanciamento* crítica frente a personagens e a situações (como era ainda a intenção da integração de depoimentos que interrompem a ficção romanesca da obra, criando sucessivas rupturas dramáticas), acaba por surgir como uma deficiência de estilo ou de tom. Sendo embora uma obra de uma grande dignidade artística (que se impõe não analisar levemente), *Ludwig* parece-nos confirmar uma certa decadência do cinema de Visconti, inegavelmente um dos grandes mestres do cinema italiano do pós-guerra. Tanto mais que, até num simples plano de escrita, se podem assinalar algumas falhas de estrutura (da planificação à montagem). Onde, porém, Visconti confirma plenamente o seu grande talento é na utilização impecável de *décor*s e guarda-roupa nesse gosto refinado e subtil pelo fausto aristocrata de uma época em declínio, magistralmente dada na já referida sequência inicial, onde a câmara evolui muito lentamente por entre um guarda-roupa animado, percorrendo longos corredores e salas.

De Visconti espera-se, portanto, um regresso em grande, enquanto de Luis da Baviera se fica à espera para muito breve da estreia do filme de Hans Jurgén Syberber (*Ludwig, Requiem para um Rei Virgem*) que os acasos da distribuição-exibição lisboeta reservaram para a sala do segundo andar do Império.

LAURO ANÓNIO

"A PRIMEIRA ESPINGARDA NO JAPÃO"

Acaba de surgir no panorama da modesta dramaturgia portuguesa, uma peça de teatro intitulada «A primeira espingarda no Japão», da autoria de João Osório de Castro. O livro, de excelente aspecto gráfico, contém uma adaptação livre de um episódio da «peregrinação» de Fernão

Mendes Pinto, sugerida ao autor pela versão teatral do «Olive» de Charles Dickens, apresentada em Londres. As duas partes de que se compõe o texto poderão servir de base a um espectáculo juvenil, aspecto em que o nosso teatro, se apresenta particularmente pobre.

Para fecho da sua brilhantíssima temporada de verão

o cinema



apresenta

o mais belo filme de amor e suspense jamais realizado



FILMES CASTELLO LOPES apresenta

HOJE, às 21.45

GRUPO C-14 ANOS

EASTMANCOLOR

Em Complemento é exibido o documentário «E DE LONGE SE FAZ PERTO» — Prod. TELECINE

O FILME DO ANO!

ROMA e MUNDIAL

um filme de CLAUDE LELOUCH

A MULHER E O PATIFE

LA BONNE ANNÉE

LINO VENTURA * FRANÇOISE FABIAN



DOPERFILME
EASTMANCOLOR
GRUPO D-18 ANOS

1 SEMANA
em LONDRES

PARTIDAS:
TODOS OS DOMINGOS

Outubro 21, 28
preços
excepcionais a
desde 3350\$

INCLUINDO:
• VIAGEM EM AVIÃO A JACTO
• ESTADIA NO HOTEL
• TRANSPORTES EM TERRA
• VISITA TURÍSTICA DE LONDRES
• TAXAS HOTELEIRAS
• ASSISTÊNCIA DE GUIA abreu

PREÇO PARA JOVENS 2750\$

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA

abreu
FUNDADA EM 1940

LISBOA — Av. Liberdade, 160
Telef. 330031 (16 linhas)
PORTO — Av. das Aliadas, 207
Telef. 37921 (16 linhas)
COIMBRA — Rua da Seta, 2
Telef. 37011/37012

«DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por António Valente Marques, «Tabacaria Marques» — ALCABIDECHÉ

CRÍTICA DE MÚSICA

Da interpretação de certos vícios aos vícios de certas interpretações

Pela música em Portugal... tudo, praticamente, está ainda por fazer. Não temos uma Orquestra Sinfónica, apesar de Pedro Freitas Branco ter fundado a da Emissora Nacional vai para quarenta anos. Carecemos em absoluto das infraestruturas educacionais capazes de fornecer o campo de recrutamento necessário à existência de uma grande orquestra. Perante um concerto como foi agora o inaugural da temporada da Emissora, o auditor atento não pode deixar de perder em receptividade propriamente musical para ganhar em percepção de uma realidade socio-cultural, de que a música é apenas um dos expoentes.

«Impossível por um estudante de música a fazer ditado musical com esta orquestra», comentava a meu lado uma distinta artista que esteve quase vinte anos ausente do nosso país e que confirmou agora, como aliás esperava, a permanência de insuficiências e vícios do nosso passado orquestral.

E que, na verdade, quando se trata de um concerto pela Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, que, não obstante, continua a ser a melhor e a mais versátil das Orquestras Sinfónicas portuguesas, as questões de interpretação põem-se ainda ao nível primário dos erros de ortografia. A afinação é extremamente irregular, a sonoridade dos diversos naipes extremamente heterogênea, as variações dinâmicas extremamente desiguais e desagregadoras. Apurar as linhas interpretativas segundo o plano determinado pelo chefe de orquestra, é assim, tarefa objectivamente impossível. Toda a perspectiva crítica do trabalho da Orquestra da E.N. tem de assentar, forçosamente, num adivinhar de intenções, no esforço permanente para valorizar o lado positivo da contribuição individual dos seus músicos — que os

tem, com prestígio e capacidade em algumas das principais estantes — e «condescender» no lado negativo, que predomina no todo, enquanto entidade colectiva. Por entre a floresta das aparências sonoras, o crítico tem de descobrir ou, repito, adivinhar (através de um processo intuitivo) se é o maestro que claudica, se é a orquestra que dá «pontapés na gramática». Isto para não pôr de parte, in limine, a possibilidade de exercer apreciações diferenciadas sobre as diversas acções da orquestra.

Habitado como está a lidar com ela, e senhor de um indiscutível profissionalismo e musicalidade, o maestro Silva Pereira é dos raros chefes de orquestra que conseguem tirar algum rendimento da Sinfónica da E.N. Ciente da impossibilidade de modelar com rigor a matéria-prima sonora, Silva Pereira procura assegurar ao menos a definição das grandes manchas, apanhar a linha geral, salvar o aspecto de conjunto. Em certos casos, o processo dá resultado e tem-se a impressão ilusória de que a orquestra ganhou maior coesão e está «a tocar melhor». Noutros — e foi nitidamente o que aconteceu agora, com a Quarta Sinfonia de Brahms — tudo se passa como se estivessemos a ouvir um orador através de um circuito radiofónico cheio de interferências, a ponto de por vezes mal se perceberem as palavras (nem sequer estou a referir-me aqui a lapsos acidentais como o verificado, por exemplo, na décima segunda variação do quarto andamento, em que a flauta «perdeu o fôlego» e não concluiu o seu solo). Mas como havíamos nós de ter uma orquestra sinfónica, capaz de tocar decentemente uma obra tão complexa como a Quarta Sinfonia de Brahms, se nos faltam, de todo, as infraestruturas?

Quanto ao trabalho de Silva Pereira, o juízo definitivo fica para daqui a uns dias, quando voltar a dirigir a mesma obra à frente da Orquestra Filarmónica de Zagreb.

Esta última apresentou-se no dia seguinte, ou seja, ontem, no S. Luís, abrindo oficialmente o Concurso Internacional de Violino Viana da Mota. Embora não seja um conjunto de primeiríssima ordem, reúne já todas as condições necessárias e suficientes para bem tocar qualquer obra de qualquer compositor. O bastante para fazer da nossa uma diferença abismal. De resto, o maestro Mladen Basic fez-lhe dar tudo por tudo na 6.ª Sinfonia de Tchaikovsky, arrancando-lhe uma realização admirável.

Entretanto, há que falar dos solistas. Na véspera, a jovem violinista Edith Wolckaert, vencedora do concurso de violino Bach-Mozart, abalançou-se a tocar o concerto de violino de Chostakovitch, com Silva Pereira e a Orquestra da E.N., enquanto Sequeira Costa, com a Filarmónica de Zagreb se encarregou do concerto n.º 3 para piano e orquestra de Rachmaninoff.

Ambos os solistas exibiram largamente os seus dotes mecânicos, o seu virtuosismo. Mas Edith tinha, à partida, maiores responsabilidades do que Sequeira, dado que, embora as duas obras se coloquem um tanto serodidamente no terreno do conformismo tonal, a de Chostakovitch tem uma profundidade que não pode comparar-se com os lugares-comuns do concerto de Rachmaninoff. Resultado: Edith tirou partido da sinoridade admirável do seu precioso instrumento setecentista (Guarnierius) e superou com aparente facilidade todas as dificuldades técnicas, mas esteve muito longe do amadurecimento interpre-

Continua na pág. 10

Alcindo de Carvalho a voz do Fado em novo disco



Alcindo de Carvalho é, já, um veterano dos restaurantes típicos, a cujos elencos tem pertencido por longas temporadas. Agora no «Abril em Portugal», ali tem apresentado, com o seu cunho característico, inúmeras interpretações que vão do tradicional «Chinelas da Moura» (a graciosa aguarela bairrista de Linhares Barbosa) aos últimos poemas de Maria de Lourdes de Carvalho que vão surgir em novo disco, em breve à venda.

CICLO DE LIÇÕES COMEMORATIVAS DO IV CENTENÁRIO DA PUBLICAÇÃO DE «OS LUSÍADAS»

(no XLVIII Curso de Férias da Fac. de Letras de Coimbra)

- pelos Profs. Costa Ramalho, Ofélia Paiva Monteiro, Anibal Pinto de Castro, Aguiar e Silva e Salvador Dias Arnaut.
- volume de 128 págs., com índices de nomes próprios e de gravuras, prefaciado pelo director da Faculdade de Letras de Coimbra.

A venda nas livrarias / Preço: 80 Esc.

Edição da Comissão Executiva do IV Centenário da publicação de «Os Lusíadas»

HOJE: 2 SESSÕES

TEATRO VILLARET

ÀS 21 HORAS e 23 HORAS



PAULO SOLNADO

O OVO

ENCENAÇÃO DE PAULO RENATO

GRUPO D M/ 18 ANOS

POR UM GRANDE E DIVERTIDO ELENCO
UMA COMÉDIA
EM FORMA DE SUPÔNHAMOS

NOVAS instalações

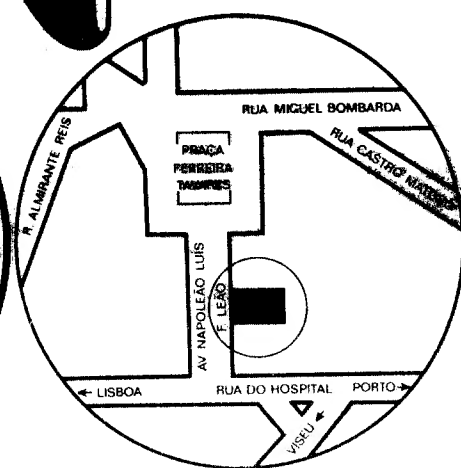
Avenida Napoleão Luís Ferreira Leão, 16

Com toda a comodidade tem ao seu dispor os nossos serviços nesta nova Agência

Albergaria - a - Velha

Banco Borges & Irmão

mais perto de si para lhe prestar melhores serviços



DL/NACIONAL

"COM PORTUGUESES SÓ PODE DIALOGAR QUEM É PORTUGUÊS"

—afirmou o dr. Rebelo de Sousa

Dos Serviços de Informação da A. N. P. recebemos os seguintes textos sobre sessões de propaganda:

SESSÃO DE ESCLARECIMENTO EM BRAGA

Teve o maior interesse, quer pela oportunidade das intervenções, quer pela qualidade dos problemas discutidos, a sessão de esclarecimento eleitoral promovida, no salão de festas da F. N. A. T. e destinada, especialmente, aos dirigentes e funcionários da Organização Corporativa.

Depois da apresentação dos candidatos, foi chamada a atenção sobre os objectivos da sessão e para a necessidade de uma presença maciça no próximo acto eleitoral pois o facto dos opositores não se apresentarem a concorrer às eleições neste círculo não poderá trazer consigo amolecimentos ou comodismos.

Usou então da palavra o candidato dr. Baltazar Rebelo de Sousa, para tecer considerações sobre o momento político.

Entrou-se depois, num período de perguntas e respostas, em jeito de mesa redonda, e durante o qual foram debatidos problemas de ordem económica, necessidade da extensão da Previdência aos pequenos empresários agrícolas, a situação do funcionalismo público, preços do material escolar, construção de edifícios escolares e melhorias a introduzir nos já existentes, obras de valorização rural, política de salários, etc.

A todas as questões postas responderam os candidatos dr. Baltazar Rebelo de Sousa, prof. dr. Luis de Oliveira Ramos, António Alberto de Meireles Campos e drs. Fernando Dias Carvalho Conceição, Teotónio de Andrade e Castro e Camilo Lopes de Freitas.

Um problema dominou, todavia, esta sessão de esclarecimento — a situação no Ultramar e a sua defesa.

Participaram no diálogo vários dos presentes e os candidatos especialmente o sr. dr. Baltazar Rebelo de Sousa, que numa apreciação objectiva e serena de algumas questões postas, começou por salientar que no Ultramar não há o menor indício para o que é apelidado de autodeterminação pois que

se assim acontecesse não era possível a sua defesa. A luta em Angola, em Moçambique e na Guiné — acrescentou — só secundariamente é uma luta militar, pois se resume, fundamentalmente, a uma guerra subversiva, que pretende abalar, pelos mais inqualificáveis meios, a resistência e a moral da Nação.

E depois de novas considerações sobre a obrigação da intransigente defesa do Ultramar que a moral e a consciência da Nação exigem o dr. Baltazar Rebelo de Sousa afirmou, ao terminar: «com portugueses só pode dialogar quem é português.»

SESSÃO DOS ARCOS DE VALDEVEZ

Com o Cine-Teatro Valdevez repleto efectuou-se em Arcos de Valdevez, a segunda sessão do dia, para apresentação dos candidatos da A. N. P. pelo círculo de Viana do Castelo e de esclarecimento do eleitorado.

Entre os presentes viam-se o dr. António Gonçalves Ferreira, presidente da Câmara Municipal de Ferreira Gonçalves, presidente da Comissão Concelhia da A. N. A. o vice-presidente do Município, muitas senhoras do núcleo local da A. N. P., numeroso grupo de jovens elementos das comissões da A. N. P.

Abriu a sessão o dr. António Brochado que, na qualidade de presidente da Comissão Distrital da A. N. P., começou por saudar os senhores presidente da Câmara, vice-presidente e presidente da Comissão Concelhia da A. N. P.

Em seguida, o dr. António Brochado, referiu-se a cada um dos candidatos a deputados, tendo realçado a acção de cada um em relação ao distrito e o muito que haveria a esperar deles pelo seu amor e dedicação à causa pública e sobretudo ao Alto Minho.

Depois de fazer referência ao desenvolvimento que se tem verificado naquele concelho, obra sem dúvida, que se fica a dever à receptividade do Governo de Marcello Caetano e às solicitações do sr. Presidente da Câmara.

Teceu considerações sobre a política de verdade que sem demagogia se vai operando na construção de um Portugal que quer colocar-se ao lado dos países da Europa no progresso

e sobretudo na obtenção de condições de vida para todos os portugueses.

Faou ainda sobre o significado do voto e necessidade de ir às urnas em kassa para desse modo afirmar o apoio e a adesão à política do Governo e sobretudo de Marcello Caetano que está empenhado com todos os portugueses de boa fé na estruturação do Estado Social.

Seguiu-se como segundo orador o dr. José de Almeida que depois de saudar a assistência, teceu oportunas considerações acerca do momento político.

Terminou reafirmando com vigor e entusiasmo a fé nos destinos do concelho do distrito e da Pátria.

O terceiro orador foi o dr. Júlio Evangelista que referiu o amor à terra das gentes da região que, emigrando para todas as partes do mundo voltam sempre à terra natal para passarem os últimos anos das suas vidas e aplicarem os seus capitais no progresso da mesma.

Salientou, a finalizar, o apoio tradicional que as gentes do concelho prestam à política do Governo, personalizada na pessoa do Prof. Marcello Caetano.

A encerrar a sessão o dr. Nogueira de Brito prestou homenagem ao povo dos Arcos de Valdevez e ao extraordinário grupo de colaboradores que o presidente da Câmara tem para o ajudar no desenvolvimento sócio-económico do concelho salientando sobretudo «o apoio da camada jovem o que lhe permite elevar assim a terra a um grau de desenvolvimento que é exemplo para outras localidades».

Afirmou ainda que teve ocasião aquando da visita do Ministro das Obras Públicas ao concelho, de verificar que nos Arcos de Valdevez as pessoas sabem o que querem.

Havia trabalho concreto e sério os problemas a resolver estavam equacionados, havia projectos elaborados.

Terminou por solicitar o voto de todos os arcoenses na política de Unidade Nacional e de progresso na paz reiteradamente manifestada pelo Presidente Marcello Caetano.

No final da sessão que decorreu no meio do maior entusiasmo, todos os oradores foram demoradamente e calorosamente aplaudidos.

SESSÃO EM GRÂNDOLA

Presidida pelo dr. Alberto Aires Mateus, decorreu hoje em Grândola mais uma sessão pública de apresentação dos candidatos a deputados da A. N. P. pelo círculo de Setúbal.

Realizou-se a sessão no Cine-Teatro Grandolense, que se encontrava repleto de numeroso público que seguiu com vivo interesse e apauso as palavras dos diversos oradores.

Falou em primeiro lugar o presidente da mesa, que fez a apresentação dos candidatos e lembrou que se pretendia com a sessão que ela fosse de verdadeiro esclarecimento do eleitorado sobre os grandes problemas nacionais e locais, e ao mesmo tempo, de possível informação aos candidatos das grandes carências locais, de modo a habilitá-los ao exercício dos seus cargos, caso, como esperava, fossem eleitos deputados.

O dr. Jorge Botelho Moniz lembrou a anterior ida a Grândola há cerca de dois meses,

como membro da comissão distrital da A. N. P. e onde com colegas seus já se inteirara das principais preocupações do concelho.

Seguiu-se no uso da palavra o dr. Caldeira Pais que versou temas educativos, pronunciando-se sobre a grande obra a levar a cabo pelo actual Ministério da Educação e que será aquela que fará de Portugal o País do futuro.

O orador seguinte foi a D. Maria Ângela da Gama, que fez considerações sobre o trabalho da mulher acentuando que ela em qualquer lugar e momento deve ter sempre o mesmo vencimento do homem.

A encerrar a apresentação falou depois o dr. Francisco Elmano Alves que se referiu ao dever de solidariedade que deve existir entre todos os portugueses e entre todos os espaços do território nacional.

Abordou o problema da guerra no Ultramar, que haveremos de sustentar por nos ser imposta. Observou a propósito, que a Oposição ao invés de reclamar o fim da «guerra colonial», deveria requerer aos terroristas que pusessem fim aos seus ataques criminosos e se integrassem na vida nacional — na vida normal dos territórios ultramarinos, á semelhança do que tem vindo a ocorrer com muitos alguns dos quais (o dr. Miguel Murupa, por exemplo) ocupam já lugares de relevo.

Falou também como o dr. Caldeira Pais, na grande batalha da educação em que estamos empenhados e referiu que existem, presentemente no Continente e Ilhas Adjacentes, cerca de um milhão e trezentos mil alunos e, no Ultramar, um milhão e quinhentos mil.

CONFERÊNCIA DE IMPRENSA DA ANP EM LEIRIA

A ANP levou a efeito, no passado dia 20, na sua sede da comissão distrital de Leiria, uma conferência de imprensa em que estiveram presentes os candidatos por aquele círculo.

Ao iniciar-se o encontro, o candidato dr. Silva Pinto que se encontrava acompanhado pelos seus companheiros de lista Henrique Lacerda, Valente Sanches, F. M. Faria e eng.º Magro dos Reis, propôs o método de trabalho a adoptar, tendo sido abordados os temas da defesa dos territórios africanos, a reforma do ensino, a actuação dos sindicatos, a política agrícola, a aplicação de capitais estrangeiros, no nosso país, a instituição da Previdência em Angola, as transferências monetárias entre os territórios africanos e Portugal e outros temas momentosos para a política governamental.

O primeiro assunto a ser tratado relacionou-se com as diferentes posições assumidas pela ANP e a CDF no que respeita à política quanto aos territórios de África, ao que o dr. Silva Pinto respondeu começando por fazer a defesa da presença em África, acrescentando: «O esforço que estamos a fazer nesse sentido justifica ineludivelmente, no plano moral e no interesse das populações, a defesa dos nossos direitos.» Encerrou a resposta analisando os problemas inerentes à Guiné e às transferências cambiais para Portugal.

O tema dos investimentos estrangeiros foi levantado por um dos jornalistas presentes. Na resposta dada por um dos candidatos foi salientada a influência da grande capital internacional na economia portuguesa e o dr. Sil-

va Pinto acrescentaria que a importância das sociedades de economia mista não está no aproveitamento de meios de financiamento, mas na obtenção de níveis elevados de tecnologia e pela possibilidade de se incrementar uma mentalidade industrial no nosso País, com vista à criação de vários importantes grupos empresariais, concorrendo entre si.

Para além do aspecto do ensino, foi abordada a participação dos sindicatos, em que o dr. Silva Pinto, como seria de esperar, na qualidade de secretário de Estado do Trabalho e Previdência, salientou: «Os nossos adversários defendem um sindicalismo de concepção socialista tão mais denunciada quanto falam que com os progressos do sindicalismo se atingirá o estado socialista português. Um padrão inconciliável com os princípios constitucionais entre nós estabelecidos. Não será fácil entendermo-nos. Importa, sim, salientar os méritos do nosso sistema social, sendo de destacar que os organismos profissionais gozam de plena autonomia no exercício das suas atribuições e ampla representação dos interesses profissionais.» Recordou, por fim, o sistema estabelecido entre nós para dirimir os conflitos colectivos de trabalho destacando: «Como os sindicatos em Portugal, mercê de despachos emanados da Administração, representam todos os trabalhadores do respectivo âmbito e área, as nossas contratações colectivas aplicam-se por grandes grupos profissionais a todas as empresas e respectivos colaboradores, o que não acontece em muitos países e dá uma inegável força à acção sindical.»

A ANP EM BRAGANÇA

"NÃO HÁ RAZÃO PARA CONTESTAR A AUTENCIDADE DO ACTO ELEITORAL"

«Se o recenseamento foi estimulado e não houve reclamação que não fosse atendida, se os funcionários públicos e da Previdência são obrigatoriamente inscritos, se para propor uma lista de deputados basta escasso número de eleitores no pleno uso dos seus direitos, se não se praticam entre nós pesados depósitos pecuniários sujeitos a não serem reembolsados, se a imprensa diz o que quer e o que lhe mandam alguns «donos» muito «democráticos» e «independentes», se até se permitem actuações de linha de força que abertamente pretendem a subversão e destruição de tudo o que entre nós foi construído, onde haverá a mínima razão para contestar a autenticidade do acto eleitoral? Aceitou-se como legítimo o que decorreu nas últimas eleições, e agora quatro anos depois vem-se contestar o que até por escrito e de sua iniciativa foi confirmado!»

Estas palavras disse-as o dr. António Moreira Pires, candidato da A.N.P., na sessão de propaganda realizada em Bragança ontem à noite. Já antes, o orador afirmara:

«O nosso Regime abre a possibilidade de debate e discussão permanentemente dentro das instituições vigentes. Elas constituem pois a possibilidade de actuação normal do Corpo Social na ordem e no progresso»

afirmou o candidato dr. António Moreira Pires, que prosseguiu sublinhando que «não está em discussão o Regime, que já obteve do Povo Português o seu veredicto na livre e consciente aprovação da nossa política».

FRASE HISTÓRICA

Mais adiante ao debruçar-se sobre a Oposição e o seu ideário, afirmou:

«É conhecida a frase histórica aquando do advento da Revolução Marxista sobre a possibilidade de admitirem outros partidos: «Sim, admitiremos outros partidos, o comunista no Governo e os outros na cadeia!»

Referindo a Acção Nacional Popular, afirmou:

«Por outro lado a A.N.P. não é um partido, para isso lhe faltam as características do mesmo. É antes uma associação cívica de apoio ao Governo, organização pluralista e aberta. Quem se poderá queixar de lhe não terem permitido a sua entrada?»

Sabido é que o estar inscrito na A.N.P. não é condição para ocupar lugares no Governo, e que no acesso aos lugares públicos não preside nenhum critério selectivo baseado na inscrição na nossa associação. Muitos se queixam até por isto assim ser.

O único critério válido é o da selecção de valores autênticos, procurando com todos os

riscos do que é humano, que os melhores ocupem as posições de responsabilidade, sabendo que dessa «mobilização» da inteligência como hoje se diz depende o melhor futuro da comunidade.

Quem é membro da A.N.P. mais não usufrui do que as regalias que são de todos os portugueses».

E a terminar:

«É a esse Povo magnífico que deu novos mundos ao mundo, que tem inscrito na sua história páginas verdadeiramente sensacionais que só nos dirigimos a solicitar os votos para a eleição.

A gente da minha terra, do meu distrito eu me dirijo para pedir um voto maciço inequívoco no próximo acto eleitoral.

São os candidatos da A.N.P. os que oferecem ao País inteiro a garantia de apoiar a política vigente. Nela está incluída a defesa intransigente de todas as parcelas ultramarinas que a nossa mocidade heroicamente defende, causando o pasmo e admiração do mundo que se diz civilizado e até do outro».

COMPETIÇÃO DE REGIMES

Outro candidato foi o dr. Artur Pimentel que, em determinação do seu discurso, disse: «Estamos em tempo de

Continua na pag. 11

Serviço de carruagens-camas

Lisboa Algarve

...e quando acordar estará no Algarve!

Lisboa → V. Real de S. António
noites de Sexta-feira para Sábado

V. Real de S. António → Lisboa
noites de Domingo para Segunda-feira

Caminhos de Ferro Portugueses



DI/NACIONAL

COMÍCIO DISTITAL DA OPOSIÇÃO DE AVEIRO

Tarde de sábado. O Teatro Aveirense voltou-se a encher, predominando em esmagadora maioria a gente moça, sobretudo das camadas escolares da cidade. A CDE de Aveiro realiza uma mais uma das sessões de propaganda a que deu o nome de comício distrital. E o dr. Carlos Candal, no fim da sessão diria: Esta foi uma tarde de trabalho e convivência. Foi uma «matinée» clássica. Assistimos a uma «répense» que se vem fazendo há trinta anos, mas sem que nunca a elas faltamos com o nosso destemor, com a nossa luta mesmo que as prepotências sejam cada vez maiores e com maior imaginação. Esta «matinée» teve um êxito espectacular. De manhã, à tarde ou à noite qualquer hora serve para a nossa luta em favor desta Pátria martirizada.

Efectivamente o Teatro Aveirense viveu uma grande jornada cívica com participação entusiástica da assistência

A sessão começou às 16

horas e terminaria já depois das 18. No mais tudo correu dentro de um perfeito civismo, que aliás, e diga-se em abono da verdade, se vem manifestando ao longo das sessões da CDE de Aveiro, conforme a reportagem do «DL», presente em todas elas, pôde constatar.

O dr. Carlos Candal e o funcionário bancário Helder Andrade foram os presidentes da sessão. E este último, ainda bastante jovem, foi o primeiro a usar da palavra dizendo a dada altura:

— Que podemos esperar do capitalismo? Este não dá nada e nós já não vamos em «habilitações». Os 47 anos deste regime já nos deram uma larga visão para sabermos o que queremos. O «aeiou» já passou há muito. Agora as leituras são outras.

SINDICATOS LIVRES

O Corporativismo foi o tema a seguir abordado pelo candidato Neto Brandão. Começou logo

por dizer: O Estatuto Nacional de Trabalho que deveria ser uma carta constitucional dos Trabalhadores é como que um colete de forças, para obtenção de maiores lucros que vão encher os bolsos dos capitalistas nacionais e estrangeiros. Precisam os nossos trabalhadores de Sindicatos livres com direcções isentas para defesa dos trabalhadores portugueses. Tem de se fazer uma luta em que todos intervenham para ser uma luta eficaz. O regime já se apercebeu das reivindicações dos trabalhadores e do perigo que isto representa para si. Os trabalhadores sabem bem que contam na sua luta com o apoio das outras camadas do país. Só assim poderemos todos juntos proporcionar a verdadeira libertação do povo português.

E tal como na anterior sessão de Estarreja o orador voltou a focar dois casos tratados pelo «Diário de Lisboa»: a entrevista com Caetano Carvalho em 29-3-70 e a notícia sobre o pe-

trôleo de Cabinda, tratado na nossa primeira página de sexta-feira. E voltou a ironizar com as legendas «Paz e Progresso» inscritos nos cartazes da ANP.

O candidato Rufino Cunha trouxe para Aveiro o trabalho lido na sessão de Estarreja. Trabalho longo, profundo, elaborado por um grupo de jovens de Espinho, onde o candidato reside. Focalizou vários parâmetros da vida nacional.

E sobre as actuais eleições disse:

— Nós não temos eleições livres e honestas. Este Governo nunca as deu nem as dará pois sabe bem que seria inexoravelmente derrotada com elas.

E sobre a repressão falou logo de seguida o candidato Manuel Andrade.

FERREIRA DE CASTRO

Também a censura mereceu ao candidato de Aveiro larga dissertação lembrando Ferreira de Castro que um dia proclamou que mais teria feito e mais me tinha realizado como romancista não fosse

Diversos casos de corrupção das autoridades foram por si escarpelizados lembrando que na Inglaterra e na América os recentes incidentes foram tratados devidamente levando às demissões de altas personalidades governamentais. E aqui o que acontece?

A Igreja e sua actual atitude. Já por várias vezes oradores se referiram ao assunto em anteriores sessões. O dr. Manuel Andrade afirmou:

Hoje já não é só a Juventude de e os operários que são contra o Governo. Qualquer pessoa séria é contra esta situação que só asfixia Portugal. E sobre a troca de nomes já várias vezes citada pela Oposição, rematou o seu discurso.

Amaral Reis Pedreiras, o candidato-lavrador de Bustos, teve uma ligeira intervenção para dizer que era preciso perder o medo

De novo na ribalta o jovem candidato-estudante Mário Rodrigues.

«ENSINO LIVRE E DIGNO»

Dêem-nos mas é ensino livre e digno e libertem os pesados encargos que pesam sobre as nossas mães. Nós não queremos que os nossos jovens trabalhem antes dos 14 anos neste país de condecorações e beijinhos. Se somos homens para trabalhar antes dos 14 porque não somos homens para votar aos 18 anos? E porque não nos deixam entrar nas nossas sessões antes dos 21? Por isso vocês, senhores da ANP, não têm a Juventude convosco. Só tendes nas vossas manifestações os «jovens» de 80 e as crianças de 8. A estas dão-lhes beijinhos como quem visita um presépio.

E referindo-se às eleições: — Isto não são eleições. Isto é uma burla. Quer que representemos as regras do jogo de que eles são os árbitros. Nós não somos ovelhas para sermos dirigidos a toques de campanha.

Caberia ao dr. Candal, como dissemos no início deste relato, encerrar a sessão. E fê-lo de maneira que a vasta assistência por várias vezes o interromperia com saudações e cânticos:

O que pretendemos não é um diálogo com a ANP

— afirma a CDE de Lisboa

Da Comissão Executiva do Movimento CDE de Lisboa, recebemos o seguinte comunicado:

Tem vindo a A. N. P. a publicar vários documentos que pretendem ser respostas a análises e críticas feitas pela CDE no decorrer da actual Campanha Eleitoral. É natural que a A. N. P., partido político do regime e legítimo representante dos interesses capitalistas que dirigem o nosso País, tente demonstrar quanto benéfica tem sido para a população em geral e para as classes trabalhadoras em especial, a actuação daqueles que detêm o poder há já dezenas de anos.

Poderão estranhar algumas pessoas que a CDE não tenha vindo a responder aos documentos da A. N. P.. Para que não subsistam dúvidas quanto aos motivos que nos levam a não participar numa «guerra» de comunicados com a A. N. P., diremos que a Campanha Eleitoral que tentamos fazer, apesar de todas as medidas repressivas e discriminatórias a que somos sujeitos pelas entidades oficiais, tem como fim travar um diálogo com a população portuguesa e mostrar-lhe como encaramos os problemas do País e como pensamos que eles poderão e deverão ser resolvidos, tendo em conta os verdadeiros interesses nacionais.

Não pretendemos ocupar o nosso tempo com a análise e crítica dos documentos da A. N. P.. Quanto a estes, a realidade nacional, desde que analisada, mesmo que sumariamente, por qualquer cidadão, dará a resposta mais cabal as tentativas da A. N. P. e não deixará dúvidas quanto a total falência do Governo para realizar uma política efectivamente virada para a defesa dos interesses da grande maioria da população portuguesa.

Efectivamente, o baixo nível de salários o menor

ou dos menores da Europa a emigração maciça, a repressão das actividades dos trabalhadores.

A inexistência de eficientes serviços de saúde que garantam a satisfação das necessidades da população neste sector, o crescente aumento do custo de vida, o facilitar de uma actuação conducente ao esmagamento das pequenas e médias empresas que possam concorrer com os grandes grupos monopolistas, são alguns dos imensos aspectos que mostram claramente o carácter anti-popular do regime.

Aliás outra não poderia ser a actuação de um regime que se colocou exclusivamente ao serviço do grande capital.

Perante a realidade política, económica e social do nosso País não há necessidade de vir responder a A. N. P. A resposta está presente perante todos nós. A população sabe-o e sente-o no seu dia a dia.

Muitos têm sido, no entanto, os documentos que, tratando dos mais importantes problemas nacionais, foram elaborados pela CDE e distribuídos às centenas de milhares de mãos, a diversas camadas da população, com uma receptividade que bem demonstra de que lado está a verdade, de que lado está a razão. Da sua não publicação na Imprensa, para não falar na Televisão e na Rádio, não nos cabe responsabilidade.

Há uma oposição frontal, total e permanente entre a CDE e a A. N. P. É a que resulta de a A. N. P. ser a representante política do grande capital explorador, a dedicada defensora dos grandes grupos económicos que exploram a nossa população, enquanto a CDE procura ser, apesar de todas as dificuldades que se lhe deparam, a voz de todos aqueles que sofrem os efeitos dessa mesma política.

SESSÕES ELEITORAIS

ANP

AVEIRO — hoje às 21 e 30 no Teatro Avenida
CANTANHED — hoje às 21 e 30 no Salão de festas dos Bombeiros Voluntários.
CASTELO BRANCO — hoje às 21 e 30 no Cine-Teatro Avenida
ALCOBACA — hoje pelas 21 horas no Cine-Teatro local
POVOA DE VARZIM — hoje às 21 horas no Cine-Teatro Almeida Garrett

OPOSIÇÃO

LISBOA — hoje às 21 horas, no Teatro Laura Alves.

LISBOA — hoje às 21 horas na sede da CDE - Rua Alexandre Herculano 38-C
ODIVELAS — hoje às 21 horas na sede da CDE.
MIRA — hoje às 21 e 30 no Salão de Festas do Café Moderno.
CANTANHED — amanhã às 21 e 30 no Salão de Festas dos Bombeiros Voluntários.
MONTE-MOR-O-VELHO — no dia 24 às 21 e 30 no Teatro Ester de Carvalho.
COIMBRA — no dia 24, às 21 e 30 no Teatro Avenida.
COIMBRA — hoje às 21 e 30 em Mira num café local.
PORTO — no dia 24, às 21 no Coliseu



Filipe Nogueira recupera

Internado desde quinta-feira passada na Clínica de Santa Cruz, Filipe Nogueira recupera, embora lentamente, de um

«pneumotorax espontâneo», contraído inesperadamente. «Estava a jantar (a comer uma pera) quando me engasguei e,

logo de seguida, apareceu tosse. Corri para Santa Maria mas, depois de superficialmente observado, resolvi que seria melhor vir para esta Clínica. Fui operado pelo dr. Fernando Couto (Filipe mostra o local da incisão, junto ao mamilo direito) e já hoje poderei ir, em cadeira de rodas, até ao restaurante. Alta, porém, só lá para a próxima semana».

O director do Autódromo do Estoril sofreu com as provas de ontem. Disse-nos:

— Estive todo o dia com telefone directo ligado ao Autódromo, aos Bombeiros, aos médicos e ao local onde estava um helicóptero preparado para qualquer emergência. De resto (mostra-nos um mapa pormenorizado) eu tinha todos os serviços de socorro controlados e, como estava a ver as provas em duas televisões, nada poderia falhar.

Conclui:

Quero agradecer à colaboração que me foi prestada pelo João Hortas e congratular-me pelo facto da Organização que eu montara não ter tido qualquer falha. Apenas lamento que tenha havido quem imaginasse que a minha doença foi inventada para eu fugir a qualquer responsabilidade...



MANUEL BESSONE BASTO

PARTICIPAÇÃO E MISSA DO 7.º DIA

FALECEU

Delmira Ferreira Baptista Bessone Basto, Maria Teresa Bessone Basto Palma Mira seu marido Jaime Palma Mira e filhos, Pedro Bessone Basto sua mulher Ida Lopes Dias Bessone Basto e filhas, Maria da Graça Bessone Basto, Francisco Bessone Basto e sua mulher (Ausentes), cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de seu querido marido, pai, sogro, avô, irmão e cunhado no passado dia 17 e que amanhã, dia 23, às 11 horas, na Igreja de Santo António do Estoril será celebrada missa pelo seu eterno descanso.

P. N. A. M.

AGÊNCIA MAGNO DE CASCAIS. Telef. 28 00 22 - 28 26 25

CRÍTICA DE MUSICA

Continuação da pag. 7

tativo com que Oistrakh o toca e que leva o mesmo Oistrakh a falar dele apaixonadamente. Sequeira realizou com prodigiosa limpidez todos os malabarismos pianísticos, mas nem por um só momento teve

o condão de fazer esquecer a vacuidade da obra. Tal foi no fundo o que distinguia a sua interpretação da que ouvimos a Alexis Weissenberg no ano passado. E Sequeira, porém, quem, afinal, está dentro da razão, quem logrou maior coerência: o n.º 3 de Rachmaninoff

não merece mais. A propósito: quando e que Sequeira Costa se resolve a sair do repertório tradicional mais batido?

MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

ACTIVIDADES DO M.D.P.

Do gabinete de imprensa do Movimento Democrático do Porto, recebemos o seguinte comunicado:

«Reunião de operários metalúrgicos» conforme texto que nos foi enviado pela comissão democrática dos metalúrgicos do M.D.P., os operários metalúrgicos, reunidos na sede do Movimento Democrático do Porto, decidiram lutar pelas seguintes reivindicações imediatas:

1 — Estabelecimento do salário mínimo de 6.000,00 como única forma, no momento presente, de fazer face à carestia da vida.

2 — Previdência gerida pelos trabalhadores representados pelos seus respectivos sindicatos legitimamente eleitos.

3 — Alargamento de âmbito a todos os metalúrgicos pertencem ou não ao grémio metalúrgico, para efeito de concessão das regalias no próximo mês de Janeiro.

4 — Reconhecimento do direito à greve

5 — Liberdade sindical...

«Metalúrgicos Porto reunidos em sessão de trabalhos exigem imediata libertação de José Magro, Angelo Veloso, Dias Lourenço, fim torturas, libertação dos presos e regresso exilados políticos».

Comício em Santo Tirso — presidido pelo dr. Manuel Castro Neto, realiza-se no próximo dia 23, pelas 21,30 horas, um comício em Santo Tirso, promovido pela comissão concelhia do M.D.P.

Os convites estão em distribuição nos seguintes locais: sede do M.D.P. — Rua de Santa Catarina, 620; drogaria Manuel Valdigemria de S. Bento — Trofa; Centro Cívico, 8-1/0, Santo Tirso.

Reunião da comissão concelhia de Matosinhos — Realizou-se na sede da comissão concelhia de Matosinhos, uma reunião de estímulos auxiliares onde, também, estiveram presentes carregadores e descarregadores de mar e terra, os quais debateram diversos problemas

que afectam a classe.

Foi discutida, com grande entusiasmo, a forte discriminação existente no Sindicato Nacional dos Estivadores e Conferentes marítimos e fluviais do Distrito do Porto, entre os estivadores efectivos e auxiliares, tanto no que diz respeito à divisão do trabalho como a regalias sindicais.

Os estivadores auxiliares lutam por uma escala única para a classe acabando, assim, com a injusta e discriminatória que diariamente se faz sentir. Enquanto o estivador efectivo tem prioridade em todos os trabalhos limpos, leves e de maior rendimento monetário, os auxiliares vêem-se obrigados a executar todos os serviços pesados, sujos, tóxicos e a granel, trabalhos esses que são rejeitados pelos efectivos com o apoio da direcção do sindicato.

Foi focada, também, a incompetência da direcção do sindicato, que não cumpre as próprias cláusulas do contrato em vigor, especialmente a clausula N.º 9, que diz:

«O Sindicato dos Estivadores e Conferentes Marítimos e Fluviais do Distrito do Porto, organizara, de acordo com o delegado do Instituto Nacional de Trabalho e Previdência, uma escala para o recrutamento do pessoal, de modo que todos os operários trabalhem em número igual de dias».

Para além das tarefas pesadas, o auxiliar está sujeito a ritmos de trabalho que podem ir a 24 horas consecutivas, como pode estar semanas inteiras sem trabalhar, traduzindo-se, quer o excesso quer a falta, em prejuízo dos próprios e seus familiares (as grandes vítimas destas arbitrariedades).

Plenário da Comissão Concelhia de Matosinhos — Realiza-se hoje às 21,30 horas, na sede concelhia, à Rua do Godinho, 148, Matosinhos.

Plenário da Comissão Democrática do Estudantes do Porto — A realizar na sede do Movimento Democrático do Porto, à Rua de Santa Catarina, 620, amanhã, pelas 15 horas.

ACDE EM ALENQUER

A CDE de Lisboa realizou ontem à noite uma sessão de propaganda em Alenquer. Presidiu o dr. Teófilo Carvalho dos Santos, republicano que em campanhas eleitorais anteriores se manifestou adepto da Acção Democrato-Social, grupo político que foi liderado pelo eng.º Cunha Leal. Os oradores foram o eng.º Pedro Amadeu Coelho (CEUD em 1969), Carlos Carvalho e António Abreu, candidatos oposicionistas da capital.

A sessão, que chamou cerca de 500 pessoas, decorreu numa sala particular, no edifício que pertenceu à fábrica da Romeira. Abrindo a sessão, o dr. Carvalho dos Santos referiu o condicionamento que rodeia as reuniões da Oposição Democrática e aplaudiu o concurso que lhes estão a dar os elementos jovens da população.

UM MOMENTO

Pedro Coelho, discursando em primeiro lugar, afirmou que «a campanha deve ser entendida como um momento de esclarecimento e de união e luta pela liberdade».

O Governo está a mostrar incapacidade para desenvolver o País, cavando cada vez mais o fosso entre Portugal e a Europa.

«Queremos um País com direito a educação e à cultura, sem guerras, sem exílios, sem prisões políticas, sem exames

prévios, sem televisões controladas. A televisão é um verdadeiro elemento ao serviço do regime», declarou.

Pedro Coelho referiu muitos exemplos da «repressão sobre os democratas e activistas ao serviço do povo».

«O Governo só não perde o apoio popular porque não o tem», dizia logo a seguir Carlos Carvalho.

«O regime é cada vez mais impopular. A medida que o tempo passa, o regime vai perdendo cada vez mais os seus pontos. O Governo actua em complicitade com os monopolistas, o povo português poderia dizer, porém, que já não é dono de Portugal».

António Abreu no terceiro discurso da noite. Diria que «o que se passa de quatro em quatro anos não são eleições».

A campanha eleitoral da Oposição», prosseguiu, «é o arranque dum movimento democrático, representativo dos interesses maioritários do povo português, trazendo à luta operários e camponeses, intelectuais e comerciantes, todos os que têm razão para lutar contra o regime».

O povo sabe quais são os seus interesses

O dr. Teófilo Carvalho dos Santos encerrou a sessão dizendo que «a participação popular na campanha eleitoral é um verdadeiro grito de desespero do povo português».

"TALVEZ NÃO HAJA A LIBERDADE QUE TODOS DESEJÁVAMOS" —Afirmou Gonçalves de Proença

A ANP levou a efeito, ontem à noite, na Lourinhã, uma sessão de propaganda eleitoral, em que estiveram presentes os candidatos Francisco Casal-Ribeiro, dr.ª Maria Clementina Vasconcelos e o prof. dr. José João Gonçalves de Proença.

O prof. Gonçalves de Proença, no seu discurso, afirmou nomeadamente: «Ao pensar nas palavras que aqui, na Lourinhã, viria proferir a vossa amável convite, repassa pelo meu espírito, antes de mais, as gloriosas tradições desta terra, cujo nome vai filiar a sua origem nos louros da vitória, a «Laurinam» dos romanos, povoação logo integrada na comunidade nacional pelo nosso primeiro Rei e a quem foral novo de D. Manuel I mais remou ainda».

I mais adiante, referindo a Oposição Democrática como defensores do marxismo acrescenta que «a contradição dos nossos opositores é também ostensiva, relaciona-se com a defesa que por tudo e por nada fazem da liberdade e se a situação não

fosse dramática ela fá-lo-ia sorrir», ao ver os defensores do marxismo armados em paládios da liberdade individual... I exemplificou:

«Dizia-me aqui há tempos um americano que com todos os seus defeitos nunca trocaria o sistema capitalista do seu País por qualquer outro, pela razão simples de que na América poderia livremente aspirar a todas as posições económicas, sociais e políticas inclusive a de Chefe de Estado desde que para tanto tivesse capacidade e qualquer que fosse a sua posição ideológica».

Continuando a visar a Oposição Democrática afirmou que o que o choca é a afirmação de dureza, que eles próprios estão constantemente a provocar, constando, no entanto:

«Talvez não haja a liberdade que todos desejávamos, mas creio, sinceramente, que se tal acontece não somos nós os únicos culpados. Talvez a este respeito o Senhor Presidente do Conselho sofra como ninguém».

A dr.ª Maria Clementina Vasconcelos, no seu discurso, fez considerações sobre a protecção ao trabalhador rural e concluiu:

«O amanhã será trabalho no assumir de responsabilidades importantes, tão importantes como as que pesam sobre todos os presentes, sobre todos aqueles que queiram ser úteis à sua família. Se presente é de opção, o amanhã é de trabalho».

O candidato Francisco Casal-Ribeiro rebateu certas afirmações do sector oposicionista sobre a protecção aos trabalhadores e a barragem de Cabora Bassa, concluindo que o problema número um de Portugal continua a ser a presença em África.

SESSÃO OPOSICIONISTA EM ESTREMOZ

Foi numa casa agrícola pertencente ao dr. Afonso Palmeiro da Costa, em Estremoz, o qual presidiu à sessão, onde se efectuou, ontem à noite, o comício de propaganda eleitoral da CDI do distrito de Évora, visto que todas as outras hipóteses previstas tiveram de ser abandonadas.

Mesmo assim, muito mais de trezentas pessoas estiveram reunidas para ouvirem os candidatos da Oposição Democrática por aquele círculo, dr.ª Ana Alves, Manuel Passão, Fernando Iglésias e o eng.º Areosa Feio.

Fazendo a apresentação dos candidatos, o dr. Palmeiro da Costa referiu todas as limitações impostas ao Movimento Democrático pelas entidades governamentais.

A dr.ª Ana Maria Alves, a primeira oradora da noite, começou por salientar a falta de politização das pessoas, porquanto só de quatro em quatro anos era possível esclarecer, ainda que durante três semanas, o eleitorado, tendo focado seguidamente o aspecto da mortalidade infantil que punha o nosso país no cimo das tabelas mundiais.

O candidato Manuel Passão, trabalhador rural e que sente na pele as realidades quotidianas do trabalho agrícola para com os grandes latifundiários dissertou, frisando que as casas do povo deveriam ser geridas pelos trabalhadores, de molde a evitar o que presenteemente se verifica.

Fernando Iglésias, o orador seguinte, falou à assistência sobre as pessoas que podiam votar neste país e cujo número reduzido, em comparação com a população total, demonstrava que algo corria mal.

Por último, usou da palavra o eng.º Areosa Feio que referiu o aspecto de a mulher portuguesa cada vez mais se estar a interessar por todo um número de problemas políticos como o demonstrava a sua presença cada vez maior nas sessões de propaganda eleitoral da Oposição Democrática, focando por último a falta de informação que se faz sentir em Portugal devido à censura existente.

A sessão decorreu normalmente e no final não se verificaram incidentes.

A ANP EM BRAGANÇA

Continuação da pag. 9

eleições — tempo de opção. Optar é escolher — é determinar-se — é manifestar uma preferência.

O cidadão — o homem livre e responsável — o titular de direitos políticos vai, através do voto, tomar a parte que lhe compete no Governo da Nação».

Acentuou, depois que «nesta campanha eleitoral, como tem acontecido em outras campanhas eleitorais, as forças que nos defrontam — e se mostram aguerridas — estão acantonadas em posições bem conhecidas, bem claras, bem definidas com o sinal que as identifica bem visível». **Observou, a seguir:** «Uma vitória do adversário não seria a vitória do outro candidato mas a proscrição do regime que nos governa».

A experiência já repetida e o conhecimento das gentes dizem-nos que para além da competição entre candidatos que pelo mesmo círculo se propõem para além da busca dos mais idóneos e competentes — o que seria legítimo e desejável — está o choque de forças de sentido contrário que lutam para nos destruir... através duma brecha por onde introduzam a sua ordem política, económica e social.

E assim um acto que mais não devia ser do que uma com-

petição de idoneidade colaborantes na alta missão de servir o País — é transformado — por desvio da sua finalidade legal numa competição de regimes, de estilos de vida, de estruturas políticas, económicas e sociais.

É este — infelizmente — o campo de luta para onde nos arrastam... É aqui — infelizmente — que temos de travar a batalha.

Os nomes que vêm nas listas que em alguns círculos eleitorais se nos opõem, não são mais do que a ponta de lança de uma outra concepção de vida que refundiria totalmente a escala de valores em que assenta (e que legítima) a harmonia ético-sócio-económica que uma longa tradição consagrou e já é nossa razão de viver.

Estamos em período de eleições... Cada português — cada brigantino — é chamado a intervir nos destinos da sua Pátria:

Vai marcar o rumo de uma política; vai escolher um sistema de governação; vai preferir os valores que não de informar as nossas instituições.

Vai dizer quem há-de dispor e como há-de dispor da nossa pessoa e da nossa fazenda».

GRANDE OPÇÃO

Falou ainda o dr. Rómulo Ribeiro, que afirmou, nomeadamente:

«O que está em jogo nestas eleições não é a simples escolha

de candidatos, nem tão pouco uma alternativa de governantes. É sim a grande opção entre o Ocidente e o Oriente, entre a civilização humanista, caldeada em séculos de história e de sublimação moral e o marxismo escravizante e massificador. O que estará em jogo é o nosso estilo de vida, a nossa maneira de estar no Mundo, na Pátria como a sonhamos, como a vivemos e como a queremos legar aos que vierem depois de nós. Este o grande dilema, esta a dolorosa dicotomia que as próximas eleições têm de resolver».

Disse também:

«Continuaremos com a força da representatividade que nos ides outorgar e com o valor do vosso exemplo, a denunciar, a suplicar, a exigir. Porque se efectivamente nós, transmontanos do Nordeste, não regateamos nunca a Pátria, nem a força da nossa inteligência, nem o calor das nossas lágrimas nem o sangue dos nossos filhos, também nos sentimos com direito de exigir a solidariedade nacional e a justa reparação do atraso em que vivemos relativamente aos nossos irmãos e às outras terras de Portugal.

E isto sem preferência de localidades ou de pessoas, sem particularismos doentios, nem bairrismos de campanários. Como noutra ocasião afirmei, onde existir qualquer justa pretensão, ou qualquer agravo às gentes ou às terras, aí estará o nosso coração e a nossa luta».



MOITA DO RIBATEJO



LUÍS DE ALMEIDA GUERREIRO

MISSA DO 30.º DIA

Zélia Peres Guerreiro de Sousa Costa, marido, filhas e restante família participam que amanhã, dia 23, às 12,30 horas na igreja do Sacramento (ao Chiado) será rezada missa por alma do seu saudoso pai, sogro, avô e parente e desde lá agradecem a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

AGÊNCIA JOSÉ DE ALMEIDA Telef. 239075

TEM PRÉDIO? TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE
HOJE MESMO A
ORCOSI
MEDIADORA AUTORIZADA
E LICENCIADA
Rua 1.ª de Dezembro, 45
Telefones: 86 74 44 32 31 72

viagens apolo 73
8 DIAS EM LONDRES
VIAGEM EM AVIÃO ESPECIALMENTE FREIADO
Part das todas as 5 Feiras durante todo o ano
PREÇOS A PARTIR DE **2.990,00**
Estadia com pequeno almoço
VISITA DA CIDADE ACOM-
PANHADA POR GUAI INTER-
PRETE Transporte Aeroporto-
Hotel Aeroporto
CONSULTE A SUA AGÊNCIA
HAB TUAL

DIVULGAÇÃO

O cessar-fogo no Médio Oriente deverá ser seguido de negociações de paz

NAÇÕES UNIDAS (Nova Iorque), 22 (R.) — O conselho de segurança aprovou hoje por 14 votos uma abstenção a China, uma moção apresentada conjuntamente pelos Estados Unidos e pela União Soviética, propõe o cessar-fogo imediato no Médio Oriente seguido pelo início de negociações de paz.

A moção dá aos beligerantes o prazo de 12 horas para cessa-

rem as hostilidades e prevê que as Forças Armadas israelitas e árabes permaneçam nas posições que actualmente ocupam.

Após uma sessão de emergência que durou toda a noite, o conselho de segurança adoptou esta moção cerca de uma hora da madrugada (6 horas de Lisboa).

O embaixador israelita, Yosef Teloah, tinha previamente

anunciado que o seu Governo aceitaria a moção, desde que os árabes também a respeitassem, incluindo todas as forças "irregulares", ou seja os guerrilheiros palestinos.

O ministro egípcio El-Zayyat não se pronunciou contra ou a favor da moção propriamente dita, limitando-se a reafirmar que o objectivo do seu país continua a ser a libertação dos territórios ocupados, a defesa da integridade territorial e dos direitos dos palestinos.

Durante grande parte da sessão do Conselho de Segurança o lugar da Síria esteve desocupado, mas o embaixador Haissam Kelani apareceu mais tarde e não pediu a palavra.

Fontes bem informadas dizem que o Egipto e Israel acatarão certamente o cessar-fogo, mas não existe a certeza quanto à atitude da Síria que ainda não reconheceu oficialmente a moção 242 de 1967 e se encontra numa má posição para aceitar o cessar-fogo, pois perdeu mais território desde o recomeço das hostilidades.

Ao suspender a sessão, o presidente do conselho de segurança, "sir" Laurence McIntyre, disse que os membros daquele organismo continuarão atentos à situação no Médio Oriente e prontos a reunirem-se novamente em qualquer altura "para ajudarem as partes a darem execução, o mais rapidamente possível, aos termos da moção".

O embaixador americano, no início da sessão do Conselho de Segurança, tinha dito que a continuação da guerra no Médio Oriente, além de não interessar aos países daquela região, representava um grave risco para a paz mundial.

Embora este ponto não esteja incluído no texto da moção, Scali disse que os Estados Unidos e a União Soviética pensavam que devia proceder-se a uma troca imediata de prisioneiros de guerra.

Recordando que o Governo britânico aplicou um embargo ao fornecimento de armas aos beligerantes, "sir" Donald Maitland acrescentou que "essa será a única atitude correcta a adoptar se o objectivo for, como deve ser, o de procurar a reconciliação e evitar uma nova guerra entre os Estados Árabes e Israel".

O embaixador britânico disse que não se pode esperar uma solução rápida do conflito pois serão necessárias longas e difíceis negociações, mas todas as energias se devem concentrar na aplicação da moção 242, na sua totalidade.

ACEITAÇÃO ISRAELITA

TEL AVIVI, 22 (R.) — O gabinete israelita decidiu hoje por unanimidade aceitar a resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas sobre um cessar-fogo no Médio Oriente com a condição de que os países árabes façam o mesmo, segundo revelou um informador governamental.

Disse ainda que Israel insistiria numa troca de prisioneiros e daria instruções aos seus representantes para afirmarem claramente que a resolução 242 do Conselho de Segurança da

ONU, de Novembro de 1967, seria interpretada dentro do âmbito da forma como Israel compreendia o seu significado.

KISSINGER EM ISRAEL

WASHINGTON, 22 (F.P.) — O presidente Nixon pediu ao seu secretário de Estado, Henry Kissinger, para ir imediatamente a Israel a fim de tentar encontrar uma solução para instaurar a paz no Médio Oriente.

Um curto comunicado lido à imprensa pelo informador adjunto da Casa Branca, Gerald Warren, indica que Kissinger seguirá de Moscovo directamente para Israel. Esta missão do secretário de Estado, foi decidida "em virtude dos esforços em curso para pôr termo às hostilidades (no Médio Oriente) e para acelerar a aplicação da resolução do Conselho de Segurança apresentada pelos Estados Unidos e pela União Soviética".

A notícia da viagem de Kissinger foi dada apenas algumas horas depois da adopção pelo Conselho de Segurança da ONU de uma resolução apresentada pela URSS e pelos Estados Unidos elaborada, em Moscovo, pelo secretário de Estado americano e pelos dirigentes soviéticos.

A resolução 242 obra prima de ambiguidade

NAÇÕES UNIDAS (NOVA YORK), 22 (FP) — Obra-prima de ambiguidade, a famosa resolução 242 do Conselho de Segurança de 22 de Novembro de 1967, foi reactivada com autoridade, na noite passada, pelo mesmo Conselho de Segurança, por proposta comum das duas superpotências, ao mesmo tempo que lançava ordem de cessar-fogo aos beligerantes no Médio Oriente.

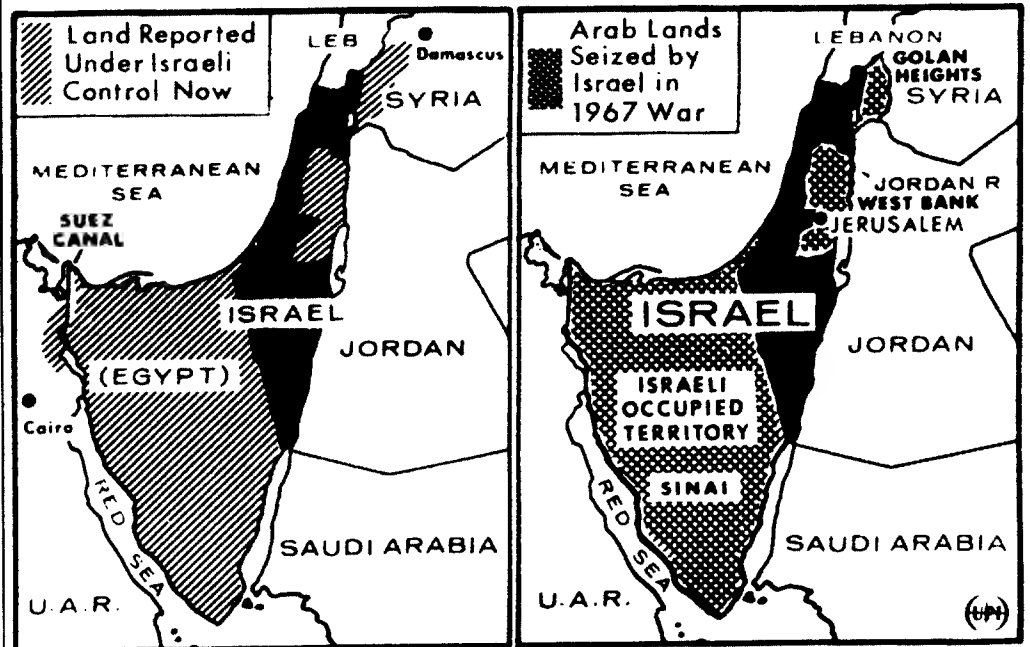
No segundo ponto do texto oficial em francês do projecto de resolução americano-soviético que acaba de ser adoptado, o Conselho de Segurança "pede às partes em causa para começarem imediatamente depois do cessar-fogo, a aplicação da resolução 242 (1967) do Conselho de Segurança".

Volta a levantar-se assim a questão da interpretação desta resolução no ponto capital da retirada das forças israelitas ocupantes.

Para os Estados Unidos, é o texto original inglês (o projecto de resolução era britânico) que faz lei com a sua cómoda ambiguidade: "ithdra from occupied Territories". Na ausência do artigo definido, a fórmula pode traduzir-se por: "Retirada de territórios ocupados". Em consequência, os americanos não dizem que se trata da retirada de todos os territórios ocupados.

Para os soviéticos, é a versão russa, bem entendido, que faz fé. Estipula a retirada dos territórios ocupados, o que quer dizer, a retirada de todos os territórios ocupados.

Acontece a mesma coisa com o texto francês. Os diplomatas e ministros franceses repetem desde 1967 que se trata da retirada de todos os territórios ocupados.



O mapa da esquerda ilustra as actuais posições territoriais dos exércitos árabes e israelitas. À direita, os territórios árabes ocupados por Israel na guerra dos seis dias, em 1967. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

Surpresa e desapartamento do cidadão árabe vulgar

BEIRUTI, 22 (R.) — A reacção inicial do cidadão vulgar árabe ao princípio de cessar-fogo aprovado ao princípio da manhã de hoje pelo Conselho de Segurança da ONU foi um misto de surpresa e de desapontamento.

Na falta de resposta oficial dos beligerantes do lado árabe

Egipto, Síria, Jordânia e Iraque, o homem da rua reagiu geralmente com indignação às notícias de um cessar-fogo permanente, pois esperava a recuperação completa das terras ocupadas por Israel na guerra

de 1967. "Pagamos um preço pesado nesta guerra em termos de sofrimentos humanos e de equipamento militar apenas para regressarmos ao ponto de partida", declarou um árabe esta manhã, ignorando o facto de que a resolução do conselho de segurança era acompanhada por um apelo para negociações de paz, a seguir imediatamente a um cessar-fogo.

"Nada ganhamos", observou um jovem técnico árabe.

Pessoas reuniram-se em pequenos grupos para comentar a resolução do conselho quando se continuava a travar hoje feroz luta nas frentes síria e egípcia.

Ambos os lados tentavam desesperadamente, ao que parecia, melhorar as suas posições para quando um cessar-fogo entrasse em vigor.

Até agora os governos árabes não fizeram comentários, embora o gabinete egípcio se reunisse em sessão a noite passada para rever o que descreveu como a

situação política e militar geral.

As organizações de guerrilheiros palestinos, que seriam as mais prejudicadas no caso de um cessar-fogo com base na concretização da resolução do Conselho de Segurança de 1967, permaneciam silenciosas.

Ao aceitar hoje, de manhã, o apelo de cessar-fogo, Israel fê-lo com a condição de que os árabes, incluindo "forças irregulares", fizessem o mesmo.

Comentadores políticos desta capital julgam que os palestinos se oporiam tacitamente ao cessar-fogo porque a resolução 242 de Novembro de 1967 pede a retirada israelita de territórios ocupados na guerra dos seis dias, enquanto os guerrilheiros lutam por criar um Estado palestino abrangendo árabes e judeus.

Observadores pensam, todavia, que o ministro dos fedáines terá de sujeitar-se às principais forças combatentes do lado árabe, o Egipto e a Síria, aceitar o veredicto da ONU.



PEDRO ALBERTO BANDEIRA DE CARVALHO E BRANCO

MISSA DO 7.º DIA

Maria de Lourdes Homem Bandeira de Carvalho e Branco e seus filhos José Daniel e sua Mulher, Maria do Carmo, Maria Eugénia, António Manuel e sua Mulher, Margarida Maria, Maria Leonarda, Maria Teresa, João Francisco e sua Mulher, Maria de Lourdes, Paulo Alexandre, Maria Cecília e Miguel Diogo, participam que será rezada Missa do 7.º dia por alma do seu muito querido filho, irmão e cunhado, amanhã dia 23, às 19.15, na Igreja de S. Francisco de Paula (às Janelas Verdes).

P. N. A. M.

Oferta da Líbia

CAIRO, 22 (UPI-ANI) — Os pilotos da Força aérea israelita serão muito bem pagos pela Líbia — píssivelmente com milhões de dólares, provenientes da exploração do petróleo — se desertarem, com os aparelhos, para qualquer país árabe.

A notícia é dada hoje no Cairo pelo jornal egípcio "Al

Ahram", que pormenoriza: cada piloto receberá o preço exacto do aparelho se este se apresentar intacto e metade do preço se estiver danificado. Por um caça-bombardeiro Phantom oferece a Líbia 4,2 milhões de dólares e por um Skyhawk quatro milhões acrescentou o jornal cairota.

DL/ESTRANGEIRO

Alívio e decepção entre os israelitas

TELAVIVE, 22 (F.P.) — Ao acordar esta manhã, a grande maioria dos israelitas soube ao mesmo tempo que os Estados Unidos e a URSS tinham apresentado um projecto de resolução, que o Conselho de Segurança o adoptou, e que o Governo israelita, depois de quatro horas de debates realizados durante a noite, o aceitou por unanimidade.

Nos meios bem informados, soube-se que durante os debates dramáticos, o primeiro-ministro, sr. Golda Meir, sublinhou que Israel assumiria uma responsabilidade gravíssima se rejeitasse a proposta americana-soviética. O ministro da Defesa, general Dayan, apoiou o ponto de vista da sr. Golda Meir.

Segundo os meios políticos israelitas, Israel aceitou esta resolução sem real oposição no seio do Governo, pelas seguintes razões:

1) As forças israelitas encontram-se na Síria e no Egipto, próximo de centros vitais destes países, enquanto as forças egípcias não ocupam senão uma faixa do território, na margem oriental do Sinai.

2) Pela primeira vez, uma re-

solução do Conselho de Segurança fala de negociações entre as duas partes, a fim de chegar a uma paz justa e duradoura.

3) Israel continua a apoiar a sua própria interpretação da resolução 242 do Conselho de Segurança e não cede, nem cederá, neste ponto.

4) Julga-se geralmente em Israel que as negociações a realizar entre judeus e árabes terão lugar sob os auspícios dos Estados Unidos e da URSS. Israel preferiria, sem dúvida, negociações directas, sem terceira parte. Mas afirma-se aqui que o termo «auspícios» não significa nem mediação, nem mesmo intermédio.

Por fim, em Israel, receia-se que em virtude do papel desempenhado pelos Estados Unidos no abastecimento do país durante a quarta guerra israelo-árabe, a sua influência se torne muito maior, o que, em dado momento, poderá provocar sérios atritos entre Jerusalém e Washington. Mas, apesar de tudo continua a esperar-se que os Estados Unidos se mantenham fiéis ao seu princípio de «não impor uma solução».

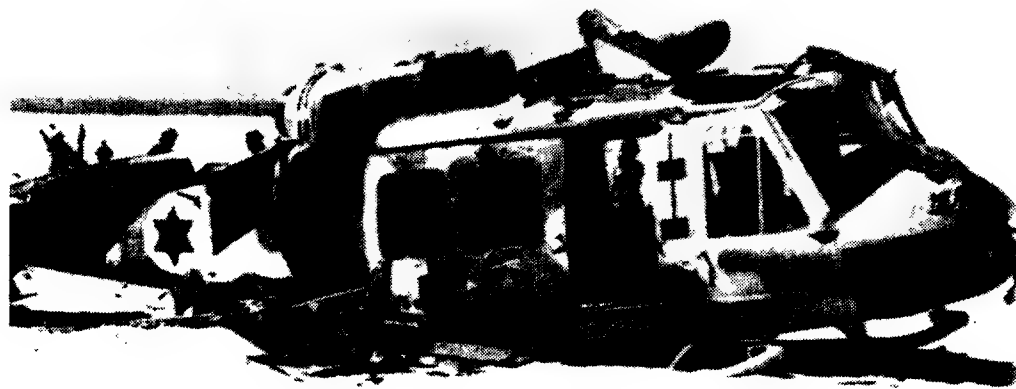
Quanto ao cessar-fogo propriamente dito, muitos mem-

bros do Governo teriam afirmado a sua inquietação, na sessão da noite de domingo para segunda-feira, quanto a uma eventual utilização da trégua pelos árabes para reforçarem o seu potencial militar.

Revela-se também que o Yemem instituiu, como revelou o embaixador Tekoa na ONU, um bloqueio do estreito de Bab El Mandeb que comanda a entrada no Mar Vermelho e, por conseguinte, o acesso ao porto israelita de Eilat.

A opinião pública israelita recebeu o cessar-fogo com um misto de alívio e decepção. Alívio porque significaria o termo dos combates, que já custaram muito caro a Israel, nomeadamente em vidas humanas, perdas particularmente sentidas num pequeno país onde todos se conhecem. Decepção também porque, como disse o general Dayan numa entrevista recente «qualquer demora no cessar-fogo tem vantagem para Israel, agora que tomámos a iniciativa na frente egípcia e que ocupamos posições muito favoráveis na Síria».

Os israelitas, depois do início das hostilidades, declararam que não parariam senão depois de terem quebrado o potencial militar do Egipto e da Síria. E evidente que os israelitas enfraqueceram esse potencial mas não o aniquilaram. Por isso é que são ainda de esperar os mais violentos combates até hoje à noite.



Um helicóptero israelita abatido pelos egípcios, na quarta-feira passada, na margem ocidental do Suez, provocou dez baixas na fileira de Israel — cinco mortos e cinco prisioneiros. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

Novas áreas conquistadas pelos egípcios no Sinai

CAIRO, 22 (R.) — Tropas egípcias continuam a pressionar posições israelitas, após ocuparem novas áreas a leste do Canal e de infligirem pesadas baixas às forças judaicas na margem ocidental da rota marítima, segundo asseveraram hoje funcionários caiotas.

O comando militar egípcio comunicou que as suas forças tinham desencadeado alguns contra-ataques durante os quais conquistaram novas áreas a leste do Canal e aprisionaram algumas tripulações de tanques israelitas.

Disse que soldados egípcios dominavam «firme e confiantemente» nas batalhas contra forças israelitas na área de De-

versoir, a oeste do Canal.

As baixas hebraicas desde o começo da guerra incluíram vários milhares de mortos e feridos. O comando afirmou que os israelitas perderam também 316 aviões, 670 tanques, 440 veículos blindados e 37 helicópteros.

O correspondente de guerra do "Al Ahram" informou que forças egípcias estavam a atacar com fogo intenso duas bolsas israelitas em Deversoir e Serabium, na área dos Lagos Salgados.

As baixas israelitas das duas bolsas até ontem, de manhã, foram calculadas em 120 tanques, além de dezenas de veículos de meia tracção.

O comando judaico tentava

abastecer do ar as forças hebraicas de infiltração, após a sua linha de abastecimento através do Canal ser cortada pelos egípcios — prosseguia o correspondente.

Todos os helicópteros que tinham transportado os abastecimentos foram abatidos no Canal e na margem ocidental — acrescentou.

O informador militar, major-general Ezzeddin Mokhtar, declarou ontem uma conferência de Imprensa que a força israelita na margem ocidental se achava completamente cercada por forças egípcias. Disse que as baixas israelitas desde o começo da guerra eram calculadas em milhares de mortos e feridos.

Ofensiva israelita nas duas margens do Canal de Suez

TELAVIVE, 22 (F.P., R. e UPI-ANI) — Os correspondentes militares do "Maariv" informam que recomeçou esta madrugada a ofensiva geral israelita nas duas margens do Canal de Suez. Blindados e infantaria avançam com o auxílio activo da aviação. Esta última, sublinham os correspondentes, domina o céu, depois dos blindados terem destruído ou danificado as baterias de mísseis.

FILMES

Filmes exibidos na televisão judaica a noite passada, mostravam tanques e transportes blindados israelitas a atravessarem vilas e aldeias egípcias ao longo das margens de pequenos canais a oeste do Suez.

Entretanto, enquanto Telavive aguarda a resposta dos países árabes à resolução das Nações

Unidas, observadores desta cidade pensam que as posições ocupadas na semana passada pelos hebraicos na margem ocidental do Canal poderiam revestir-se agora de grande importância política.

ALLON NA FRENTE

O vice-primeiro-ministro de Israel, Yigal Allon, esteve em visita às tropas judaicas destacadas a ocidente do Canal do Suez, acompanhado pelo general Haim Bar-Lev, e viu as tropas destruírem uma bateria de mísseis — informou o comando militar em Telavive.

Entretanto, o chefe do Estado-Maior, general David Elazar, declarava pela rádio que o mais importante da acção das suas tropas em território egípcio fora precisamente a destruição das baterias de mísseis anti-

aéreos.

Em consequência disso — acrescentou Elazar — a força aérea judaica aumentou a sua liberdade de acção e auxílio agora mais as forças terrestres.

Forças egípcias atacaram esta manhã forças israelitas na margem ocidental do Suez, numa tentativa de repelir as tropas de Israel que aí se implantaram, anuncia o porta-voz de Telavive, acrescentando que as forças inimigas foram repelidas com pesadas baixas. Segundo os correspondentes militares israelitas, o ataque desistiu-se a obrigar as tropas de Israel a abandonar o território egípcio antes da entrada em vigor do cessar-fogo. Por outro lado, o porta-voz israelita anuncia que a força aérea do seu país atacou concentrações a egípcias de um lado e de outro do Canal.



Henry Kissinger (o segundo a contar da esquerda), despede-se de Andrei Gromyko, no aeroporto de Moscovo, após um fim-de-semana de intensas negociações que produziram o acordo hoje aprovado pelo Conselho de Segurança. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)



METALURGIA CASAL, S.A.R.L.

RATEIO DA SUBSCRIÇÃO PÚBLICA
DE 10 000 ACÇÕES

Tendo sido subscritas um total de 276 816 acções, que corresponde um valor de 415 224 000\$00, atingindo, assim, 27 vezes o capital oferecido, foi aprovado o seguinte rateio:

até 6 acções — nenhuma
de 7 a 199 acções — 1 acção
200 ou mais acções — 2 acções

O reembolso do valor das acções não atribuídas, verificar-se-á a partir do dia 23 de Outubro inclusive, nas Instituições de Crédito, onde se efectuaram as subscrições.

A ADMINISTRAÇÃO

**MELHOR SOM
MAIS LUZ
PILHAS
GATO BRANCO**

LUSTRES
encantadores, ao gosto da ju-
ventude Fábrica, Av. 5 Outu-
bro, 203, r. c. Esq. (Ao Campo
Pequeno). Telefone 77 16 39.
VENDA AO PÚBLICO

CAIXA NACIONAL DE SEGUROS DE DOENÇAS PROFISSIONAIS

CONCURSO PÚBLICO 1/73

para

Fornecimento duma instalação de difractometria
de raios-X para doseamento quantitativo de sílica
livre em poeiras

Pelo prazo de trinta dias, na sede desta enti-
dade (Av. da República, 25-3.ª, Esq. Lisboa esta aberto
concurso para o fornecimento e montagem de aparelhos
de difractometria de raios-X para doseamento quan-
titativo de sílica livre em poeiras, nos termos das con-
dições patentes na Caixa Nacional, onde também serão
prestados todos os esclarecimentos.

TERRENOS PARA CONSTRUÇÃO COMPRAM-SE

RUA DA PRATA, 291-2.ª, DT.
TELEFS. 37 06 18 / 32 54 87

A 26 DE OUTUBRO DE 1973 A LOTARIA NACIONAL ESTÁ DE PARABENS

A COMEMORAR ESTE ANIVERSARIO
HÁ UM PRÉMIO MAIOR DE

10 milhões por 600\$00
1 milhão por 60\$00

CASA COSTA

75, RUA DE S. PAULO — LISBOA

MERCEDES-ROVER BMW • MARCAS DA GM

EM LOCAIS CENTRAIS DE FÁCIL ACESSO

OFICINAS DE REPARAÇÃO
EQUIPAS ESPECIALIZADAS
EQUIPAMENTAL INDICADO

VEÍCULOS DE ORIGEM

PREÇOS DE MÃO DE-OBRA
FIXADA AO PÚBLICO

C O T Rua de Artilharia Um, 105 - A e B
C O T Rua dos Lusíadas, 113 - A e B

SEI INDEPENDENTE

DL/GERAL

PERIGOS CONSENTIDOS

CASA DE REPOUSO DOS MOTORISTAS PORTUGUESES

(Inválidos do Volante)

Assembleia Geral AVISO CONVOCATÓRIO

Emídio Santana, Presidente
da Mesa da Assembleia Ge-
ral, usando da faculdade que
lhe é conferida pelo n. 1 do
art.º 79.º do Estatuto, convoca
a reunião ordinária desta As-
sembleia, para o dia 27 do
corrente mês, pelas 20.30 ho-
ras, que terá lugar em pri-
meira convocação, no 2.º an-
dar do n. 12 da Avenida Al-
mirante Reis (Associação dos
Inquilinos Lisbonenses), LIS-
BOA, com a seguinte ordem
de trabalhos:

APRECIACÃO E VOTAÇÃO
DO ORÇAMENTO ORDINÁRIO
PARA O EXERCÍCIO DE 1974.
Lisboa, 22 de Outubro de
1973.

O PRESIDENTE DA MESA
DA ASSEMBLEIA GERAL
Emídio Santana

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL JÚLIO DE MATOS

Concurso a vigorar durante
o ano de 1974, para os seguin-
tes fornecimentos:

- Alcoois puro e desnaturado.
- Apara e lá de cortiça.
- Calçado e alpargatas, para doentes
e pessoal.
- Combustíveis líquidos («Fuel», Ga-
sóleo, Gasolina e «Burner»).
- Especialidades farmacêuticas.
- Gases medicinais e industriais.
- Material de consumo para electroen-
cefalografia.
- Pilhas eléctricas.
- Chaves tipo «Yalle».

Até às 17.30 horas, do dia 5 do
próximo mês de Novembro, encon-
tram-se patentes no Serviço de Abas-
tecimentos, deste Hospital, todos os
dias úteis, das 10 às 13 e das 14 às
17.30 horas, excepto sábados em que
o Serviço encerra às 13.30, as condi-
ções para os concursos em referência.

Lisboa, em 20 de Outubro de 1973,
O ADMINISTRADOR

CRIANÇAS ATRAVESSAM A ESTRADA SEM QUALQUER PROTECÇÃO

Todos os dias as crianças que
frequentam a escola do ciclo
preparatório da Reboleira atra-
vessam muitas dezenas de vezes
a estrada que divide aquele esta-
belecimento de ensino. Se um
professor está presente controla a

travessia, como foi o caso que
registámos, mas pelo testemu-
nho de alunos e professores sou-
bemos que não é assim que
acontece normalmente. Porque
não há, naquele local, uma faixa

para peões devidamente sinali-
zada? Todos sabemos que a es-
cola prefabricada da Reboleira
não tem o prestígio do Liceu
Francês, mas as vidas das
crianças valem o mesmo.



BOM APETITE



CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURISTICA

ESTRADA DA TORRE — LUMIAR — TELEF. 790168

ESPECIALIDADES DIÁRIAS

DOMINGO AO ALMOÇO À NOSSA

PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE

(M/14 ANOS)

Encerrado às 2.ªs feiras.

restaurante
arameiro
RIA

LISBOA
Restauradores
Trav. S. Antão 21
PRÉMIO DO S. N. 1

RESTAURANTE SANCHO

Trav. da Glória, 8-16

Telef. 369780

LISBOA

Estalagem «A GRUTA DO RIO»

RIO DE MOURO

Telef. 2960535

Auto-estalagem para S. N. 1

ESPECIALIDADES DIÁRIAS
BACALHAU À LAGAREIRA

E

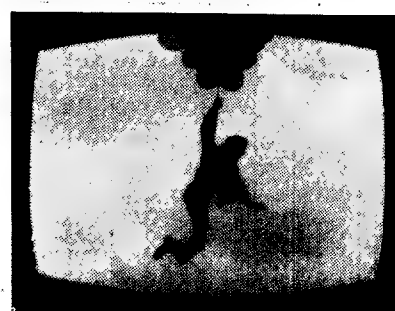
CABRITO NO FORNO

A PADEIRO

ANCHES LE CASAMENTO

APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

HÁ MUITAS MANEIRAS DE



S U B I R

É?... NÃO É?

POIS É!

DL/GERAL

José Gomes Ferreira estudado no estrangeiro

A obra do poeta português José Gomes Ferreira está a suscitar um interesse cada vez maior por parte dos estudiosos. Na Universidade de Grenoble, a francesa Laurence Roulx acaba de defender uma tese de «maîtrise» com o título «O lugar do homem na poesia de José Gomes

Ferreira: estudo dum tema lírico e filosófico».

Por sua vez, o brasileiro Carlos Filipe Moisés apresentou, para obtenção do título de doutor pela Universidade de São Paulo, uma tese intitulada «A problemática social na poesia de José Gomes Ferreira».

Informa-se, a propósito, que a Portugal vai lançar, dentro de dias, a segunda edição (corrigida e acrescida de uma nota final pelo autor) de «Aventuras de João Sem Medo», livro já publicado nas línguas romena e russa e também já traduzido em francês.

Doentes e barulho

VISEU. Queixam-se os internados da Casa de Saúde de S. Mateus do barulho provocado pelo trânsito no local. Efectivamente, o moderno estabelecimento localiza-se à saída da cidade, na estrada internacional que vai directamente à fronteira de Vilar Formoso, sendo portanto ponto obrigatório de passagem.

Dado tratar-se de um cruzamento, são frequentes os incidentes motivados por desrespeito à regra da prioridade, havendo acaloradas discussões entre automobilistas, o que, junto ao barulho dos motores e dos «claxons», torna a situação verdadeiramente incómoda para os doentes.

Reunião de convívio dos licenciados pelas Faculdades de Ciências

No próximo dia 26, a partir das 19 horas, terão lugar mais uma vez a Reunião e Jantar de Confraternização dos Licenciados pelas Faculdades de Ciências, que este ano se efectuam nas Salas de Convívio das Obras Sociais do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, na Avenida da Liberdade, em Lisboa.

As inscrições podem ser feitas, até ao dia 23, pelo telefone, por escrito ou pessoalmente, nos seguintes locais: Telefonista da Faculdade de Ciências de Lisboa, tel. 661521, sendo mais

fácil depois das 18 horas; Externato Liceal e Técnico Arquimedes, Rua Marques da Silva, n.º 99-2, telef. 532702; e dr.ª Alice Maia Magalhães, tel. 863088.

CAMISAS POR MEDIDA

O seu género a seu gosto
Hirondelle
R. Pedro Nunes, 39
(Ao - SALDANHA)

EXPOSIÇÃO BIBLIOGRÁFICA NO INSTITUTO BRITÂNICO

É inaugurada no próximo dia 22, pelas 18 horas, na sede do Instituto Britânico, na Rua Luís Fernandes, 3, em Lisboa, uma interessante exposição de livros sobre «A Inglaterra e a Europa Medieval».

O certame, expressamente organizado pela «British Council of London» para ser apresentado nos principais centros culturais da Europa, é constituído por uma colecção de cerca de seis centenas de obras recentemente publicadas por medievalistas britânicos.

Faça o teste da independência

Responda sim ou não

1. Todas as suas amigas decidiram usar hot pants. Você, francamente, não gosta de se ver com elas. Usa-as, ou não? Sim ☐ Não ☐

2. Suponha que acaba de conhecer um rapaz simpático e cheio de interesse, mas que é mais baixo do que você. Sentiria uma certa reserva em sair com ele? Sim ☐ Não ☐

3. Você é de novo convidada para jantar com um grupo de gente simpática, mas sem interesse. Sente-se obrigada a aceitar? Sim ☐ Não ☐

4. Todas as tabelas dizem que você tem cinco quilos a mais. Você sente-se bem e a roupa continua a servir-lhe. Apesar disso, fará dieta? Sim ☐ Não ☐

5. Você gosta de todo o género de música. Excepto ópera. Acha que, contudo, deveria ouvir ópera porque «é o que toda a gente faz»? Sim ☐ Não ☐

Se respondeu «Não» a três ou mais perguntas, você é realmente uma rapariga independente. Outro exemplo da sua independência de espírito: você usa tampões Tampax.

Porquê tampões Tampax? Porque quando você os compara a todos, só os tampões Tampax lhe proporcionam estas vantagens: cada tampão Tampax vem num aplicador, macio como a seda; tanto o aplicador, como o tampão, se eliminam através da sanita; não há tubos de madeira, nem de plástico, para eliminar.

Como são de uso interno, os tampões Tampax são absolutamente cómodos. Não assam a pele, nem provocam cheiros, nem irritam, como acontece com os penos volumosos. Tampões Tampax. Fazem de cada dia do ano um dia de liberdade.

Logo desde início...

tampões

TAMPAX

PROTECÇÃO HIGIÉNICA PARA USO INTERNO

PEÇA UMA AMOSTRA A:
ANTÓNIO PACHECO AGOSTINHO, LDA.
R. RODRIGUES SAMPAIO, 16-B - LISBOA

OFICINAS DE AUTOMÓVEIS COTAL

SERVIÇO OFICIAL TOYOTA

Rua Artilharia Um, 105-A
Rua dos Lusíadas, 113-A

Telfs. 683131/2/3
Telfs. 631057/8

MERCEDES
BMW
ROVER
MARCAS DA G.M.

TODA A TÉCNICA DE ESPECIALIZAÇÃO, FERRAMENTA E PESSOAL COMPETENTE

DAMOS ORÇAMENTOS PRÉVIOS

UM DOS SERVIÇOS MAIS EFICIENTES E RÁPIDOS DE LISBOA

SERVIÇO INDEPENDENTE

CEPELT

CLASSES E LIÇÕES PARTICULARES
MANHÃ — TARDE — NOITE
SÁBADOS LIVRES

RUA D. ESTEFANIA, 48-TELEF. 4 29 59

■ ARTEL 4

NOVO! HIDROEXTRACTOR



É RÁPIDO
ECONÓMICO
E DE FÁCIL
UTILIZAÇÃO

CALOR

COMPLEMENTO INDISPENSÁVEL DA MINI-MÁQUINA DE LAVAR ROUPA

EXCLUSIVO IBEREX LISBOA



LOTARIA COMEMORATIVA

TALUDA 10 MIL CONTOS

Parabéns a Você!

190

ANIVERSÁRIO



Para cada caso a solução adequada

- APARTAMENTOS
- ANDARES
- ARMAZÉNS
- GARAGENS
- ESCRITÓRIOS
- INSTALAÇÕES INDUSTRIAIS

consulte

J. Pimenta SARL

VENDA DE PROPRIEDADES
CONSTRUÍDAS
NOS MELHORES LOCAIS
PARA
RENDIMENTO OU HABITAÇÃO

Informações:

LISBOA — Pr. Marquês de Pombal, 15 — Telef. 4 53 43 - 4 78 43
Sede Social — QUELUZ — Av. António Enes, 25 — Telef. 95 20 21/5

DL/DESPORTOS

Dinâmica do Sporting estatismo do Benfica

Cartões amarelos e vermelhos (significando advertências e expulsões), grandes penalidades concretizadas e defendidas, o fim da invencibilidade de mais duas equipas, a violação (pela vez primeira) da rede de Joaquim Torres «suspense» num campo ou outro até final dos noventa minutos, de tudo se revestiu a sexta jornada do campeonato, disputada sob céu limpo e tempo ameno perante elevadas assistências.

Faltou, apenas, o elemento surpresa que faz os milionários do Totobola para se recordar como recheadíssimo o sexto passo da caminhada da bola indígena.

Os resultados totais deram:
Vitória de Setúbal, 4-Boavista, 1; Sporting, 3-Farense, 0; Benfica, 1-Cuf, 0; F. C. do Porto, 3-Beira-Mar, 0; Vitória de Guimarães, 1-Montijo, 0; Olhanense, 2-Belenenses, 2; Barreirense, 1-Leixões, 0 e Académica, 3-Oriental, 0.

RUFINO:
PRIMEIRO GOLO
AO SETÚBAL.

Na vaga de cartões que os árbitros exibiram a jogadores faltosos (e vários ficaram por mostrar, ao menos nos dois jogos a que assistimos) um triste destaque para o jogo Olhanense-Belenenses: nada menos quatro amarelos, da advertência, e dois vermelhos, da expulsão. Godinho e Fliseu, ambos de camisola azul saíram do campo por comportamento incorrecto o mesmo acontecendo a Vitor Campos e Armando, respectivamente da Académica e do Oriental. Diga-se que é indisciplina a mais para uma jornada só.

Quanto a grandes penalidades: marcam, nas, concretizando golos, Yazalde, Pavão e Gervásio; falhou-a Adilson, permitindo a defesa de Damas (a segunda neste campeonato e em dois golos consecutivos).

A rede de Joaquim Torres, «keeper» do Vitória de Setúbal, assustou-se pela primeira vez, sendo violada pelo guineense Rufino, ao serviço do Boavista.

O Vitória cede um golo

Só que o facto nada adiantou aos pupilos de Aimoré Moreira como não atrasou aos de Pedroto. Quatro tentos a favor da gente de Setúbal (três de Duda) sobram para manter o Vitória lá bem no topo da classificação.

O F. C. do Porto resolveu, finalmente, prescindir dos serviços de Flávio no comando do ataque «azul e branco». As funções do ex-grande goleador brasileiro foram entregues a outro brasileiro, Marco Aurélio de nome, e o resultado está à vista: dois golos a somar ao que deu a vitória à sua equipa na jornada anterior, no campo do Montijo. Será para durar? A fazer fé no que os resultados espelham é de crer que sim.

Vinte e um golos em oito jogos não é quantitativo de desprezar. Só que quase todos foram obtidos por equipas visitadas. Das visitantes (nenhuma vitória!) apenas a assinalar três tentos, dois à conta do Belenenses e um para o Boavista. Consequência disso: jornada sem surpresas e em que apenas entra um empate obtido fora de casa, pelo Belenenses, no último minuto do seu jogo em Olhão, mas ainda a tempo de permitir uma bola na trave da baliza de Mourinho. Não passou de susto mas seria a vitória algarvia, bem merecida, segundo as crónicas, zelo que o Olhanense jogou na primeira parte.

Um aceno de simpatia para a resistência da Cuf, Montijo e Leixões. Perderam os dois pontos em causa (e isso, no fundo é que conta) mas compraram a derrota pelo preço mínimo que foi possível regatear.

SUPERIORIDADE DO SPORTING EM TEÓRICO CONFRONTO COM O BENFICA

A antecipação do jogo Sporting-Farense para a noite de sábado possibilitou aos mais fiéis espectadores do futebol assistir a dois jogos em Lisboa envolvendo «leões» e «águas» com a curiosidade de ambos de frontarem turmas até aqui invictas, o Farense e a Cuf.

Dos dois jogos trouxemos a confirmação de algumas impressões colhidas sobre os dois grupos nas anteriores jornadas.

Neste momento, em eventual confronto teórico e pelo que vimos, os de Alvalade levariam vantagem, como levam em postos (mais um), em golos no campeonato (mais 12) e em golos na jornada (mais dois).

É necessário descontar as ausências de Simões e Fusébio (especialmente) no Benfica, para não falarmos, já de Artur Jorge e Jaime Graça, há mais tempo afastados da equipa. Mas, mesmo assim, temos de convir que o Benfica jogou bastante mal. Não é que tenha vencido por sorte, ou acaso. Nada disso. Mas a sua exibição não deu a ninguém a sensação de facilidade, de classe e de superioridade. Coisa que, se viu no Sporting de sábado à noite. É certo também que a Cuf não é o Farense e que os futebolistas treinados por Caiado são mestres a jogar fora de casa. Simplesmente o Benfica apresentou-se com falhas demasiadas na sua maneira de actuar.

A mais gritante diferença entre o Sporting que ganhou ao Farense por 3-0 e o Benfica que

Totobola a chave

Guimarães - Montijo	1
Benfica - CUF	1
Sporting - Farense	1
Académica - Oriental	1
Olhanense-Belenenses	X
Vilanovense - Varzim	2
Sanjoanense - Espinho	1
Fafe-Salgueiros	X
Feirense - Penafiel	X
Alhandra - U. Leiria	X
Peniche - Atlético	X
Sesimbra - Almada	1
Sintrense - Lusitano	X

Classificação

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
V. Setúbal	6	5	1	—	20-1	11
Sporting	6	5	—	1	20-3	10
Benfica	6	4	1	1	8-3	9
F. C. Porto	6	3	2	1	8-6	8
Cuf	6	2	3	1	10-7	7
V. Guimarães	6	2	3	1	6-4	7
Boavista	6	3	—	3	8-9	6
Belenenses	6	2	2	2	12-9	6
Sp. Farense	6	1	4	1	7-8	6
Sp. Olhanense	6	2	1	3	8-9	5
Barreirense	6	2	1	3	4-6	5
Beira-Mar	6	2	—	4	8-16	4
Académica	6	2	—	4	5-12	4
Oriental	6	1	1	4	2-14	3
Montijo	6	1	1	4	5-9	3
Leixões	6	1	—	5	3-12	2

PRÓXIMA JORNADA — F. C. Porto-V. Guimarães; Montijo-Benfica; Cuf - Sporting; Farense-Académica; Oriental-Olhanense; Belenenses-Barreirense; Leixões-V. Setúbal e Beira-Mar-Boavista.

J. LUÍS PINHEIRO

ELECTRODOMÉSTICOS

PARTICIPA AOS SEUS CLIENTES E AMIGOS,
A REABERTURA DA SUA LOJA NA

AV. DA IGREJA, N.º 25 - A

COMPLETAMENTE REMODELADA,

ONDE APRESENTA

AS ÚLTIMAS LINHAS DE ELETRODOMÉSTICOS
DAS MAIS CONSAGRADAS MARCAS

DIÁSPORAS

O "Nacional" à 6ª jornada

dôminou a Cuf, marcando apenas um gol, é a movimentação «leonina» contra o estatismo da grande maioria das unidades benfiquistas. Flagrante, por exemplo a diferença entre Nenê (sistematicamente parado na ponta esquerda — alheado do jogo ou à espera do lançamento que raramente chegava) e Dinis (correndo o campo todo, indo à direita e à esquerda, desarmando, ordenando e rematando ao gol). Flagrantes, também, as diferenças entre Yazalde e Vitor Baptista. O argentino correu com uma vitalidade espantosa, não parando um momento sequer da primeira parte: Vitor Baptista, esforçou-se, é verdade, mas numa zona limitada de terreno, dentro da área da Cuf e em confronto directo com os dois centrais. Assim é mais fácil anulá-lo e, talvez por isso, acabou por ser substituído.

Mas deixando de lado os casos individuais nota-se que há uma dinâmica total no Sporting: atacar em bloco, com o jogador que tem a bola sempre apoiado por um companheiro (ou mais) defesas laterais e descerem ao campo adverso, médios num vaivém permanente entre a defesa da sua rede e o assédio à rede contrária, extremos a captar a bola e a internarem-se para dar lugar às entradas dos laterais, mudanças de jogo de flanco a flanco para elementos que aparecem desmarcados e sempre em jogo, mesmo sem bola. Daí os golos e as oportunidades (de bola limpa). Frequentíssimas.

No Benfica continua a ver-se o primor de execução da maioria dos jogadores, diminuído pelo estatismo de enervar. Os ataques dos «encarnados» processam-se, sobretudo, por lançamentos longos para os avançados, o que é tarefa inglória contra a Cuf ou contra qualquer outro «team» que povoe o meio campo com muitas unidades. Rui Rodrigues foi o único que acertou numa ou noutra bola metida à frente de Nenê, o que é pouco. Outro processo é o remate de longe a cargo dos médios. Conhê estava atento e tais remates também não resultaram.

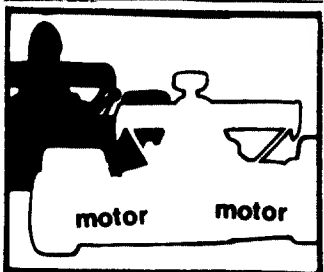
O amargo da exibição benfiquista foi disfarçado por Jordão de todos os atacantes o que mais merecia o gol pelo que se mexeu e rematou — mas ficaram no ar muitos minutos de desilusão e nervoso miudinho.

Uma nota mais, esta sobre a arbitragem: Será que na Comissão de Arbitros do Porto só se considera comportamento incorrecto a rasteira, o pontapé ou o encontro? E não as bolas fora sistematicamente lançadas pelo Farense, com o jogo parado, para para queimar tempo e para quebrar as vagas do ataque do Sporting? E o desrespeito absoluto da distância legal a que deve colocar-se a barreira na execução dos pontapés livres? Nada disso conta, senhor Fernando Leite? Nem uma advertência verbal? Por ter rematado a bola para a baliza, depois de o árbitro apitar para fora de jogo viram Jordão e Foni o cartãozinho amarelo, na Grécia! Já não se pede tanto mas ao menos uma advertência verbal. Para dignificação do espectáculo, que é caro e incómodo.

Quando a Jaime Loureiro, também do Porto, pouco há a alterar o que se disse do sr. Leite, cabendo ainda perguntar-lhe se há fora de jogo quando um

jogador da equipa que defende ataca a bola para um da que ataca. Pelo seu critério parece que sim o que é asneira.

DANIEL REIS



FÓRMULA 2 NO ESTORIL

Continuação da pag. 2

Na 29ª volta verifica-se outro despiste, na curva Citroen de que foi vítima o japonês Kazato. O carro ficou danificado mas o piloto nada sofreu.

A classificação da 2ª «manga» foi a seguinte: 1.º, Jarier 30 voltas, 48. 38. 73; 2.º, Coulon, 30 v.; 3.º, Brambilla, 30; 4.º, Stommelen, 30; 5.º, Kurosawa, 30; 6.º, Wilson Fittipaldi, 30; 7.º, Stuck, 30; 8.º, Gu-

belmann, 29; 9.º, Kazato, 10; Salomon, 28.

CLASSIFICAÇÃO FINAL

A classificação final, estabelecida pela adição dos resultados das duas mangas foi a seguinte: 1.º, Jarier (March BMW), 60 voltas, média de 160, 527 km/h; 2.º, Coulon (March BMW), 60 v.; 3.º, Stommelen (Brabham), 60; 4.º, Brambilla (March BMW), 60; 5.º, Wilson

Fittipaldi (Brabham), 59; 6.º, Guhelman (March BMW), 58; 7.º, Kazato (GRD), 57; 8.º, Araújo Cabral (March BMW), 56; 9.º, Stuck (March BMW), 56; 10.º, Jean Claude Savre (March BMW), 50; 11.º, Salomon (March), 48.

ORGANIZAÇÃO

Pela primeira vez o Autódromo do Estoril ofereceu uma organização positiva e dentro dos esquemas internacionais. Tudo o que se viu correu bem e esta prova pode considerar-se um belo ensaio para mais altos vãos e uma excelente promessa de futuro.

Domingo em destaques

FUTEBOL

Luz: a lesão (numa virilha) de José Henrique

Olhão: as expulsões de Filipe e Godinho

Coimbra: as expulsões de Armando (Oriental) e Vitor Campos (Académica)

Varzim: demitiu-se o treinador Germano de Figueiredo.

CICLISMO

Rampa: o benfiquista Ven-

ceslau Fernandes é campeão nacional de profissionais. Em amadores, o título foi para o portista Manuel Oliveira

HÓQUEI EM PATINS

Lourenço: para o Nacional, os quatro jogos já efectuados reflectem a má actuação do Benfica, colocado em último lugar da classificação. Desfechos: BCA, 4-Lourenço e Benfica, 2; Desportivo de Lourenço Marques, 1-Benfica, 1;

BASQUETEBOI

Benfica: Dan Tylor é o novo norte-americano do «Cinco». Ontem, na apresentação, conseguiu 38 pontos (mais 5 que o compatriota Larry, igualmente das «águias»). O Benfica bateu o Barreirense por 124-74.



Continuação da pag. 5

uma colecção — de falhanços e de frustrações. Aos programas conjugados sistematicamente no pretérito, junta-se mais um. Na vasta cripta alinha-se mais um corpo horizontal amortalhado no silêncio. Não me venham dizer que é isso conhecer a nossa Pátria, o nosso povo. Não venham dizer porque ninguém acreditará. Era com uma palavra de esperança que eu gostaria de terminar esta crónica: a televisão procedia a uma autocritica, arrepiava caminho, deixava que livremente as terras portuguesas se pusessem ali a viver conosco...

E uma palavra de esperança que não posso pronunciar.

Diziam — mas linguas, estão a topar — que havia uma grande falta de poesia na televisão portuguesa. Vai daí, resolveram — ciar uma nova rubrica poética: MOTIVOS DE POESIA e foram entregá-la pois quem havia de ser: António Manuel Couto Viana, poeta muitíssimo habituado na televisão portuguesa além de possuidor de muitas outras qualidades que seria ocioso enumerar.

A sua finalidade ao assumir a responsabilidade de mais este trabalho, Couto Viana afirmou desejar constituir uma espécie de antologia breve e leve dos mais preponderantes motivos de poesia na poesia de língua portuguesa. Elege (...) nestes tempos de Outono de poetas trágicos, de folhas encarquilhadas como um corpo velho, de nevoeiros sebasticos sobre o dorso arrepiado dos montes, de chuvas frágeis como lágrimas tímidas, a sombra de um poeta que reflecte tudo isto genialmente e se chama António Nobre.

Dirão que estas coisas não têm importância. Mas se a qualidade literária não tem importância para a educação estética de milhões de pessoas, qual o interesse de uma rubrica literária? Entreter por entreter já

temos muito.

Por favor não toquem na poesia, que ela não tem culpa.

Sendo verdade que a qualidade estética parece não estar na preocupação imediata do responsável da rubrica. Ele quer dar-nos «motivos de poesia». Ora os motivos de poesia não se devem confundir com poesia. O mesmo motivo pode dar fotonovela ou Camilo, pode dar história de cordel ou Dickens, pode dar ligeirice ou Balzac; como pode dar poesia ou versalhada. O exemplo de António Nobre pode vir a propósito: a importância da sua poesia não reside nos motivos da sua poesia.

A originalidade de rubrica constitui em considerar um poeta como motivo de poesia. Logo, na voz chorona de Maria Dulce e na entoação requebrada de Victor de Sousa, ouvimos poemas dedicados ao António Nobre, escritos por Mário Beirão, Ribeiro Couto, Sá-Carneiro, Sebastião da Gama, Duarte de Viveiros e Manuel Bandeira.

O público aprendeu pouco do poeta, pois os poemas focavam quase exclusivamente os motivos de António Nobre e não a sua poesia. Os poemas choviam no molhado. Levavam António Nobre à radioscopia, viam-lhe o esqueleto mas não a essência. Não basta um simplesmente Maria? Para quê outro simplesmente Nobre? Não queremos motivos de poesia: queremos poesia. Ou se compreende isto ou será melhor que a televisão deixe a poesia em paz.

A nossa juventude vive inquieta o momento que passa. A História requer a sua atenção, coloca-lhe no dia-dia problemas angustiantes. No Lavradio, certamente correspondendo a esse apelo, alguns moços reunem-se e constituem o G.P.E.S.D.V. ou mais simplesmente Grupo Português de Estudos Sobre Discos Voadores.

O programa «Movimento» não perde a ocasião e manda lá Henrique Mendes fazer a reportagem. Os moços do Lavradio lá vão relatando as suas peripécias. Bem vistas as coisas, a conversa tornou-se monótona exactamente porque eles não tinham nada para nos contar. Seria um assombro e um êxito para a reportagem se alguém tivesse contado uma experiência pessoal: encontrara um disco voador, dele vira sair um ser misterioso o qual em português puríssimo (cada vez mais raro nos tempos de hoje, entre seres terrenos) lhe

perguntara, angustiadamente, notícias sobre as eleições no País facto que, acrescentaria, estava a preocupar seriamente os seus longínquos compatriotas. O ser extraplanetário entregara-lhe mesmo uma mensagem na qual propunha a todos os portugueses a elaboração de tratado de boa vizinhança, dadas as características comuns de gente doutro mundo.

Ou não tinham chegado a tanto, mas o grupo do Lavradio, estudados todos os casos, todos, desde os mais concretos aos mais suspeitos, haveriam conhecido a verdade e viriam proclamá-lo diante das câmaras da televisão portuguesa a qual, tendo já tantos motivos para ficar célebre no reino do humor, ficaria assim com mais um, e não o maior, diga-se. O Grupo teria provas na mão, ei-las...

Ou antes: nem isso tinham conseguido, mas dispunham de condições que, em breve, lhes permitiriam dar notícias, e das boas.

Nada disso aconteceu. Os moços reunem-se aos sábados; possuem, para investigações, um telescópio que, quando muito, lhes permitir ver os astros da outra banda; o que sabem, sabem-no através de livros e de correspondentes estrangeiros, principalmente no Brasil. As suas convicções baseiam-se na lógica seguinte: há milhões de planetas; seria estúpido pensar que só existe vida na Terra; existe vida extraplanetária, logo há discos voadores.

Com tudo isto, há pessoas que lhes chamam taradinhos. Eles não se ralam, entretidos, como estão com os problemas dos discos voadores e da parapsicologia. Movimento, produção de Rádio Clube Português, dá-lhes grande apoio. Henrique Mendes vai mesmo ao ponto de incitar os jovens a porem os olhos nos moços do Lavradio e a dedicarem-se a estas e a outros estudos.

Com tudo isto, os rapazes do disco voador já contam com sede para as suas reuniões. Ou muito me engano ou passarão dentro em pouco a dispor de um subsídio. E justo. Apontamento final: Relativamente à origem dos seus fundos, foi dito que se quotizavam e, para certas despesas, procediam entre si a uma «colectânea». Ora estes moços, que tanto tempo dedicam aos discos voadores e à parapsicologia, não podiam gastar algum a estudar português?



Teatros e serviços

cinemas

LISBOA

TURNO H 1
(ATE AS 22 HORAS)

AJUDA
Lopes, R. do Cruzeiro 117 (T. 633288)

ALFAMA
Arnali, R. das Escoras Gerais 56 C (T. 863940)

ALTO DE S. JOÃO
Nova Luz, R. Domingos Jar. do 28 A (Praça D. Afonso III) (T. 843439)

ALVALADE
Alvalade, Av. da Igreja 18-A (T. 712070); Gasparinho, R. dr. Gama Barros 54-A (T. 710465); Olinda, Av. João XXI 13-A (T. 726848)

AVENIDAS NOVAS
Cosmos, Av. João Crisostomo 44-C (T. 40592); Miranda, C. Pequeno 36-B (T. 70776); Universal, R. Actor Taborda 5 (T. 44158)

BAIRRO ACTORES
Nobel, R. Actor Vale 53 (a Fonte Monumental) (T. 842152)

BAIRRO DAS COLÓNIAS
Colonial, R. Forno do Tijolo 40 (T. 841222)

BAIXA
Centro Farmacêutico, R. das Portas de S. Antão 86 (T. 321211)

BENFICA
Sousa, E. de Benfca, 429-A (T. 780027/789985)

CAMPO PEQUENO
Miranda, C. Pequeno, 36-B (a Av. Sacadura Cabral) (T. 770776)

CAMPO DE OURIQUE
Ivone, R. Silva Carvalho 232-C (T. 650760)

ESTRELA
Paiva e Parente, R. de S. António 98 (T. 665196)

LAPA
Silva, R. S. João da Mata 72 (T. 661010)

LUMIAR
Alameda, Al. das Linhas de Torres 201-B (T. 790942)

MARVILA
Maevila, R. Direita de Marvila 21 (T. 381612)

OLIVAS
Higien, R. Cidade Vila Cabral Lote 43 (Olivais-Sul) (T. 310026)

PICHELEIRA
Mariz, C. da Pichelera 140-B/C (T. 720703/728395)

REGO
Pratas e Mota, R. da Beneficência 91 (T. 773728)

RESTELO
Tanara, R. Rodrigo Teitel 3-A (a encosta do Restelo) (T. 611814)

SANTO AMARO
Lisbonense, R. Leão de Oliveira 2-B (T. 637020)

S. MAMEDE
S. Mamede, R. da Escola Politécnica 82-B (T. 660280)

SOCORRO
Tavares, R. da Palma 194 (T. 863350)

TURNO H-2
(TODA A NOITE)

AJUDA
Boa Hora, R. dos Quartos 25 (T. 637777)

ALTO DO PINA
Zional, R. Moraes Soares, 56-C (T. 847708)

ALVALADE
Neorotopia, C. Grande, 138 (T. 774682); Ideal, Av. Alm. Gago Coutinho, 49-A (T. 712803)

ANJOS
S. Jose, R. dos Anjos 41 (T. 50730)

AREIRO
Vera Cruz, P. Afranio Pexoto 2-B (A Av. João de Deus) (T. 724941)

ARROIOS
Oriental de Lisboa, R. dr. Arroios 215 (T. 45079)

AVENIDAS NOVAS
Cordero, Av. Duque d'Avila 32-C (Inquina da Av. da República) (T. 43495)

BAIRRO AMERICA
Martins, R. Ferno dr. Magalhães 33 (T. 849448)

BAIRRO DA ENCARNÇÃO
Zira, P. das Casas Novas Lote 66 (T. 310172)

BAIXA

Unifa, R. da Vitoria 21-A (T. 323793)

BENFICA

Benfica, E. de Benfca 678 E (T. 702532)

CAMPO DE OURIQUE

Porfirio, R. Francisco Martins 59 (T. 663349)

CAMPOLIDE

Central, R. General Taborda 17 (T. 680304)

CARNIDE

Leal de Matos, R. Neves Costa 33 (T. 780181)

CONDE REDONDO

Salutar, R. Conde Redondo 9-A (a Gomes Freire) (T. 533411)

LUMIAR

S. Tome, E. do Desvio Lote 12 C (T. 790704)

OLIVAS

S. Paulo, R. José Campos Lote 823 (a E. de Moscavide) Olivais-Sul (T. 310711)

RESTELO

Ocidental, R. D. Jerónimo Osório J.P.M. 3 (T. 610256)

S. BENTO

S. Bento, R. dos Poais de S. Bento 73 (T. 679673)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA

Sagres, Av. Luis Bivar 69 (T. 97213)

XABREGAS

Romana, R. Actor Augusto de Melo 7 A (T. 383800)

LISBOA DE CASCAIS

ALGÉS

Branco, Av. Comb. G. Guerra 29 (Telef. 212081)

CAXIAS

Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839)

PAÇO DE ARCOS

Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Telef. 2432039)

OEIRAS

Central, R. João Teixeira Simões, 18 (Telef. 2430058)

PARIDE

Brandão, Av. da República, 77-C (Telef. 2471054)

S. PEDRO DO ESTORIL

S. Pedro, (Telef. 263052)

ESTORIL

Parque, Arcadas do Parque, 3 (Telef. 260191)

CASCAIS

Mericórdia, R. Regimento 19, 41 (Telef. 280141); Cascais, R. Conde de Monte Real, B.º Caixas (Telef. 282407)

LISBOA DE SINTRA

AMADORA

Dias, Av. Marquês de Pombal, Lote 9 (Telef. 934589); Campos, R. Elias Garcia, 185 (Telef. 930072); Clabal, R. António Sardinha, 23 D (Telef. 938551);

DAMAIA

Confiança, Est. Militar, Lote D (Telef. 9710231)

VENDA NOVA

Girassol, R. Elias Garcia, 17-C (Telef. 974161)

QUELUZ

André, Av. Elias Garcia, 151 (Telef. 950043); Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (Telef. 951841)

CACÉM

Central, R. Elias Garcia, 55 (Telef. 2942181)

MEM MARTINS

Quimia, Est. de Mem-Martins, 285 (Telef. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA

Valentim (Telef. 980456)

SINTRA

Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (Telef. 980155)

COLARES

Abreja, (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE

Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Telef. 234100)

ALHOS VEDROS

Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Telef. 224020)

BAIXA DA BANHEIRA

Aliança, Est. Nacional, 174 (Telef. 224302)

BARREIRO

Higienica, R. D. Manuel I 178 (Telef. 2073017)

COVA DA PIEDADE

Atlântico, R. Padre Manuel Fernandes, 1 (Telef. 276466)

MOITA

Silva Rocha, P. da República, 16 (Telef. 239029)

MONTIJO

Diogo, R. Almirante Reis, 42 (Telef. 230032)

SESIMBRA

Leão, Av. Salazar (Telef. 229471)

SETÚBAL

Soromenho, P. Machado Santos (Telef. 22691); Portugal, R. Camilo Castelo Branco (Telef. 23211)

SEIXAL

Godinho, L. da Igreja, 51 (Telef. 2218580)

PORTO

1.º TURNO

SUB-TURNO A

Aves da Silva, Av. da Boavista, 1016 Azevedo (de) Rua do Meiral, 503 Gomes Ferreira, Rua Faria Guimarães, 449 Nau Victoria, Rua Nau Victoria, 723. Ordem da Trindade, Rua Her e Mart Angola, s/n Terreiro, Rua da Reboleira, 21

SUB-TURNO B

Antas (das), Av. Fernão de Magalhães, 1076. Ant. Porto do Olival, C. Martires da Patria, 122 Falcão, Rua de Santo Ildefonso, 61 Ferreira, Praça D. Afonso V, 55-B Lousada, Largo do Campo Lindo, 62

COIMBRA

TURNO I

Olivais, R. Bernardo de Albuquerque, 159 (Tel. 22804); Universal, Pr.º 8 de Maio, 35 (Tel. 23744); Adriana, Pr.º DA Republica, 20-22 (Tel. 23609)

ROXY

(Tel. 48560) 14.00 - 16.30 - 19.00 e 21.45 Grupo D (18 anos)

17.ª semana! Technicolor. Dustin Hoffman. «ALFREDO ALFREDO» um filme de Pietro Germi (Matro Inlendente).

CONDES

(Tel. 322523-326710) 21.45 Grupo C (14 anos)

Eastmancolor. «A LUZ DO SOL», um filme de René Clément com Alain Delon, Marie Laforet e Maurice Ronet

ESTÚDIO 444

(Tel. 779095) 15.30 - 18.30 e 21.45 Grupo D (18 anos)

Technicolor. 3.ª semana! Um filme de Kenneth Loach. «VIDA EM FAMÍLIA». A partir do dia 28 todos os domingos às 11 horas da manhã. Grupo A (6 anos).

«PIPIPI DAS MEIAS ALTAS».

ROMA

(Tel. 727778) 15.30 e 21.45 Grupo D (18 anos)

2.ª semana Eastmancolor. Terry Tarday Glenn Saxion. «A BELA CASTA SUSANA».

VOX

(Tel. 720808) 15.15 - 18.30 e 21.45 Grupo B (10 anos)

3.ª semana Technicolor. Jean-Michel Vincent em «NANU O FILHO DA SELVA» Walt Disney Productions.

ESTÚDIO

(Tel. 55310) 15.30, 18.30 e 21.45 Grupo D (18 anos)

4.ª semana. A obra prima de Nagisa Oshima. «O ENFORCAMENTO» (Metro: Alameda)

SATÉLITE

(Tel. 50595) 15.30, 18.30 e 21.45 Grupo D (18 anos)

4.ª semana! Um filme de Alain Tanner (realizador de «O último a ir») «O REGRESSO DE AFRICA».

ESTÚDIO APOLO 70

(Tel. 73318) 15.15, 18.30 e 21.45 Grupo D (18 anos)

10.ª Semana! Technicolor. Um filme de Ha. Ashby. «ENSINA-ME A VIVER», com Ruth Gordon e Bud Cort.

CINEMA CASTIL

(Tel. 630194) 14.30 - 16.45 - 19.00 e 21.45 Grupo C (14 anos)

Technicolor Grande Premio do Festival de Cannes. Gian Maria Volonté. «O CASO MATTEI» Um filme de Francesco Rosi. (Estacionamento Parque Castil)

ROYAL

(Tel. 865037) 15.00 e 21.00 Grupo D (18 anos)

«CAIA A NOITE SOBRE A CIDADE». Em complemento: «UM CURTO VERA».

S. JORGE

(Tel. 54154/54153) 15.00 - 18.15 - 21.30 2.ª semana! (Grupo D - 18 anos)

«AVANTI» AMOR A ITALIANA. Deliciosa comédia de Billy Wilder com Jack Lemmon e Juliet Mills

EUROPA

(Tel. 651016) 15.15 e 21.30 Grupo D (18 anos)

Metrocolor. Panavision. 4.ª Semana! Smith e Alec McCowen. «VIAGENS COM A MINHA TIA».

LONDRES

(Tel. 731318) 14.15 - 16.30 - 18.45 e 21.45 Grupo D (18 anos)

Colorido. Imagine o crime perfeito. depois de um passo em frente. Laurence Olivier e Michael Caine. «AUTOPSIA DE UM CRIME». Um filme de Mankiewicz.

CINEARTE

(Tel. 660446) 15.30 e 21.30 Grupo D (18 anos)

3.ª semana. Panavision. Technicolor. George C. Scott, Faye Dunaway, John Mills e Jack Palance. «O POÇO DO ÓDIO».

CASINO ESTORIL

(Tel. 46264862) 17.00 e 21.30 Grupo D (18 anos)

«COMBOIOS RIGOROSAMENTE VIADOS» com Václav Neckar e Vladimir Valenta.

MUNDIAL

(Tel. 538473) 15.15 - 18.15 e 21.30 Grupo C (14 anos)

Eastmancolor. 4.ª semana! A denúncia de uma sociedade corrompida. «O SINAL VERMELHO» com António Vilar, Maria Cruz, Paul Nasch e Helen Harp.

RESTELO

(Tel. 630194) 21.30 Grupo D (18 anos)

Colorido. Im. color. 9.ª semana! Joseph L. Mankiewicz. «O CASO MATTEI» Um filme de Francesco Rosi. (Estacionamento Parque Castil)

EDEN

(Tel. 320188) 15.30 - 18.30 e 21.45 Grupo D (18 anos)

Eastmancolor. Panavision. 4.ª semana! S. J. Garmsbourg. «O CASO MATTEI» Um filme de Francesco Rosi. (Estacionamento Parque Castil)

ODEON

(Tel. 32623) 15.15 - 18.15 e 21.30 Grupo C (14 anos)

Colorido. SIMPLESMENTE MARIA. Com Saby Kamalich. 3.ª semana! S. J. Garmsbourg. «O CASO MATTEI» Um filme de Francesco Rosi. (Estacionamento Parque Castil)

AVIZ

(Tel. 47163) 15.15 e 21.45 Grupo C (14 anos)

Colorido. 3.ª semana! Saby Kamalich, Baulo, Carlos. «SIMPLESMENTE MARIA».

POLITEAMA

(Tel. 326305) 15.15 - 18.15 e 21.45 Grupo C (14 anos)

Eastmancolor. 2.ª semana! Franco Nero, Eli Wallach, Lynn Redgrave. «3 BONS INIMIGOS».

TIVOLI

(Tel. 50595) 15.15 - 18.30 e 21.45 Grupo D (18 anos)

3.ª semana! None: Chacali. Profissão: Assassino! Alvo: Degaulle. «CHACAL» o Filme de Fred Zinnemann

BERNA

(Tel. 776098) 15.15 - 18.30 e 21.45 Grupo C (14 anos)

Technicolor. Panavision. Um filme de Franco Zeffirelli. «S. FRANCISCO DE ASSIS».

MONUMENTAL

(Tel. 551310) 15.15 e 21.30 Grupo C (14 anos)

Technicolor. «GODSPELL».

IMPÉRIO

(Tel. 555135) 15.00 - 18.15 e 21.30 Grupo C (14 anos)

Panavision. Technicolor. Um filme de Luciano Visconti. «LUIS DA BARRA» Com Romy Schneider e Helmut Berger. 3.ª sessão diárias às 15.00, 18.15 e 21.30 horas. Nas sessões de tarde o filme de fundo começa a exibir-se, 6 minutos após o início do espectáculo.

Outros espectáculos

LISBOA/Teatros

A. B.C. 20.45 e 23.00 (18 anos) «TUDO A NU».

VILLARET

21.00 e 23.00 (18 anos) «O Ovo».

MONUMENTAL

21.45 (18 anos) «Que medo, senhor Alfredo».

DL/NACIONAL



RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIO DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO 185 1.º 2.º E 4.º
TELEF. 654531/2 3 4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA 57
END. TEL. GIBOA TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

Começou uma corrida contra-relógio

THI-AMIV. 22 — (FP)
Começou uma corrida contra-relógio desde a chegada de Henry Kissinger a Moscovo.

Trata-se, para Israel, de alcançar um máximo de êxitos antes que as duas superpotências

chegem a acordo quanto a uma fórmula de cessar-fogo. Em substância, é isso que escrevem os comentários militares da Imprensa israelita.

Essa «corrida contra-relógio» explica a violência da ofensiva anunciada pelo general Flazar, chefe do Estado Maior israelita e a verdadeira avalanche de blindados e infantaria israelita que se despenhou sobre a margem ocidental do Suez, dentro do território egípcio. Essa «corrida» explica ainda o alconismo dos comunicados israelitas.

Pela primeira vez desde o início das hostilidades, o comandante militar da rádio e da televisão israelitas, general Hayim Herzog, absteve-se ontem de fazer a síntese diária das operações militares. Limitou-se a frisar que, sobre esse ponto, continua a reinar o «nevoeiro da guerra» e que é necessário esperar o fim do dia para ver o que se passa com mais nitidez.

Selos do II Centenário do Ensino Primário

Vai ser lançada em circulação uma emissão extraordinária de selos comemorativos do II Centenário do Ensino Primário Oficial, com as dimensões de 40,5mmx30mm, dentado 13,5, nas seguintes taxas e quantidades: 1\$, alegoria à criança (9 milhões); 4\$50, página de uma das primeiras cartilhas (2 milhões); 5\$30, desenho infantil (um milhão); 8\$, alegoria ao professor primário (500 mil).

Intensificar o número de sessões —decidiu a Oposição Democrática

Do Gabinete de Imprensa anexo ao Encontro Nacional da Oposição Democrática recebemos o seguinte comunicado, datado de ontem:

Realizou-se hoje, dia 21, mais um Encontro Nacional da Oposição Democrática, onde estiveram presentes largas representações das comissões democráticas dos distritos de Aveiro, Braga, Castelo Branco, Coimbra, Évora, Leiria, Lisboa, Porto, Santarém, Setúbal e Viana do Castelo. Os distritos presentes fizeram uma análise da actual situação política nacional, inserindo na discussão em torno da fase final da campanha eleitoral, em curso.

Verificou-se uma unanimidade de pontos de vista quanto à vitória que constitui para as forças democráticas a sua intervenção nas «eleições legislativas», bem notória na adesão popular às candidaturas demo-

cráticas, visível nos milhares de pessoas que participaram nas sessões públicas, nos comícios e nos colóquios, na frequência massiva das sedes, no contacto diário entre os candidatos e elementos mais destacados do Movimento Democrático e as diversas camadas da população.

A iniciativa política pertenceu, fundamentalmente, à movimentação democrática. A acção do Regime caracterizou-se em grande parte por ataques, com calúnias e repressão demonstrativa do seu isolamento e fraqueza.

A inserção na população, em particular nas classes trabalhadoras, o alargamento visível da organização democrática, o reforço qualitativo dos seus quadros, é exemplificativo dos amplos resultados positivos conseguidos na intervenção «eleitoral».

Decidiram as Comissões Democráticas presentes intensificar o número de sessões até ao fecho da campanha, alargando ainda mais a ligação à população. Ao mesmo tempo, os distritos não intervencionistas declararam-se solidários com a actividade democrática em curso, tendo para o efeito realizado acções de informação junto das populações locais.

Entre as diversas actividades aprovadas, e tendo em conta a próxima fase da campanha, decidiram as comissões democráticas convocar um Encontro Nacional para o próximo dia 25, a fim de se tomarem decisões relacionadas com o fecho da campanha «eleitoral».

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido nas Actividades Hoteleiras do Calcurrinhos, Lda. OLIVEIRA DO HOSPITAL

Alegria cigana

Atricana Vieira vai casar-se com Sarafim Cardoso. Encontram-se ambos na praça de touros da Figueira da Foz — e mil convivas, dançando e cantando, evoluem em torno deles.

Mil convivas portugueses, espanhóis, franceses e ingleses, a quem os noivos desejam felicidades ao som de violas e guitarras. Dentro de dias, Africana e Sarafim partem para Chaves, cidade onde se celebrará a cerimónia matrimonial. Assim é a alegria cigana: mil festejando dois.

CHIADO TERRASSE

A morte de um cinema

O Chiado Terrasse, que já começou a morrer há três anos, vai receber o último golpe. Com ele, Lisboa perde não só um dos seus cinemas mais antigos e de mais ricas tradições, mas também um dos poucos onde ainda se praticavam preços verdadeiramente populares.

Como cinema, pode mesmo dizer-se que já não há Chiado Terrasse, embora o anúncio ainda lá esteja, encabeçando bilhetes onde a palavra «Encerrado» mora desde 1970. Mas tudo o que lembrava a verdadeira função de um cinema começa a ser arrancado ou desmantelado. Sobre o «écran» branco já não há pano para subir e descer entre dois filmes com que se preenchiam as sessões; as poltronas já se amontoam a um canto; e, por fim, as máquinas de projectar começaram a ser desmontadas.

O projeccionista-chefe, sr. Raul da Silva Morgado, foi chamado para assistir à agonia da cabina onde, ao longo de 38 anos, comandou as operações para que, em cada noite, 600 pessoas ao mesmo tempo pudessem assistir à «passagem» de histórias, desde os «mudos» de Charlot ao «nouveau» de um François Truffaut.

Mas, antes ainda, até há 60 anos, — recorda — muitas peças de teatro que foram ali representadas e fizeram sucesso. Foi só depois que o cinema passou a morar, com carácter permanente, no Chiado Terrasse.

Durante muitos anos cinema de estreia, passou depois a efectuar sessões de «reprise».



Os preços iam de 6\$00 a 12\$00. Daí que o seu público habitual já tenha começado a sentir saudades. A perda do Terrasse não poderá, para ele, ser

compensada pelo nascimento de um hotel de luxo, a que parece estar reservado o espaço do velho edifício.

SESSÕES DO MOVIMENTO DEMOCRÁTICO

Duas mil pessoas em Santa Iria da Azoia à luz de candeeiros

Cerca de duas mil pessoas escutaram os candidatos da CDF, Herberto Goulart, Gonçalves André e Manuel Fernandes, à luz de candeeiros. Foi em Santa Iria da Azoia, onde a partir das 19 e 30, faltou a luz, precisamente na área onde está situado em reconstrução o presente da Sociedade Recreativa 1.º de Agosto zsanitaire, onde decorreu a sessão. A luz só voltou às 23 e 25, duas horas e 25 minutos depois do comício se ter iniciado. Falando sem altifalantes para duas mil pessoas os candidatos tiveram que se reve-

zar com frequência dado o esforço a que eram submetidos. Apesar da insólita situação as pessoas não arredaram pé e todos os aspectos fundamentais das linhas gerais da acção da C. D. F. foram focados bem como problemas de interesse local. A sessão terminou exactamente às 24 horas.

UMA LUTA A TRAVAR

«Vivemos para uma luta que é dura e que tende a ser inexorávelmente travada», afirmou o candidato pela CDF Vitor Dias, em Alverca numa sessão que decorreu no cinema local. A assistência enchia completamente a sala. Falaram os candidatos Vitor Dias, Sequeira Branco e Caiano Pereira.

Reportando-se ao problema habitacional, Sequeira Branco, afirmou que mais de 500 mil pessoas vivem em barracas e partes de casa e que as rendas atingiram, num curto espaço de tempo, um aumento superior a 50 por cento.

A subida dos salários devida à emigração e à consequente refração da mão-de-obra tem sido absorvida pela inflação, acabando afinal por beneficiar o patronado, afirmou o terceiro orador, Caiano Pereira.

SESSÃO ANULADA

Por dificuldades de ordem legal não foi possível realizar a sessão que esteve marcada para o Centro Republicano José Estevão (Alameda das Linhas de Torres, 232). Estavam indicados para falar os candidatos José Tengarrinha, Arons de Carvalho e Tavares da Cruz.

OUTRAS SESSÕES

O Movimento Democrático realizou sessões em Ceira, Peniche, Alenquer, Agueda, Montijo, Montemor-o-Novo, Almeirim, Alpiarça e ainda três colóquios: um em Almada sobre a mulher na sociedade outro em Lisboa, sobre educação, e um terceiro no Porto dedicado aos problemas dos metalúrgicos.

NOTAS VÁRIAS

«NOTÍCIAS DA AMADORA»

Vem publicado no «Diário do Governo» (III Série) o aumento de capital (de 50 para 800 contos) da Sociedade Notícias da Amadora, Lda, que é simultaneamente transformada em sociedade anónima de responsabilidade limitada, sob a designação de Notícias da Amadora, S.A.R.L. A folha oficial insere igualmente o novo estatuto por que se rege a sociedade, que, como se sabe, publica o nosso prezado colega semanal «Notícias da Amadora».

JARDIM-INFANTIL EM ALCOBAÇA

Na freguesia da Benedita (Alcoaba) foram inaugurados um padrão evocativo da recente visita àquela localidade do Presidente do Conselho e um jardim-infantil oferecido pelo Ministério da Saúde e Assistência, ali instalado por jovens alunos da Casa Pia de Lisboa.

GUERRA PENINSULAR

A Praça da Geurra Peninsular, em Arrifana da Feira, foi artisticamente urbanizada, sobressaindo o obelisco que evoca a tragédia de que a localidade foi vítima quando das invasões francesas em 1809. O recinto foi visitado ontem pelo chefe do distrito de Aveiro, dr. Vale Guimarães, que anunciou para breve a instalação de um posto clínico naquela freguesia.

Continuação de uma Assembleia de bancários

A Mesa da Assembleia Geral (MAG) do Sindicato dos Bancários de Lisboa distribuiu a seguinte informação:

«No que respeita à sessão de prolongamento da reunião da assembleia geral iniciada em 17-9-73, cumpre informar que se esgotaram as possibilidades de obtenção de uma sala que reúna as condições mínimas para o efeito.

Efectivamente, torna-se impossível conseguir sala antes dos fins do corrente mês de Outubro ou início de Novembro, altura para que deve ser convocada a sessão de continuação dos trabalhos da assembleia geral acima referida.

Entretanto, parece a M. A. G. conveniente esclarecer que embora tudo leve a crer que as diligências junto do Governo Civil e da Casa do ALENTEJO para a realização da sessão da assembleia geral convocada para 21-9-73 conduziriam à impossibilidade da sua efectivação, o aviso anulatório daquela sessão foi devido ao facto de a M. A. G., após visita às instalações daquela associação, ter verificado que a sala não reunia as condições necessárias para o bom funcionamento dos trabalhos».

Exclusivo

A QUARTA GUERRA

«Se não desencadear hostilidades contra Israel nas próximas semanas, podem chamar-me mentiroso» — lançava à guisa de desafio o presidente Sadat ao enviado especial da «Newsweek», Arnaud de Borchgrave, no fim de uma entrevista datando de Março.

Os jornalistas, os diplomatas, os homens de estado acolhiam geralmente as afirmações belicosas do chefe de Estado egípcio com o mais profundo ceticismo. Os seus próprios compatriotas troçavam, riam-se contando **nokat** — as anedotas de uma cruel ironia de que são grandes apreciadores — e que circulavam nos salões do Cairo, nas fábricas de Alexandria ou nas choupanas pobres do Alto Egito. «Fanfarrão», «dema-gogo», «poltrão», o sucessor de Nasser merecia os adjectivos mais desprezíveis.

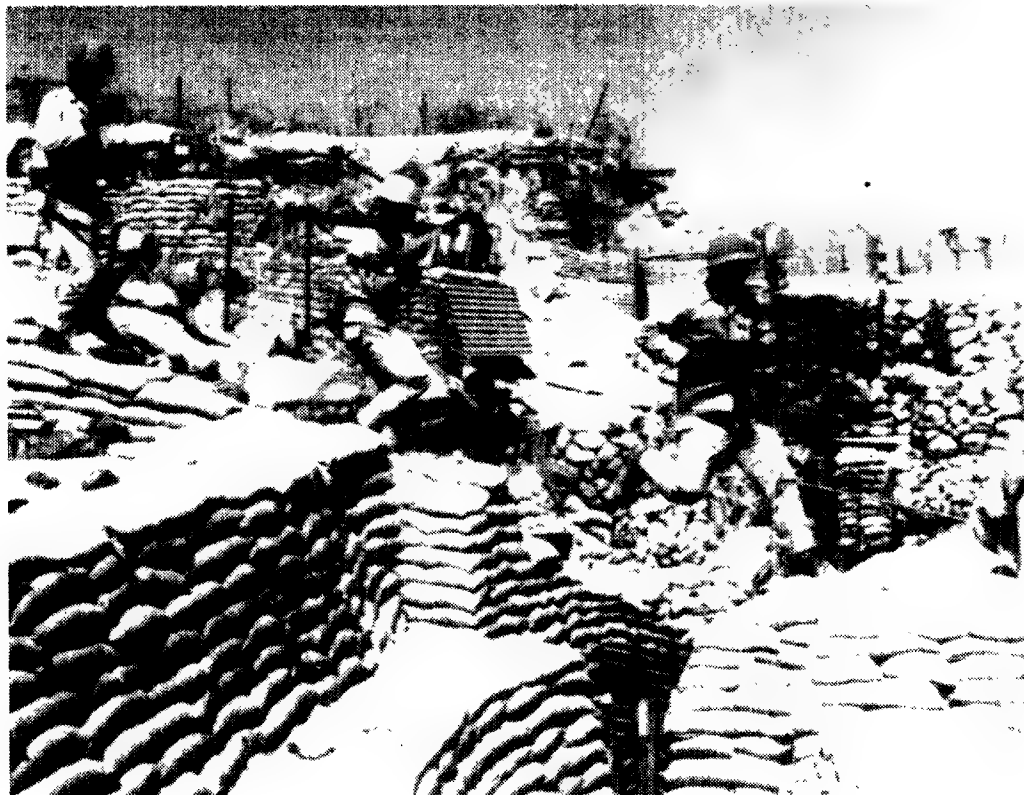
De facto, o presidente Sadat dava-se perfeitamente conta de que a relação de forças não lhe era favorável. O moral das suas tropas acumuladas ao longo do Canal de Suez degradava-se. Cansados de um cessar-fogo que se perpetuava, desencoraja-

das pela ausência de uma solução, militar ou negociada, indignadas pelo nível de vida ostentatório que usa na capital uma burguesia arranjista, cumulada de privilégios pelo regime, estas tropas pareciam ser de uma combatividade bem inferior à que ani-

Por
ERIC ROULEAU

mava o exército de Nasser na véspera da Guerra dos Seis Dias. O presidente Sadat não hesitava em confiar a um diplomata francês de alta categoria: «As nossas tropas, não tenho qualquer ilusão, não pensam senão em voltar para casa o mais depressa possível».

O chefe do Estado egípcio também não ignorava que o exército israelita, segundo a opinião unânime dos especialistas, continua a ser a mais poderosa força do Médio Oriente, ou seja do Mediterrâneo — além das forças francesas, evidentemente — e que está à altura de bater os exércitos árabes reunidos, supondo mesmo que estes últimos estivessem em con-



Soldados egípcios tomam uma posição da linha Bar-Lev, uma espécie de linha Maginot israelita.

dições de desencadear uma acção comum. Todos os combates aéreos que se desenrolaram da Guerra dos Seis Dias para cá testemunham desta superioridade das asas israelitas. A partida em massa do Egito, em Julho de 1972, de alguns vinte mil militares soviéticos, o desmantelamento de certas instalações, tinham enfraquecido consideravelmente as defesas

egípcias.

E verdade que o presidente Sadat alimentara durante muito tempo esperanças exageradas quanto às possibilidades de uma resolução por comum acordo do conflito israelo-árabe. E nos funerais de Nasser, antes mesmo de aceder à magistratura suprema, que opera as suas primeiras aberturas aos representantes de Washington. Cinco

meses depois, opõe-se ferozmente à maioria dos membros do órgão supremo do partido único, a União Socialista Árabe, para obter a recondução do cessar-fogo. Foi uma das razões que o levaram a romper com o grupo dos «activistas». Multiplicou as concessões aos americanos e aos israelitas, aceitando formalmente em Fevereiro de

Continua na página dois

O ORGULHO REENCONTRADO

Por Mahmmoud Hussein
exclusivo «Le Monde»/«DL»

terra pátria, estas tropas começaram a quebrar o mito da impotência árabe.

Durante os primeiros quatro dias, todas as seis horas, os comentadores israelitas anun-

ciavam a derrocada árabe para as seis horas seguintes. Mas na madrugada do quarto dia de guerra, as tropas egípcias infligiram a Israel um desmentido factual permanente. Continuavam a controlar as duas margens do canal, as pontes que as ligam foram reconstruídas depois de terem sido minadas por Israel, El-Kantara foi tomada de assalto e as forças egípcias fizeram explodir as instalações petrolíferas do Sinai. A contra-ofensiva israelita não as varreu, como se previa em Jerusalém.

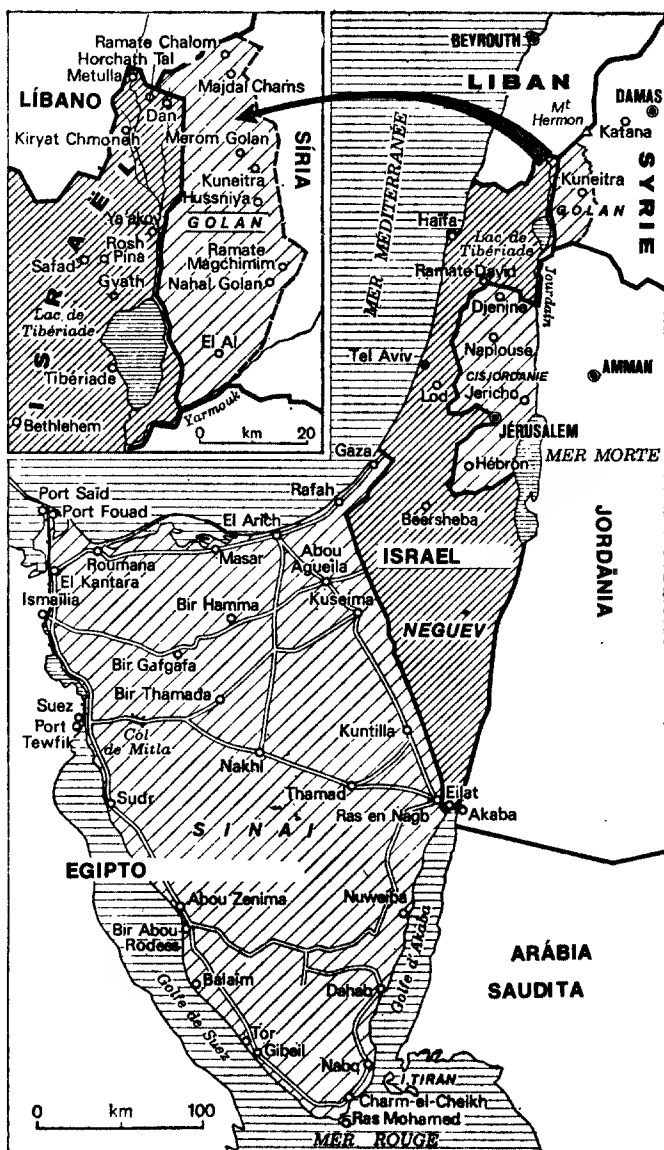
Assim, não são apenas os israelitas que sabem bater-se. Não são apenas os árabes que se podem enganar, atolar ou recuar, ver cair os respectivos aviões e morrer os pilotos ou ser feitos prisioneiros. É esta verdade prodigiosamente nova, que os agentes israelitas tentam por todos os meios apagar dos espíritos.

Contrariamente ao tom comedido da rádio egípcia, os grandes voos verbais sobre a ignominiosa derrota antecipada do inimigo são hoje característicos das rádios israelitas. Trata-se de mais um sinal revelador. A fanfarronice mudou de



A bandeira do Egito flutua no Sinai.

Continua na página três



A área do conflito.

A QUARTA GUERRA

Continuação da página um

1972 o princípio do reconhecimento do Estado de Israel e da assinatura de um acordo de paz. «Todas as portas que abri me foram fechadas na cara por Israel com a bênção dos americanos» — declararia, no entanto, amargamente, em Março deste ano.

Na Síria, uma evolução análoga, mais lenta e menos espectacular, tinha levado o presidente Assad a aceitar, sob certas condições, o princípio de uma solução por entendimento com Israel. O Governo de Damasco, que, anteriormente, prégara «a destruição da entidade sionista», teria assegurado em Agosto passado a Kurt Waldheim, secretário-geral das Nações Unidas, o seu concurso no caso de se convocar uma conferência de paz. Alguns dias mais tarde, restrições draconianas eram impostas às organizações palestínias; a rádio da Organização para a Libertação da Palestina, estabelecida em território sírio, era reduzida ao silêncio e os seus animadores detidos.

A Jordânia tinha ido ainda mais longe oferecendo-se para concluir uma «paz total» com o Estado judeu, «com todas as suas implicações», na base da restituição da maior parte dos territórios conquistados em 1967. Não somente o rei Hussein declarou muitas vezes que renunciava à guerra como meio de retomar a metade mais rica do seu país, como consentiu na prática em normalizar em diversos domínios, nomeadamente no comercial, as relações entre Amman e Israel.

A PASSIVIDADE DAS GRANDES POTÊNCIAS

Os dirigentes egípcios e sírios não estavam em medida de darem provas de tanta serenidade como os responsáveis militares e civis jordanos, alguns dos quais, na comitiva mais próxima do monarca, são francamente hostis à reintegração da Cisjordânia, povoada segundo eles de «palestínios turbulentos», tradicionalmente adversos à dinastia dos hachemitas.

Em compensação, os regimes do Cairo e de Damasco, submetidos às pressões cada vez mais vivas das suas opiniões públicas e dos seus exércitos, suportavam mal o statu quo imposto pelos israelitas, cuja atitude não parava de endurecer. Tudo se passava como se estes últimos procurassem ganhar tempo a qualquer preço, a



Aldeia síria bombardeada.

fim de prosseguirem a «judaiização» dos territórios ocupados, tornando intangíveis as novas fronteiras do Estado sionista.

A aplicação da política do general Dayan, dita dos «factos consumados», baptizada pelos seus adversários como de «anexação», amplificava-se e acelerava-se. Os Golan, conquistados aos sírios estavam praticamente integrados. A valorização de certas regiões do Sinai, o estabelecimento de kibbutzim, os grandes trabalhos de urbanismo empreendidos em Charm-El-Cheik, a próxima criação de um novo centro urbano chamado Yamit, na região de Raffah, indicavam que o Governo de Golda Meir tencionava apropriar-se pelo menos de extensas regiões do Sinai. A plataforma eleitoral do Partido Trabalhista israelita no poder, adoptada em Agosto passado, prevê diversas outras medidas que terão como efeito multiplicar as implantações agrícolas e industriais judaicas no conjunto dos territórios ocupados, nomeadamente em Gaza, na Cisjordânia e nos arrabaldes do

ex-sector jordaniano de Jerusalém, sector que fora formalmente anexado nas vésperas da Guerra dos Seis Dias.

Os dirigentes árabes inquietavam-se sobretudo com a passividade, com a indiferença crescente das grandes potências, inimigas ou amigas, perante o comportamento do Governo israelita. Enquanto os Estados Unidos obstavam na ONU à adopção de qualquer resolução condenando Israel a sanções, ou mesmo censurando-a de um modo mais vivo, a URSS acantonava-se numa atitude atentista, prégando às capitais árabes a paciência ou a resignação. A França que, em vida do general De Gaulle, tinha adoptado posições em flecha, parecia também ela desinteressar-se do conflito; a Imprensa do Médio Oriente não deixou de vincar que o presidente Pompidou nem sequer abordou o tema por ocasião da sua última conferência de Imprensa. Israel sentia-se desde então livre para modificar o carácter dos territórios ocupados, multiplicar os raids de represálias e os golpes de comando contra os seus vizinhos, entrando até ao coração da capital do Líbano.

O presidente Sadat tinha chegado à conclusão de que apenas os Estados Unidos, em razão do seu poder na cena política mundial e da influência directa sobre Israel, tinham meios permitin-

do modificar o curso dos acontecimentos; não tendo logrado conciliar as boas graças de Washington, multiplicou as entrevistas aos representantes da grande Imprensa americana, as declarações públicas destinadas a convencer a opinião pública dos EUA de que o Egipto não era um satélite da URSS e que, pelo contrário, desejava reocupar o seu lugar no seio da comunidade ocidental.

Consciente da importância crescente que assumia o petróleo árabe na economia das potências não-comunistas, reaproximou-se dos emirados produtores, dos países do Golfo Pérsico, do Kuwait, e sobretudo da Arábia Saudita, da qual os Estados Unidos dependem cada vez mais para o seu abastecimento energético.

Conseguiu aliar-se aos regimes pró-americanos da região, arrastando na sua esteira o presidente Assad da Síria. E assim que o Cairo e Damasco restabelecem as suas ligações diplomáticas com o rei Hussein da Jordânia, depois de terem passado a espongia do esquecimento sobre «os crimes perpetrados pelo carrasco do povo palestiniano».

O rei Façal, decidido a afirmar-se como chefe espiritual do Islão, ou seja, do mundo árabe, inquieto com as repercussões que podia ter sobre o seu regime a deterioração da situação no Médio

Oriente, empenhou-se progressivamente na causa dos seus «amigos progressistas». Dirigi ao presidente Nixon, por várias vezes desde o início do ano, mensagens convidando-o a adoptar uma «atitude imparcial», à falta do que Façal limitaria a produção do petróleo bruto saudita. Além disso, teria dado, ao que parece, o seu assentimento a uma eventual acção militar sírio-egípcia contra Israel, demandada com insistência por Sadat.

Com efeito, a tese do presidente egípcio, que não parou de a repetir a diversos interlocutores seus, é a de que apenas uma evolução dramática, pondo em causa a paz mundial, «arrancaria as grandes potências ao seu torpor», obrigando-as a interpor-se entre os beligerantes de modo a imporem uma solução definitiva. Esta solução, segundo Sadat, seria menos desfavorável aos árabes, pois representaria um compromisso, elaborado pelos respectivos aliados, entre os antagonistas.

O optimismo desta tese não parece, à primeira vista, totalmente infundado, considerando o isolamento de Israel poder facilmente — so- Oito países africanos romperam, nestes últimos meses, as suas relações diplomáticas com Israel, enquanto muitos outros se preparam para fazer o mesmo. Na recente conferência dos países

não-alinhados, que se realizou em Argel, cerca de sessenta Estados condenaram a política de Meir, que também nas Nações Unidas não encontra praticamente defensores além dos Estados Unidos. Os países europeus, tradicionalmente amigos do Estado judeu, manifestam hoje, por vezes, uma «impaciência crescente» segundo um porta-voz, dr. Abba Eban, ministro dos Negócios Estrangeiros israelita perante a intransigência de diplomacia israelita. Considerando a opinião mundial, e também sem dúvida por convicção, os dirigentes egípcios proclamaram que as suas operações militares não visavam pôr em causa a existência do Estado de Israel, mas apenas a libertação dos territórios ocupados.

No entanto, estes cálculos podem ser desmentidos por Israel, que fez da dissuasão um dos principais instrumentos da sua política desde a sua fundação. Com efeito, Israel poderia facilmente — sobretudo a duas semanas das eleições legislativas — tolerar uma derrota militar, mesmo de carácter limitado. Além disso, é também difícil imaginar que o presidente Nixon abstraia dos seus imperativos de política interna e dos interesses estratégicos do seu país para se erguer contra o Estado judeu. Qualquer que seja a seriedade das ameaças proferidas pelo rei Façal, Washington não será certamente «forçado» a obedecer à «chantagem árabe», segundo os termos da Casa Branca.

A questão que se põe hoje é de saber se os regimes do Cairo e de Damasco poderiam suportar uma nova catástrofe, militar e diplomática, análoga à que já sofreram há seis anos. As repercussões deste quarto afrontamento podem ser mais profundas ainda que as das guerras perdidas pelos árabes em 1948, em 1956 e em 1967.

A C. P. INFORMA :
SERVIÇO ESPECIAL PARA CHAVES POR OCASIÃO DA FEIRA ANUAL DOS SANTOS NOS DIAS 30 DE OUTUBRO A 1 DE NOVEMBRO DE 1973

Bilhetes especiais de IDA e VOLTA a preços reduzidos. Período de venda: de 29 de Outubro a 1 de Novembro. Validade para regresso: de 30 de Outubro a 2 de Novembro.

A C. P. vende, em todas as estações e apeadeiros, desde Ermida até Fonte Nova, bilhetes especiais de IDA e VOLTA, a preços reduzidos, para a estação de CHAVES.



O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Francisco Caseiro, R. Guilherme Gomes Fernandes, 20 TORRES VEDRAS

EXTERNATOS

São Vicente

Rua Edith Cayell, 8
(Ao Chilo) Tel. 83 14 16

Marquês de Pombal Álvares Cabral

Rua Morais Soares, 93 Avenida Grão Vasco, 1
Tel. 82 02 21/83 46 58 (Benfica) Tel. 70 69 74/5

PREPARATÓRIO — LICEAL
COMERCIAL — ADM. INSTITUTOS
— ADM. UNIVERSIDADE —

MANHA — TARDE — NOITE

AUTO-MONUMENTAL DO AREIRO, SARL

AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA

VOLKSWAGEN

AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, 8C e 8D
(AO AREIRO)TELEFS. 727654-727665-713057



SERVIÇO

estação de serviço
peças legítimas
e oficinas
carros novos e usados
com garantia
facilidades
de pagamento,

O PAPEL DOS MÍSSEIS SAM

A população síria sente-se directamente ligada aos combates. Teve de pagar, em 3 de Outubro, pelos êxitos conseguidos pelo seu exército na frente do Golan. **Porque nós atingimos o mito do soldado israelita, esse anjo exterminador, não escolheu outro objectivo senão as nossas mulheres e os nossos filhos para se vingar,** declarou-nos um jovem oficial que comanda o sector de Jdeidet-Kabus, que seria bombardeado uma hora mais tarde.

Os dois aparelhos, exibindo a estrela de David, que bombardearam o bairro residencial da capital tinham sobrevoado em voo rasante o vale de Barada, para picar sobre os edifícios do Estado Maior situados à entrada de Damasco. Lançaram aí algumas bombas que destruíram, em parte, um dos pavilhões onde se encontram as repartições dos serviços de inteligência, antes de desaparecer, escapando por um triz aos foguetes terra-ar lançados do monte Kassium, que fica sobranceiro à cidade. Cinco minutos mais tarde, os mesmos aviões largaram bombas um quilómetro mais longe, no bairro Abu-Rumaneh, destruindo ou danificando uns 300 apartamentos, situados no sector que vai do círculo do Globo, à entrada da Feira de Damasco, até à rua Ben-Barka. Durante um terceiro e último ataque, os bombardeiros israelitas deviam metralhar a praça dos Omayyades, que, a essa hora do dia, fervilhava de transeuntes.

Parece evidente, declarou-nos um diplomata ocidental acreditado em Damasco, **que o principal objectivo desta operação era menos a sede do Estado Maior, evacuada desde as primeiras**



Ahmed Ismail, o ministro da Defesa de Israel

horas de combate, do que o choque psicológico sobre a população civil. O Centro Cultural Soviético e os locais que lhe são adjacentes foram também visados. Foram inteiramente destruídos.

Se se exceptuar um princípio de pânico, que foi assinalado nos souks de Hamidieh, próximos da praça dos Omayyades, a reacção dos damascenos, no seu conjunto não devia levantar qualquer problema ao serviço da ordem. **É um antegozo daquilo que nos espera se se quiser merecer a honra de viver na dignidade,** escreve no **Thaoura,** Ahmed Iskandar Ahmed, cujos editoriais são muito lidos.

A segunda incursão teve por objectivo a refinaria de petróleo de Homs, onde os desgastes, afirmam os viajantes chegados a Beirute, são visivelmente importantes. Trata-se, neste caso, da única fonte de abastecimento de carburante do país, porém, esta perda pode, talvez, ser reparada rapidamente porque o Iraque já se comprometeu a fornecer à Síria tanto petróleo refinado quanto o que for necessário para esta batalha do destino.

Como explicar que a aviação israelita tenha podido finalmente movi-

mentar-se no céu sírio depois de ter sido quase paralisada desde a abertura das hostilidades? Alguns, dentre os observadores militares, consideram que a destruição no próprio dia 8 às 13 horas, do radar gigante construído pela Thomson-Houston sobre as colinas de Baruk, no Líbano (a 30 quilómetros a Nordeste de Beirute), complicou a tarefa dos operadores das rampas de lançamento de mísseis Sam 2 e 3. Uma parte destas teria sido, além disso, posta fora de combate em seguida a um bombardeamento sistemático.

RAMPAS MÓVEIS

Não é menos verdade que o papel dos foguetes soviéticos na batalha foi até aqui determinante. Sabe-se que durante os três meses que precederam esta quarta guerra árabe-israelita, a aviação do Estado hebraico evoluçionava à sua vontade no espaço aéreo sírio, e efectuava todos os dias várias dezenas de voos de reconhecimento.

As rampas de mísseis estavam aparentemente estáticas e nunca tinham sido postas à prova. Os sírios perdiam os seus Mig sem nunca utiliza-

rem os Sam. Até ao dia em que o seu exército e o do Egipto penetraram nos territórios árabes ocupados em 1967. Esperava-se, então, em Damasco e no Cairo, um ataque maciço da aviação. Os israelitas tomaram a precaução de enviar primeiramente alguns aparelhos de reconhecimento na esperança de provocar uma grande batalha aérea.

Estes aparelhos de reconhecimento foram imediatamente alvo dos mísseis terra-ar lançados pelas rampas de foguetes que houvesse o cuidado de deslocar na véspera da eclosão das hostilidades. Eram portanto, rampas móveis, e, para lhes determinar a posição, as antigas fotografias aéreas não tinham nenhuma utilidade. Foi assim que, pela primeira vez, os foguetes soviéticos entraram em acção. Os Migs sírios haviam desaparecido ou não intervieram senão para atrair os bombardeiros inimigos para o campo de acção daquilo a que os sírios chamam já o **general Sam.**

Os diplomatas soviéticos asseguram, hoje, que o seu país está decidido a fornecer à Síria todo o auxílio em armas e munições de que ela tiver necessidade para se defender. Parece bem que a importância da existência de foguetes poderia, só por si, decidir do resultado da batalha. E é a razão considerada pelos estrategas sírios para explicar a demora concedida pelo seu inimigo para desencadear a sua verdadeira resposta: **Ele multiplicará os ardis e as provocações, encarniçando-se evidentemente, contra a população civil para nos obrigar a fazer sair os Migs dos seus hangares subterrâneos. Como poderia ele, aliás, jogar numa vitória esmagadora?**

TELE FOTOS



Ajudado pelo seu antecessor, o trabalhista Trygve Bratteli senta-se na cadeira do primeiro-ministro norueguês, lugar a que regressou em virtude das últimas eleições que deram a maioria aos partidos de esquerda, se é que se pode considerar de esquerda o partido Trabalhista de Bratteli.



Reunidos no Koweit, os países produtores de petróleo do Golfo Pérsico decidiram aumentar em 16 por cento o preço das ramas que vendem aos países industrializados. No dia seguinte, reuniram-se no mesmo local os representantes dos países árabes produtores de petróleo para discutirem a posição a adoptar, enquanto produtores de ouro negro, no presente conflito israelo-árabe. Resolveu-se suspender em 5 por cento mensais o envio de ramas para os países que auxiliem Israel, a começar pelos E.U.A.



Edward Heath reafirmou a sua política europeia e económica no recente Congresso do Partido Conservador. Apesar da convicção do primeiro-ministro, as sondagens não se demovem e continuam a mostrar o partido Conservador em má situação face à opinião pública britânica.



Bulent Ecevit, dirigente do Partido Republicano Popular da Turquia foi o grande vencedor das recentes eleições do seu país. O PRP é considerado um partido de centro esquerda, tendo algumas posições radicais, tanto em questões de política interna como externa. Ecevit poderá formar governo, caso consiga obter a colaboração dos partidos menores numa coligação.

O ORGULHO REENCONTRADO

Continuação da página um

campo.

Os povos árabes obtiveram, desde já e de facto, uma grande vitória. Começaram por reencontrar o seu orgulho. Os soldados egípcios sobre o Canal, os soldados sírios no Go-

lan, zonas que desde há seis anos viam flutuar, impune, ao vento o pendão estrangeiro dos invasores; estes soldados sentem agora que são capazes de reimplantar a sua própria bandeira no solo pátrio libertado. Não sabem ainda por quanto tempo durará a luta, mas

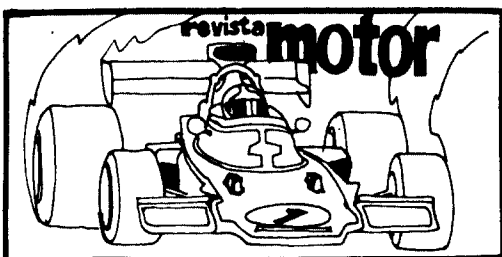
estão, certos de que agora a vitória é afinal possível.

As massas árabes da retaguarda, embora mantidas apartadas do esforço pela libertação, começam todavia a dar-se conta de que o tempo da pura humilhação passou. São os seus filhos, são esses camponeses do Egipto, da Síria, da Palestina, que resistem ao dilúvio dos obuses, que saltam de pára-quedas para além das linhas inimigas, que ocupam aviões e carros de guerra modernos e os sabem conduzir. Este sentimento inspira popularmente uma confiança fecunda.

Tendo assumido a iniciativa de atacar um ocupante desde há anos considerado como in-

vencível, os árabes sentem-se doravante capazes de enfrentar outros desafios. Tendo aprendido que podiam contar sobre si próprios, podem agora aprender tudo o mais.

É uma profunda transformação dos dados políticos da região o que agora e assim se anuncia. E para além dos planos que os grandes possam almentar para a imposição de um compromisso destinado a garantir os seus próprios interesses, para além dos projectos acalentados por um ou outro momentâneo dirigente local para transformar os terríveis sacrifícios consentidos em vantagens pessoais ou de classe, a guerra de hoje constitui uma aquisição popular irreversível.



FOGUETES PARA TODOS OS FINS

Apoiando-se numa rede de radar bastante densa e composta de materiais soviéticos dos mais recentes, os Exércitos sírio e egípcio conseguem pôr em acção toda uma panóplia de mísseis — os famosos «Sam» que já fizeram as suas provas no Vietname — principalmente os engenhos terra-ar de defesa aérea, que entravam consideravelmente a acção das forças armadas israelitas. A partida dos técnicos soviéticos que asseguravam a assistência militar e «operacional» e técnica destas baterias de mísseis, não parece ter tido efeito sensível sobre a eficácia destes sistemas de armamento: com efeito, estes diversos materiais parecem estar hoje servidos por especialistas árabes, tão instruídos e treinados quanto se pode estar em tão poucos anos de formação, visto que o essencial destes mísseis foi entregue depois de Março de 1970.

É verdade que foi no princípio de 1969 que as forças egípcias, recompletadas e reorganizadas, receberam numerosas bases de mísseis terra-ar «SA-2» de concepção soviética, implantadas ao longo do canal de Suez e em redor dos principais centros egípcios: Cairo, Alexandria e Assuao. Porém, o «SA-2» é um material já

antiquado (data de 1957) que foi vendido a numerosos países estrangeiros (nomeadamente ao Egipto e ao Iraque) e que pode atingir um alvo até 18 000 metros de altitude, graças à sua velocidade que é tripla da do som. Baterias deste modelo foram capturadas pelos comandos israelitas que aprenderam a conhecê-los e, sem dúvida, a proteger-se deles.

De facto, o perigo para o Exército do ar israelita aumentou na Primavera de 1970 com o aparecimento, primeiro no Egipto, em seguida na Síria, de um míssil terra-ar mais aperfeiçoado, o engenho soviético «SA-3», baptizado Goa pelos serviços de espionagem ocidentais. Ao longo do canal de Suez foram, assim, detectadas umas quinze baterias egípcias deste modelo, com que estão equipadas, desde 1964, as tropas soviéticas.

O míssil Goa está particularmente adaptado para a defesa aérea a baixa altitude, e pode-se compará-lo ao engenho terra-ar «Hawke», que equipa as forças americanas e os Exércitos ocidentais. A eficácia do Goa — um míssil de dois andares de propulsão, montado aos pares sobre um veículo de tracção ou, se for esse o caso, sobre a ponte de um navio de guerra — parece

ter sido experimentada a altitudes de algumas centenas de metros contra um avião assaltante subsónico. Neste momento, os serviços de informação ocidentais avalliam em 65 os locais onde estão instaladas baterias Goa egípcias, e alguns consideram mesmo que o Exército do ar egípcio é capaz de pôr

em acção a versão evoluída, o míssil «SA-4», denominado também «Ganif».

Num outro domínio, os especialistas israelitas notaram a aparição, no teatro de operações do Golan, do míssil terra-terra «Frog» de concepção soviética, nas mãos das tropas sírias. Ora, até agora, parecia

que os sírios não tinham recebido de Moscovo um tal material, embora o Exército de terra egípcio o possuísse, segundo certas informações, em número de vinte e quatro baterias, há já alguns anos. Pode, portanto, deduzir-se daqui que os soviéticos forneceram o «Frog» aos sírios, ou que os egípcios lho empre-

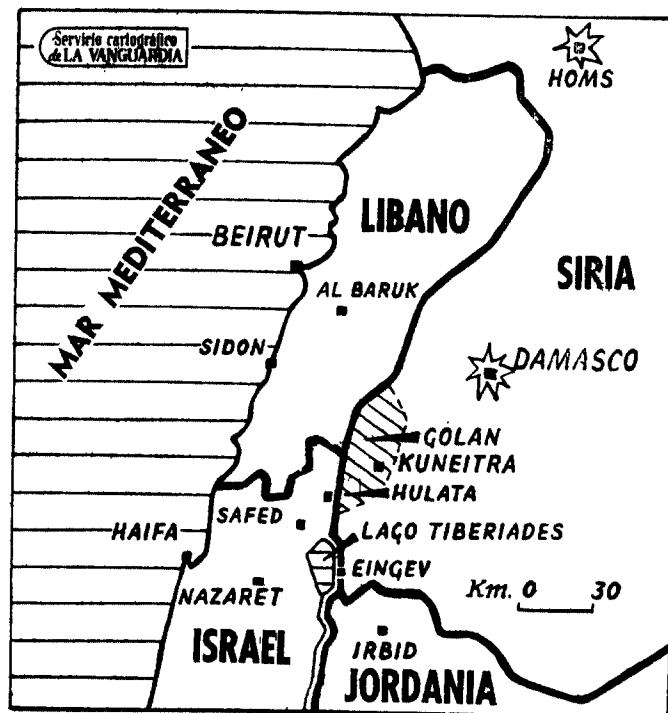
taram.

O «Frog-3» é um míssil terra-terra com que estão dotados, desde 1962, os Exércitos soviéticos e que pode transportar até uma distância entre 50 e 80 quilómetros uma carga militar clássica (ou termonuclear no caso das unidades soviéticas). Está montado numa rampa de lançamento móvel de lagartas, o que lhe confere uma certa autonomia.

Por outro lado, tudo leva a pensar que os israelitas têm em seu poder o míssil terra-terra «Jerico», elaborado com a assistência técnica do grupo Dassault-Breguet. Conhecido na origem sob o nome de programa MD-660, este míssil é um engenho de dois andares montado sobre uma rampa móvel e capaz de levar a 500 quilómetros de distância uma carga de 500 quilos. Ignora-se, neste momento, se este míssil está «operacional» em Israel.



En estos mapas se pueden apreciar con cierto detalle los ámbitos en que se desarrolla la enconada lucha. Las dos posiciones principales conquistadas hasta ahora por los árabes son El Kantara, junto al Canal de Suez, y Kuneitra, en territorio sirio ocupado por los israelíes.



A frente de Golan



YBARRA & C.^{IA}, S.A. SEVILHA

PARA:

AMÉRICA DO SUL

CABO
SAN VICENTE

2 de Novembro

TENERIFE
BAHIA
RIO DE JANEIRO
SANTOS
MONTEVIDEO
BUENOS AIRES

CABO
SAN ROQUE

16 de Novembro

TENERIFE
RIO DE JANEIRO
SANTOS
MONTEVIDEO
BUENOS AIRES

PARA:

MEDITERRÂNEO

CABO
SAN VICENTE

4 de Dezembro

VIGO
ALGECIRAS
BARCELONA

SERVIÇO CANGURO BARCELONA/GÉNOVA
5 SAÍDAS SEMANAIS

SERVIÇO CANGURO BARCELONA/PALMA
2 SAÍDAS SEMANAIS

OS AGENTES

Em Lisboa:

AGÊNCIA MARÍTIMA
TRANSATLANTICA, LDA.
Rua do Alecrim, 20-C
Telefones 32 43 51/4

No Porto:

KENDALL, PINTO BASTO
& C.^{IA} LDA.
Rua Nova da Almeida, 12
Telefone 2 84 21

UM TEMÍVEL PRECEDENTE

A operação com êxito das «águias da revolução palestina» suscitou sem dúvida na opinião pública árabe uma profunda satisfação, que se mede pela indignação sentida em Israel.

Os atentados terroristas em Munique, Bangkok, Kartum, Paris e outros lugares do Mundo, tinham-se geralmente saldado por malogros lamentáveis e, por vezes, sangrentos. No Outono passado, é verdade, tinham obtido do Governo alemão-occidental a libertação dos autores do golpe de Munique, mas tratava-se de um resultado bem modesto comparado com o que acaba agora de ser obtido na Áustria.

O chanceler Bruno Kreisky capitulou perante as exigências que atingem não somente as suas convicções socialistas humanitárias e talvez mesmo sentimentos mais íntimos — ele é, com efeito, de ascendência judaica — mas

também a soberania do Estado a cujos destinos preside. Nos termos dos compromissos que foram tomados, a Áustria, que se pretende um país de acolhimento garantido para todos os perseguidos, recusaria agora a passagem a grupos de judeus vindos não somente da União Soviética, mas também da Polónia e da Roménia e de outros países comunistas.

Em Israel, onde o Conselho de Ministros estudou a situação, a decisão do chanceler Kreisky é considerada de extrema gravidade. Terá, com efeito, o resultado de travar, senão de deter, uma imigração que — para além da sua dimensão sentimental — fornece ao estado hebreu cérebros e braços preciosos para o seu desenvolvimento e para o seu poderio. Cria sobretudo um precedente temível, cujas consequências são imprevisíveis. Existem sem dúvida outras vias para a passagem dos imi-

grantes soviéticos. Mas que outro país europeu tomará sobre si o risco de receber esses refugiados que o podem expor, e exporão muito provavelmente, à chantagem dos fedayn?

A vitória obtida por estes põe também a URSS numa posição embaraçosa. Submetida a pressões constantes da parte dos seus amigos árabes, deve agora afrontar também a das organizações palestinas, com as quais mantêm boas relações. Querá ou não, terá a URSS — considerando as objecções dos «duros» no seio do partido e do Governo — observar a atitude relativamente «liberal» que tem adoptado a este respeito a partir dos judeus desde 1971?

A alegria também não deve ser excessiva nos países árabes moderados — abertos à possibilidade de uma resolução pacífica — e onde tudo se tem feito para reduzir,

ou eliminar, a influência das organizações palestinas. Se estas continuarem a aumentar o seu prestígio e os seus meios de acção — graças a operações no género da que acaba de se registar na Áustria — alguns governos árabes serão obrigados a endurecer as suas posições. Tanto mais que Israel — pensando que apenas a firmeza inextinguível compensa — será muito provavelmente levada a operações militares contra os «terroristas» e os países que os acolhem.

No entanto, em última análise, a violência não poderá vencer a contestação palestina, que, ao longo dos últimos cinquenta anos, tem tomado as mais diversas formas. Toda a solução elaborada em vista de estabelecer uma «paz duradoura» no Médio Oriente, não poderá elidir o problema fundamental do futuro do povo palestino.

EM BUSCA DA SUPREMACIA AÉREA

A guerra que rebentou a 6 de Outubro é a quarta que opõe Israel aos países árabes. A primeira tinha confrontado em 1948, após a criação do Estado judeu, as forças do Egipto, da Transjordânia, do Líbano, do Iraque e mesmo da Arábia Saudita com Israel. Depois de alguns reveses iniciais, Israel toma a situação e acaba por ocupar um território mais vasto do que aquele que lhe fora atribuído inicialmente pela ONU.

A segunda guerra israelo-árabe rebentou em 1956, depois da nacionalização do canal de Suez pelo presidente Nasser. As forças israelitas atacaram a partir de 29 de Outubro as forças egípcias do Sinai e chegaram em poucos dias ao canal, enquanto as forças franco-inglesas se apoderavam de Port-Saïd e de Ismaïlia.

A acção de Paris e Londres provocou uma viva reacção da União Soviética: o marechal Boulaguine, então chefe do Governo de Moscovo, evocou numa mensagem a eventualidade de um lançamento de mísseis sobre os agressores. Pelo seu lado, Eisenhower assinalara a sua desaprovacão e exerciu vivas pressões sobre Israel, levando-a a evacuar o Sinai. Sob a pressão das Nações Unidas, as unidades franco-britânicas retiraram em Dezembro de 1956, e as forças israelitas em Março de 1957.

Em 1967, a Guerra dos Seis Dias foi desencadeada a título «preventivo» por Israel na sequência do bloqueio do porto de Akaba decretado por Nasser. Opôs Israel ao Egipto e à Síria, mas também à Jordânia que, desde o primeiro dia, se juntou aos combatentes árabes. De 5 a 11 de Junho, os israelitas depois de terem eliminado no espaço de uma hora somente as forças aéreas egípcias apoderaram-se de novo do Sinai, ocuparam o sector jordaniano de Jerusalém e toda a Cisjordânia. A norte, as tropas israelitas obtiveram iguais êxitos sobre os sírios e ocuparam as alturas do Golan.

A partir de 1970, ou seja passados três anos sobre a Guerra dos Seis Dias, que lhe fez perder sem entrar em combate o essencial do seu potencial aéreo, o exército egípcio pôde reorganizar favoravelmente — graças à assistência soviética — a balança numérica das suas forças. Os exércitos dos outros Estados árabes do Médio Oriente seguiram, de resto, uma evolução idêntica, enquanto também as forças israelitas não ficavam inactivas, equipando-se com novos modelos de aviões americanos e reforçando a sua marinha com navios lança-mísseis de concepção nacional.

Foi, com efeito, a partir de 1970, que as forças egípcias puderam ter em estado «operacional» armamento moderno

de molde a inspirar confiança. A rede de radar foi tornada mais densa. A aviação egípcia enriqueceu-se com aviões mais modernos e melhorados nos seus modelos. Pelo seu lado, a Síria recebeu novas armas soviéticas: os carros pesados T-62 que se contam entre os mais modernos exportados pela União Soviética, caça-minas e caças-bombardeiros Mig-21. Igualmente, armamento checoslovaco veio completar o novo arsenal dos países árabes.

Sob o simples aspecto numérico, os arsenais de que dispõem o Egipto e a Síria são muito superiores ao arsenal israelita e, numa certa medida, os adversários de Israel podem contar ainda com o auxílio dos comandos palestinos. Por outro lado, durante estes três últimos anos, a atenção dos especialistas militares tem sido atraída pelos esforços do Governo egípcio no sentido da formação de quadros e técnicos para as três armas principais.

Este esforço é particularmente sensível na aviação, que se não está ainda no primeiro plano das forças aéreas do Médio Oriente, tenta todavia eliminar o que até aqui constituía a sua fraqueza mais grave: a insuficiência de quadros habilitados e com instrução apurada. O comando, relatam os oficiais franceses que puderam observar as forças aéreas egípcias desde a Guerra dos Seis Dias, para cá, teve as maiores dificuldades em recrutar navegantes e especialistas de terra (mecânicos e radaristas, nomeadamente). Algumas dificuldades subsistem neste domínio, e na hora actual, calculam-se em cerca de duzentos — ou seja a terça parte da frota de combate egípcia — o número dos aparelhos colocados em reserva à falta de pilotos ou de pessoas capazes de os manterem no solo em estado de alerta.

Esta não é, porém, a situação da aviação israelita, que não deixou de beneficiar da prioridade orçamental do país a ponto de que, para contrabalançar os efeitos do embargo francês, total ou selectivo, a indústria israelita preferiu conceber progressivamente os seus próprios produtos, desde o avião de combate Barak, equipado com um reactor americano até ao míssil Shafrir «operacional» só desde alguns meses a esta parte.

O exército aéreo israelita continua a ser possante e rápido, mesmo tendo de contentar-se com materiais antigos ou «desviados» das suas funções iniciais como esses aviões de manobras que se transformaram, segundo as circunstâncias, em verdadeiras fortalezas voadoras. A chegada de caças-bombardeiros pesados Phantom e de aviões de assalto, que são «camiões de bombas» segundo uma expressão con-

sagrada, deu à força aérea israelita a força de ataque com longo raio de acção que esta desejava. Ao mesmo tempo, a ocupação do Sinai permitiu criar os pontos de aterragem e as bases aéreas até então em número insuficiente, o que constituía uma desvantagem, antes de 1967, para os israelitas.

Se a estas considerações se acrescentar o efeito de surpresa de que puderam beneficiar certos raids dos aviões egípcios ou sírios e o prazo que vagou até à mobilização israelita, compreende-se a dificuldade destes em garantirem desde as primeiras horas a sua superioridade aérea, ao contrário do que se passou no conflito antecedente, em que Israel beneficiou do factor surpresa. Este é sem dúvida o facto novo que mais retém a atenção.

«Pela primeira vez desde a Guerra da Independência em 1948, explicou o general Herzog, principal comentador militar da rádio de Israel, somos obrigados a um combate defensivo. Isto não pode deixar de levantar um certo número de problemas, devendo as forças israelitas num primeiro tempo contentar-se com sustentar o avanço dos inimigos que têm ao mesmo tempo a superioridade da iniciativa e uma grande superioridade numérica em homens e armamento. Mas, por outro lado, a luta de Israel encontra-se facilitada na medida em que Israel continua a deter a superioridade aérea e marítima».

Trata-se, na verdade, de um outro traço inovador dos novos exércitos do Médio Oriente, em relação aos anos anteriores: todos eles reforçaram sensivelmente a sua marinha de guerra, em particular pela aquisição de navios lança-mísseis, o que lhes dá maior liberdade de manobra nas águas costeiras e a possibilidade de apoiarem à distância operações de desembarque terrestre.

A marinha foi durante muito tempo considerada pelos estados maiores como «parente pobre» das forças armadas israelitas e o seu papel foi dos mais reduzidos antes da Guerra dos Seis Dias, porque a ameaça mais directa se situava nas fronteiras terrestres decada um dos beligerantes. Já não é o caso, hoje em dia: o teatro das operações tende a evoluir rapidamente no Médio Oriente. Enquanto as marinhas árabes utilizam mísseis navais de concepção soviética, os israelitas utilizam mísseis Gabriel de concepção nacional, que têm sido, de resto, vendidos no estrangeiro (por 200 milhões de francos à Tailândia e a Singapura, para citarmos apenas dois compradores).

JACQUES ISNARD

UMA VEZ MAIS...

Há seis anos Israel atacava de surpresa o Egipto alegando uma invasão egípcia puramente imaginária. No passado dia 6 de Outubro, o Egipto e a Síria penetraram nos territórios ocupados por Israel, alegando um ataque israelita não menos imaginário. Detém-se aqui o paralelo entre a guerra dos Seis Dias e a que acaba de começar agora. No primeiro caso, o Estado judeu procurou romper um cerco por meio de uma ofensiva fulminante, destruindo o potencial militar inimigo. No segundo, dois estados árabes, constatando o malogro de todos os seus esforços por retomar as terras perdidas, empreendem operações limitadas, aparentemente sem outra ambição além da de obterem garantias para poderem negociar numa posição um pouco melhor uma resolução durável do conflito.

Como podia esperar-se, a abertura das hostilidades provocou um pânico por toda a parte uma indignação para a qual o espírito de partido conta tanto pelo menos como a boa fé. Falar, como alguns, de agressão Egipto-Síria é esquecer que os assaltantes pretendem apenas, até prova em contrário, retomar territórios dos quais nenhuma instância internacional transferiu a soberania para Israel e que os mesmos denunciaram há muito o cessar-fogo de 1967. Falar de agressão israelita, como a imprensa dos países de Leste e a Jugoslávia, é nager uma evidência que o ministro dos Negócios Estrangeiros egípcio, Zayyat, foi o próprio a reconhecer.

Era verdadeiramente do lado de Israel ter muitas ilusões crer que os estados árabes ficariam eternamente passivos perante a ocupação dos seus territórios. Mesmo se um ou outro responsável político no fundo do seu coração, estava pronto a renunciar ao Sinai não podia admiti-lo publica-

mente sem chocar de frente com os seus concidadãos. E o presidente Sadat evocara demasiadas vezes a necessidade de uma retomada dos combates para poder deixar, sem por em perigo o seu regime, as suas tropas inactivas e armadas.

Qualquer que seja a saída do conflito, os árabes terão já conquistado uma vitória: destruíram a imagem complacentemente difundida que faz deles fanfarrões apenas bons para uma retirada precipitada ao primeiro revés. Desta vez, bateram-se bem contra um inimigo é certo que tomado de surpresa, mas que goza de uma terrível reputação de invencibilidade.

O amor-próprio, no entanto, não é tudo. Seria necessária aos árabes uma força de que nenhum especialista militar os creditou ainda para obrigarem os israelitas a aceitar aquilo a que sempre se têm asperamente recusado. Não apenas a escolha do Yom Kippour para o dia do ataque esbarra de frente com a sua sensibilidade, não apenas a proximidade das eleições é pouco propícia às

concessões, mas os defensores da política de anexações não deixarão de fazer valer que, se os territórios ocupados tivessem sido evacuados, os combates de hoje seriam às portas de Telaviv ou de Jerusalém. E não pode afastar-se assim a hipótese de que o lançar dos dados dos presidentes Sadat e Assad — como o próprio coronel Gaddafi admitiu — se vire finalmente contra os seus próprios autores.

Deste modo é sobre a intervenção das duas super-potências e nomeadamente dos Estados Unidos, cujos interesses petroleiros se encontram ameaçados, que egípcios e sírios contam visivelmente para a imposição de uma solução duradoura implicando certas concessões de Israel: a maior parte das crises internacionais não foram sempre resolvidas mais a frio do que a quente? Infelizmente, no Médio Oriente, as «soluções» assim verificadas no termo dos três precedentes conflitos não fizeram senão lançar a base do seguinte. Seria uma espécie de milagre que de outro modo acontecesse desta vez...

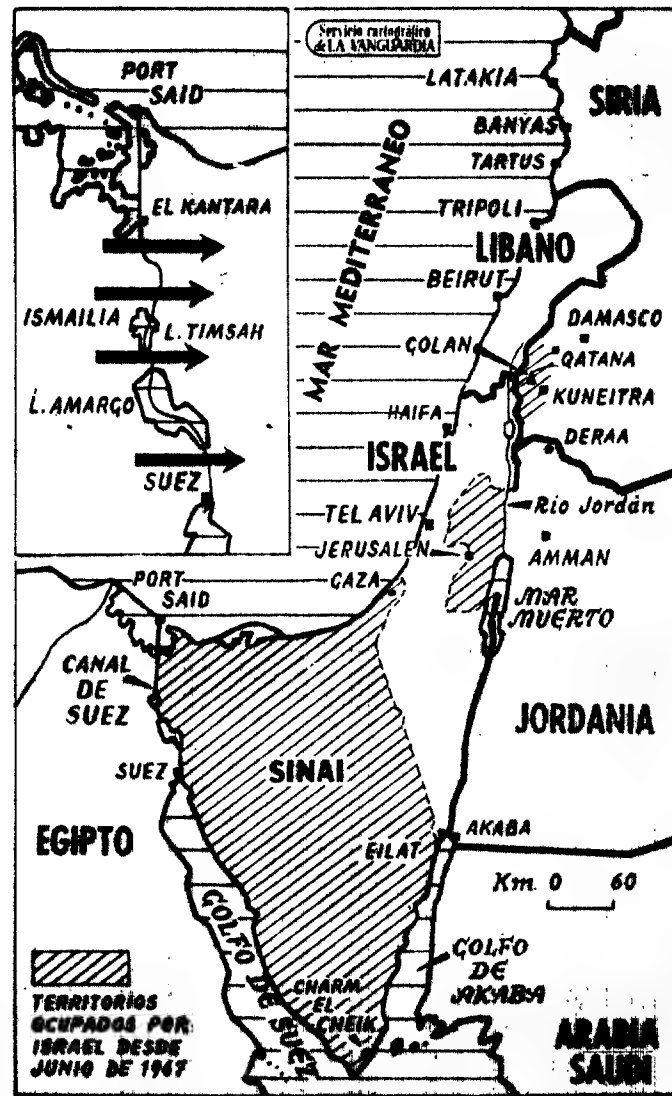
OS CHEFES DO ESTADO-MAIOR

ISRAEL
— GENERAL ELAZAR

O general David Elazar é chefe do Estado-Maior do Exército israelita desde 21 de Novembro de 1971. Assumiu oficialmente as suas funções a 1 de Janeiro de 1972. O seu predecessor era o general Bar Lev, construtor da linha do mesmo nome.

Nascido em 1925 em Saravjo, na Jugoslávia, o general Elazar comandou as forças do grupo Palmach que tentaram

pepetrar na parte velha de Jerusalém em 1948. Durante a guerra de 1966, conquistou a cabeça das suas forças o então chefe de Gaza. Em 1961, foi nomeado comandante dos blindados e depois comandante da frente norte. Nesta qualidade, atacou em Julho de 1967 as colinas do Golan, que conquistou após batalha contra as entrincheiradas forças sírias. Em 1969, o general Elazar é nomeado chefe de operações no estado-maior, o que o indicava muito naturalmente a ocupar



Ao alto à esquerda, a frente de Sinai

portadas. Depois de 1972, é igualmente secretário adjunto da Liga Árabe para os assuntos militares. Nesta qualidade, efectua diversas viagens a diversas capitais de países árabes. O general Chazli preside igualmente às reuniões dos chefes de estado-maior dos países árabes que regularmente se realizam no Cairo.

SÍRIA
— GENERAL TLASS

O general Moustafá Tlass, chefe do Estado-Maior do Exército sírio é nomeado presidente do Tribunal Militar de Damasco em 1964. Comandante-em-chefe da quinta divisão da região de Homs, é promovido a general de divisão e a chefe do estado-maior em 1968, depois, alguns meses mais tarde, primeiro vice-ministro da Defesa e, enfim, ministro da Defesa a 23 de Março de 1972. É igualmente membro da direcção regional do Baas, o principal partido governamental.

este seu actual cargo de chefe de Estado-Maior do Exército israelita.

EGIPTO
— GENERAL CHAZLI

O general Saadeddine Chazli é nomeado chefe do Estado-Maior das Forças Armadas egípcias em Março de 1971, a seguir à eliminação do poder dos adversários do presidente Sadat. O general Sadek sucede pelo seu lado ao general

Mohamed Faouzi como ministro da Guerra e comandante-em-chefe das forças egípcias.

Nascido em 1922, o general Chazli é promovido em 1940 e toma parte na guerra da Palestina em 1948. Em 1956, aquando da campanha do Suez conduzida por Israel, comanda uma companhia de pára-quedistas. Em Junho de 1967, encontra-se à cabeça de uma divisão no Sinai. O general Chazli passa por ser o grande especialista das tropas aerotrans-

DUAL
HI-FI

GRUPOS
AMPLIFICADORES
SINTONIZADORES
COLINAS
ESTEREOFONIA
QUADRIFONIA

SUPERMANOS
LARGO DO MASTRO. 5

CAIRO: ESPERANÇA E ANSIEDADE

Por J.P. PERONCEL HUGOZ
Exclusivo «Le Monde»/«DL»

CAIRO — «É demasiado belo para ser verdade, mas é verdade. Depois de três dias de guerra, não apenas continuamos do outro lado do canal, como as nossas forças progridem no Sinai.» Esta reflexão de um intelectual egípcio resume bastante bem a opinião geral no Cairo, no limite, é verdade, das informações de que dispomos. Não só os comunicados do comando geral das forças armadas egípcias nem sempre são precisos — «Os nossos blindados atingiram um ponto avançado no Sinai», diz, por exemplo, o comunicado n.º 14 — mas as notícias do exterior, que permitiriam recortar as fontes locais, são objecto de censura, o que não aconteceu durante a Guerra dos Seis Dias em 1967.

Para além da convicção de terem logrado pôr em questão, mesmo que apenas provisoriamente, a reputação de invencibilidade de que gozava até agora Israel, os egípcios fazem uma segunda constatação importante: os governos árabes estão agora colocados perante as suas responsabilidades. Encorajados pelos primeiros êxitos egípcios, apoiam agora o comboio em andamento decididamente ou continuarão a abster-se de intervir? A este respeito, perguntam-se as pessoas aqui se Rabat vai efectivamente reforçar o seu contingente no Médio Oriente, se Bagdad e a Argélia vão enviar destacamentos militares menos simbólicos e mais reais, e, sobretudo, se Ryad entrará em linha de uma ou outra maneira. A Arábia Saudita, até que ponto utilizará a arma do petróleo? Enfim, outras interrogações referem-se à capacidade de resistência da Síria e sobre a atitude da Jordânia.

Quanto à posição do coronel Gaddafi, que se encontra muito recuado relativamente às expectativas egípcias, esta é vivamente criticada: «Quando penso que acusávamos Sadat de não querer proceder à união total com a Líbia para não ser arrastado para um guerra com Israel...», disseram-nos vários egípcios, nasserianos ou marxistas, que fazem agora «uma correcção honrada» dos seus pontos de vista.

Um deles acrescentou: «Se isto ocorrer, Sadat vai atirar para a sombra a figura de Nasser». Pessoas que estiveram com o chefe de Estado egípcio afirmam que o acharam «perfeitamente sereno e consciente do fulcro da questão».

No entanto, os egípcios têm ainda medo de ser «francamente op-

timistas». Sabem apenas que «aconteça o que acontecer, a situação nunca mais voltará a ser como antes». Nós reintegramos o século XX.

«De futuro, a comunidade internacional não poderá mais considerar o Egipto e o problema do Médio Oriente com os mesmos olhos de antes de Outubro de 1973», ouve-se também dizer aqui.

Entretanto, cada hora que passa reforça o mesmo tempo a esperança e a ansiedade. Em certos ministérios, o sangue-frio ostentado durante as primeiras 48 horas dá lugar a uma febrilidade inabitual. Todavia, salvo pequena excepção, os **mass media** conservam um tom que nada tem a ver, segundo as declarações de um antigo fiel do Rais, com a «histeria e as contravergências de 1967». Os comunicados militares não são geralmente postos em dúvida. A única nota falsa é dada pelos **mokhabarate** (serviços secretos), que convidaram a população a denunciar os «suspeitos» pelo telefone.

STALINEGRADO OU DUNKERQUE?

Os caiotas, que, é verdade, não ouviram o menor tiro de canhão durante esta guerra, conservam sempre uma apatia calma. Sem que tenha havido verdadeira precipitação sobre os géneros alimentares, o arroz, o açúcar, o chá, que são aqui os produtos de grande consumo, começam a escassear. A carne passará a ser vendida apenas durante dois, em vez de quatro, dias por semana. Quanto aos automobilistas terão apenas direito a quatro litros de gasolina por dia.

Segundo fontes egípcias dignas de crédito, o moral das tropas em operação é «excelen-

te», e o número de soldados mortos ao longo da passagem do canal no início do conflito seria quatro vezes inferior ao número previsto pelos próprios comandantes egípcios. Muitos feridos, chegados ao hospital militar de Méadi, perto do Cairo, estavam apenas li-

geiramente atingidos. No entanto, toda a gente aqui se apressa a sublinhar que combates terrestres, corpo a corpo, tiveram lugar pela primeira vez no Sinai desde a guerra de 1967.

«Tínhamos sobre estimado os nossos adversários e éramos nós

DE UMA GUERRA À OUTRA

5 de Junho Israel desencadeia a Guerra dos Seis Dias, que termina pela derrota das forças árabes e pela ocupação de vários territórios por Israel: a Cisjordânia, com o sector jordaniano de Jerusalém, a região de Gaza, o Sinai e a elevação do Golan.

17 de Julho Na sequência de violentos combates nas margens do canal de Suez, os observadores da ONU tomam posição de ambos os lados.

21 de Outubro O **destroyer** Eliat da Marinha israelita é afundado no Mediterrâneo por duas vedetas lançamísseis egípcios. No dia 24, a artilharia israelita destrói grande parte das refinarias de petróleo do complexo industrial de Suez.

1968

21 de Março As forças israelitas atravessam o Jordão e lançam uma vasta acção de represálias contra a Jordânia. O ataque principal é dirigido contra o campo de refugiados palesti-

nianos de Karamé, que serve de base aos guerrilheiros da resistência palestina.

8 de Julho Um duelo de artilharia ao longo do canal de Suez faz quarenta e três mortos civis na população da cidade epónima. Dias depois, o Egipto anuncia a sua intenção de proceder a «ataques preventivos» por seu turno.

31 de Outubro Pela primeira vez, um comando israelita efectua um **raid** de represálias no vale do Nilo, a 23 quilómetros de Assuão.

próprios subestimados», disse-nos um dos nossos mais célebres confrades egípcios, que acrescentava: «Doravante, tudo se jogará no Sinai, que poderá tornar-se uma nova versão de Stalinegrado. Mas se não nos aguentarmos, então será Dunkerque».

3 de Setembro Uma importante força israelita apoiada por blindados egípcios, que acrescentava: «Doravante, tudo se jogará no Sinai, que poderá tornar-se uma nova versão de Stalinegrado. Mas se não nos aguentarmos, então será Dunkerque».

25 de Dezembro **Raid** de oito horas da aviação israelita sobre as rampas de lançamento, a 20 quilómetros do Suez.

1970

7 de Janeiro Primeiro **raid** em profundidade em território egípcio da aviação israelita, que bombardeia campos militares a 30 quilómetros do Cairo. A 22, a ilha de Chadouan é tomada de assalto e ocupada durante trinta e seis horas por forças aero-transportadas israelitas.

12 de Fevereiro Um bombardeamento israelita sobre as fábricas civis egípcias de Abu-Zaabal faz sessenta e três mortos e uma centena de feridos.

15 de Março As tropas heli-transportadas israelitas atacam o território sírio pela primeira vez.

26 de Junho Terceiro dia de combates no Golan. Os blindados israelitas chegam ao Sul de Rafi, na estrada de Damasco.

7 de Agosto O cessar-fogo, primeira etapa



Sadat no meio da multidão



lharia israelo-sírio faz cento e cinquenta mortos na Síria.

13 de Setembro — Treze Mig-21 sírios são abatidos por cima da re-

gião de Iartous por caças israelitas.

6 de Outubro — Começo da quarta guerra israelo-árabe.

SADAT: A FUGA PARA A FRENTE

A 4 de Fevereiro de 1971, à tarde, o presidente Sadat pronunciava perante a Assembleia Popular egípcia um discurso muito esperado, no qual afirmava que o Egipto consentia em prolongar apenas pelo prazo de mais um mês o cessar-fogo concluído em 1970 por três meses, e que já tinha sido prorrogado por outros três. O chefe de Estado egípcio propunha ao mesmo tempo reabrir o canal de Suez, com a condição de que todas as tropas israelitas abandonassem a margem oriental e que as tropas egípcias aí se instalassem de novo. Devia tratar-se no seu espírito de uma primeira etapa, acompanhada por negociações de paz, no sentido da evacuação total do Sinai pelas tropas israelitas segundo um calendário a fixar de antemão.

A proposta conciliatória do presidente egípcio redundou na confusão do seu autor. A diplomacia americana reteve em primeiro lugar a promessa de abertura do canal, mas revelou-se incapaz de impor a Israel o menor calendário de evacuação do conjunto do Sinai.

Na tarde do discurso de 4 de Fevereiro, um observador francês confiava a interlocutores estrangeiros que «não via como, a longo prazo, poderiam os egípcios evitar a reabertura das hostilidades». Foram necessários menos de três anos para que a predição se realizasse. O presidente Sadat denunciou, é certo, o cessar-fogo a 7 de Março de 1971 de modo definitivo, mas tal decisão permaneceu na altura sem consequências práticas. Ao mesmo tempo, o chefe de Estado egípcio multiplicava as declarações infelizes sobre «o ano decisivo de 1971», chegando mesmo, no fim do ano, a refugiar-se por trás da névoa internacional provocada pela guerra indo-paquistanesa para justificar a sua inacção.

O mal-estar crescia entretanto entre a juventude egípcia, nomeadamente entre os nasserianos de esquerda e os marxistas. Este mal-estar explodiu brutalmente por ocasião das grandes manifestações de estudan-

verdadeira mobilização do país e uma cooperação mais estreita com a URSS, sobretudo no domínio militar, em vista da reabertura das hostilidades. A URSS, por outro lado, não era dita por Sadat «a única aliada» do povo egípcio?

De facto, o presidente Sadat, anunciando a 18 de Julho de 1972 que punha fim à missão dos especialistas soviéticos, agia exactamente em sentido contrário; levava assim ao seu cúmulo o descontentamento da juventude. Embora o chefe de Estado se tenha antecipado, fazendo deter, em Dezembro de 1972, no decurso de uma operação nocturna, uns 60 estudantes considerados como dirigentes das manifestações estudantis e populares do ano anterior, as perturbações reacenderam-se com nova intensidade no começo de 1973 nas três universidades do Cairo, ameaçando estender-se ao conjunto da população. De novo, a repressão se abateu sobre os estudantes, alargando-se aos jornalistas e intelectuais, vítimas em Fevereiro de uma severa depuração.

O presidente Sadat estava no entanto consciente da profundidade

do mal-estar e sabia que o único remédio ao seu alcance era a reabertura das hostilidades. Em Abril passado, informações de fonte israelita revelaram que um certo número de aviões Mirage, entregues pela França à Líbia, se tinham deslocado para o Egipto. Outros aparelhos, nomeadamente iraquianos e talvez sírios, tomariam o mesmo destino. Segundo informações de fonte egípcia, o presidente Sadat tentara realmente então reunir uma força de choque árabe para reabrir as hostilidades. Teria lançado um apelo a todos os países árabes, mas apenas a Líbia, a Síria e o Iraque teriam respondido a esse apelo. A reabertura das hostilidades devia coincidir, segundo os planos estabelecidos, com o início do grande debate no Conselho de Segurança sobre o problema do Médio Oriente, marcado para 20 de Abril de 1973. A descoberta de um grave caso de espionagem teria, entre outras razões, contribuído para o adiamento do projecto de ofensiva.

Esta tentativa abortada tinha já mostrado que a Síria era o único aliado com o qual o Egipto podia contar de modo segu-

ro em caso de recomeço das hostilidades, pelo menos entre os países no campo de batalha.

O presidente Sadat quis reconquistar a confiança de uma parte do seu povo, e em particular da juventude. Deu ao mesmo tempo satisfação a todos os jovens oficiais que, há anos, esperam na frente do Suez o «sinal verde» para a entrada em guerra.

Certos oficiais do Estado-Maior por certo fizeram ver que o empreendimento era pelo menos aventuroso. Mas desde a eliminação, no Outono de 1972, do popular general Sadek e sua substituição à cabeça do Ministério pelo general Ahmed Ismail Ali, antigo chefe dos serviços de informação, e dedicado ao presidente Sadat, este reforçou consideravelmente o seu controlo sobre o Exército.

Os riscos não são menos grandes no caso de um novo reverso das forças egípcias. Mas os perigos de uma prorrogação do imobilismo e de uma deterioração da situação interna eram sem dúvida maiores ainda. O presidente Sadat preferiu a fuga para a frente.

ROLAND DELCOUR

prevista pelo plano Rogers, entra em vigor no canal de Suez.

1971

26 de Janeiro — Em resposta a um questionário de Jarring, Israel reafirma a sua recusa de uma retirada para as linhas do armistício de 1967. Em resposta a este mesmo questionário, o Egipto tinha feito saber, dez dias anteriormente, que poderia assinar um tratado de paz se Israel evacuasse todos os territórios ocupados.

25 de Maio — A missão Jarring é interrompida.

1972

8 de Setembro — Um raid israelita contra os comandos palestinos do Líbano e da Síria faz sessenta e cinco mortos.

21 de Novembro — Depois de uma série de incidentes graves desde o princípio do mês, desenrolam-se violentos combates no Golan: seis Mig sírios são destruídos.

30 de Dezembro — Raid aéreo de noite dos israelitas contra a base de Nabek, perto de Damasco.

1973

9 de Janeiro — Incidentes graves no Golan. Um longo duelo de arti-



Atravessando o Canal

QUEM VOLTA A CASA NÃO É AGRESSOR

O ministro dos Negócios Estrangeiros apontou um elemento importante da posição francesa perante o desencadear da «guerra de Kippour»: «Tentar voltar a casa, disse, não representa forçosamente uma agressão imprevista».

Eis, de facto, aceites em todas as suas consequências, as teses árabes sobre a eliminação das sequelas da agressão de 1967, segundo o seu vocabulário, e a recuperação dos direitos usurpados dos palestinos.

Com efeito, se se deve admitir que os egípcios e os sírios não são culpados de agressão, no presente caso, isso equivale a justificar antecipadamente todas as rupturas do cessar-fogo, dos armistícios, ou da paz que estes sejam levados a

concluir. O que equivale a ligar unilateralmente Israel a obrigações de que os seus adversários ficariam isentos: a de cumprir os respectivos compromissos. É exactamente o que os árabes pretendem desde 1948: estes teriam o direito de

conduzir contra Israel uma beligerância unilateral, fechando as vias marítimas internacionais à sua navegação, bloqueando os seus portos, atacando as suas cidades, assassinando os passageiros dos seus aviões e os seus atletas nas Olimpíadas de Munique. Mas as fronteiras de Israel que os feddayin atravessavam num sentido, deveriam garanti-los dos contra-ataques do exército israelita, que não teria o direito de as atravessar em sentido contrário. Esta pretensão

árabe é absurda no seu princípio e não pode ser admitida de boa-fé.

E os árabes não o aplicam apenas à recuperação dos territórios que perderam em 1967. Antes de 1967, defendiam em todas as arenas internacionais a ideia de que as fronteiras de Israel, saídas dos armistícios de 1949 não eram legais. Tratava-se pura e simplesmente de voltar a pôr em causa a própria existência de Israel. O único direito que na realidade os árabes reafirmam ao Estado de Israel é o de se desdemonizar: desmantelar o Estado e repatriar a sua população para a Europa. Para além disto, a existência de Israel, sob todas as outras formas, é qualificada por eles como agressão. Abundam as diversas formulações deste axioma nas suas bocas mais responsáveis.

Mas se a própria existência de Israel é uma agressão, torna-se necessário retomar a declaração de Michel Jobert, aplicando-a precisamente a Israel. Porque se é verdade, a favor dos árabes, que regressar a casa não constitui uma agressão, isso deve ser verdade também para os judeus. Excluir os judeus de uma verdade válida para todos os outros seria pura e simplesmente um ponto de vista anti-sionista inaceitável.

Ora, o sionismo, o regresso a Sião, é precisamente a tentativa com êxito dos israelitas para voltarem à própria casa.

Se os árabes palestinos estão em sua casa na Palestina, os judeus palestinos (palestinos: que importa a palavra?) estão-no também e há muito mais tempo. Se os primeiros colonos sionistas não o soubessem, se a Bíblia não o tivesse dito, tê-lo-iam descoberto cavando os sulcos dos seus primeiros campos e as fundações das suas primeiras casas. As suas charruas, as suas pás, os seus bulldozers punham à luz do dia as ruínas das sinagogas bimilenárias onde os seus antepassados oraram, os altos fornos onde já Salomão fazia fundir o cobre das minas Timna hoje postas em reexploração, os restos das cerâmicas e dos pergaminhos gravados pelos seus poetas e pelos seus legistas. E se não tivessem sabido

que o hebreu era a sua língua, tê-lo-iam aprendido decifrando as inscrições dos monumentos em que os inimigos dos hebreus se gabavam de os ter expulso para sempre. Voltar a casa; os judeus não fizeram outra coisa. Não é possível aprovar ao mesmo tempo os árabes por isso, subscrevendo a sua tese que condena o regresso a casa dos israelitas, classificando-o como uma agressão.

Além disso, e sem exagere das posições de Jobert, a posição da França merece ainda outro comentário.

Houve inquietação em certos sectores da opinião francesa com o apoio activo que os judeus de França (como os dos outros países) prestam aos judeus de Israel. Mas esses mesmos sectores não se inquietaram com o apoio (que tomou a forma de uma guerra de agressão) prestado pelos muçulmanos egípcios, argelinos, marroquinos e sírios aos seus correligionários palestinos.

Ora, se é lícito para um cidadão argelino, sírio e egípcio, porque árabe e muçulmano solidarizar-se com os árabes palestinos, porque razão um cidadão francês ou americano, limitando-se a desfilar nas ruas de Paris ou a entregar dinheiro seu a Israel, se encontrará menos autorizado a solidarizar-se

Continua na pag. nove

NÃO VEJA DE BINÓCULO



GRUNDIG dá-lhe a dimensão exacta!

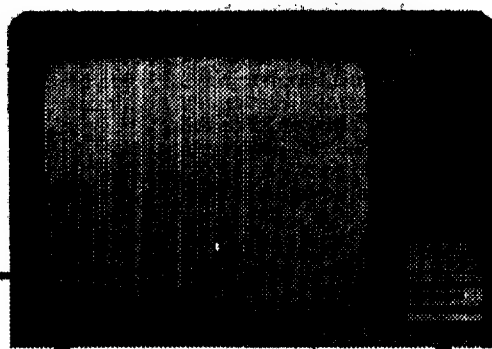
Com o televisor GRUNDIG de 61 cm tem a melhor dimensão de imagem.

A garantia da sua perfeita estabilidade deve-se ao alto grau de transistorização de todos os circuitos e ao sistema protector de interferências de sinal.

Seleção de programas por impulsos electrónicos. Reprodução de som com altifalante frontal. Vários modelos GRUNDIG de 61 cm, écran grande, electrónico e ultra-electrónico (UE).



GARANTIA DE QUALIDADE E DURAÇÃO



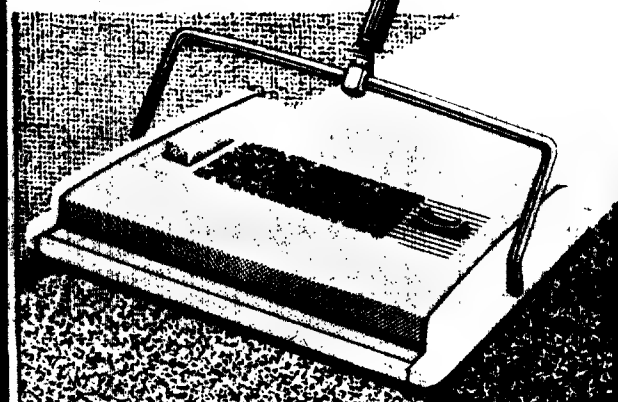
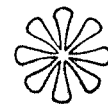
mais técnica, melhor serviço

Bissell

A famosa escova mecânica alemã para limpar todos os tipos de alcatifas, tapetes e soalhos.

Regulável, com dupla acção de limpeza,

é um prazer trabalhar com ela.



Demonstrações nos representantes exclusivos
ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S.A.R.L.
DIVISÃO DE ELECTRODOMÉSTICOS
Rua dos Douradores, 43 • 361545/361763 - LISBOA
Rua de Santo António, 208 • 25581 - PORTO
A VENDA NAS BOAS CASAS DA ESPECIALIDADE

TENTATIVA DE GOLPE À "CHILENA" NO IRAQUE?

Por ERIC ROULEAU

Exclusivo «LE MONDE»/«DL»

Pouco antes do começo da presente guerra, convidando a população a uma constante vigilância, o Governo iraquiano decretou o recolher obrigatório e encerrou ao tráfego todos os aeroportos do país.

O regime iraquiano parece estar ameaçado. A Rádio de Bagadá anunciou na manhã de sexta-feira, 28 de Setembro, que o recolher obrigatório havia sido imposto *sine die*, a partir das 6 horas locais, na capital e nos seus arredores. Todos os aeroportos do país foram encerrados ao tráfego internacional e local.

Um comunicado assinado pelo ministro do interior atribui estas medidas excepcionais à última vaga de assassinios que deflagrou em Bagadá. O ministro anunciou, por outro lado, a constituição de comissões populares de autodefesa e apelo para a população a fim de dar prova da maior vigilância perante toda a actividade anormal de elementos suspeitos.

Saddam Hussein, vice-presidente iraquiano e «homem forte» do regime, estava sem dúvida de posse de informações sobre actividades subversivas no exército quando declarava, na segunda-feira, 24 de Setembro: **Não permitiremos que um golpe de Estado de tipo chileno derrube o nosso regime progressista.**

Por certo a comparação assim estabelecida entre o Governo da Unidade Popular de Santiago do Chile e a Frente Nacional de Bagadá parece à primeira vista abusiva. Contrariamente ao Partido Socialista de Allende, o Baas do general Bakr assenhoreou-se do controlo das principais engrenagens do Estado e da Economia. Quanto aos outros partidos no Governo — os comunistas, os autonomistas curdos, os nasserianos — foram unicamente associados à gestão, o *dispositivo* de liberdades limitadas. Os seus membros e simpatizantes estão excluídos obrigatoriamente dos «centros de poder» em especial do Exército e da Polícia.

Todavia, confirma-se que grupos da extrema direita, semeando o terror há já algumas semanas perpetraram assassinios em Bagadá, cujo número seria bem mais elevado do que os oito casos assinalados por Hussein, em 24 de Setembro. Estes terroristas segundo todas as probabilidades, são telecommandados por adversários do regime, hostis à sua política interna e externa, que ocupariam posições de responsabilidade, tanto no seio do Exército como da Polícia.

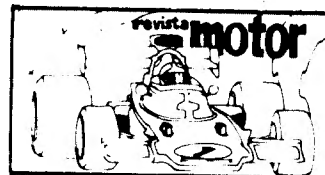
Já em Julho último, no dia seguinte à conspiração abortada do director da segurança geral, Nazem Kazzar, as autoridades tinham descoberto a existência de redes paralelas clandestinas encarregadas precisamente de liquidar fisicamente não somente dissidentes baasistas, mas também curdos, comunistas, nacionalistas, judeus, etc. Como no Chile, a direita iraquiana é hostil às medidas de nacionalização, incluindo aquela que expropriou, em 1 de Junho de 1972, a Iraq Petroleum Company de três quartos da sua produção em bruto. Censura, também, ao regime ter rompido as relações com as potências ocidentais, em particular com os Estados Unidos, **enfeudando, assim, o Iraque aos países do Leste, bloco este que conseguiu, é verdade, implantar-se solidamente no domínio económico.** O tratado de «amizade e cooperação» assinado em 9 de Abril de 1972 entre Bagadá e Moscovo, exasperou os meios moderados.

Sentindo o vento a mudar, o general Barzani, chefe dos autonomistas curdos fizera declarações surpreendentes ao «Washington Post» uma semana antes da tentativa infeliz de Nazam Kazzar de 30 de Junho último. Não somente solicitava a ajuda dos Estados Unidos, que aceitaria eventualmente receber por intermédio do Irão ou de Israel, como acrescentava ainda: **Se os Estados Unidos nos acordarem a sua protecção contra os lobos, estamos prontos a servir a política americana nesta região. Se o apoio dos Estados Unidos se revelar substancial, poderemos tomar o controlo dos poços de Kirkouk e confiar a sua exploração a uma companhia americana. Kirkouk encontra-se na nossa região e a sua nacionalização foi um acto dirigido contra os curdos.**

Para evitar o perigo, Saddam Hussein procedeu a uma dupla manobra em direcções opostas. Dez dias depois da execução de Nazam Kazzar, ofereceu aos autonomistas curdos e aos comunistas assinar imediatamente o «pacto nacional», em discussão há meses, que devia selar a sua aliança. Multiplica, para esse efeito, as concessões. O P.C. dá o seu acordo em 11 de Julho, enquanto que o P.D.C. (Partido Democrático Curdo) formula condições que parecem exorbitantes tanto ao Baas como à extrema esquerda, no entanto, muito bem disposta relativamente aos partidários do general Barzani. Se as reivindicações deste último fossem aceites, com efeito, os ricos campos petrolíferos de Kirkouk teriam sido incorporados no Estado autónomo curdo.

Apesar do impasse, o conselho superior da Frente Nacional, constituída pelos baasistas e pelos comunistas, fixou-se como tarefa prioritária elaborar um contra-projecto de autonomia, que devia ser submetido aos interessados. Paralelamente a esta ofensiva de sedução em direcção aos «aliados naturais do poder progressista», o número dois do regime iraquiano tentou ganhar as boas graças das potências anglo-saxónicas. Quando de uma entrevista que tivemos com ele, em 11 de Julho último, ao mesmo tempo que um jornalista americano e um outro britânico, Hussein insistiu — durante 2 horas — sobre a necessidade de restabelecer, na base do respeito mútuo e dos interesses comuns, as relações entre Bagadá por um lado, e Londres e Washington, por outro. O Governo iraquiano fechava pouco depois o Centro Cultural Soviético em Bagadá depois dos da República Democrática Alemã e da Checoslováquia.

Este ligeiro inflectir teve como efeito descontentar o P.C. sem, no entanto, ter satisfeito outro tanto as duas capitais anglo-saxónicas ou a direita iraquiana. A guisa de apaziguamento desta última, que seria poderosa mesmo no seio do Partido Baas, Saddam Hussein absteve-se de **alargar as bases democráticas** do regime — como se havia comprometido a fazer — deixando nos seus postos no Exército e na Polícia, elementos hostis à extrema esquerda e aos curdos. Tal como o presidente Allende, ele calculou — com ou sem razão — que a relação das forças em presença necessitava das concessões para o **establishment** militar. A luta aberta que se trama no Iraque anuncia-se das mais incertas.



QUEM VOLTA A CASA NÃO É AGRESSOR

Continuação da página oito

com os judeus palestinianos.

Esta falta de paralelismo não tem outro fundamento se não a utilização de dois pesos e de duas medidas diferentes, conforme se trate de julgar Israel ou os árabes.

Não se devem portanto seguir nem os que pretendem reconhecer aos árabes um direito que negam aos israelitas,

nem os que censuram aos judeus de França uma duplicidade de que não acusam nem os árabes tunisinos nem os marroquinos.

A justiça é indivisível. Nada tem a ver com a política, nem com os abastecimentos de petróleo.

Que se confesse que se apoia a política árabe por política ou interesse.

Mas que se não fale por tão pouco em justiça.

MARIA PINTO COSTURA

Apresenta na próxima 5.ª-feira, dia 25 às 15.30 horas
A SUA COLEÇÃO DE MODELOS FRANCESES
PARA OUTONO-INVERNO
ENTRADA POR CONVITES
Avenida da Liberdade, 173, 2.º — Telefone 4 39 62

A. OLIVEIRA ELECTRODOMÉSTICOS

Av. Almirante Reis, 91 A | Lisboa
Rua Angelina Vidal, 63



o seu MINI
já pode ter
os melhores faróis do mundo

substituindo as ópticas de origem
por ópticas **CIBIE**
com lâmpada de iodo H4
nos centros de assistência técnica

AUTOSIL

em: Lisboa · Porto · Coimbra · Viseu
Castelo Branco · Setúbal · Évora · Beja · Faro

DURANTE ESTA CAMPANHA DE LANÇAMENTO AS ÓPTICAS DE ORIGEM SERÃO VALORIZADAS

ARTIGOS ESCOLARES BRINDES

DE 15 DE SETEMBRO A 31 DE OUTUBRO
COMBOIOS ELÉCTRICOS E ACESSÓRIOS
PARA OS MESMOS

DISCOS 45 r.p.m. e 33 r.p.m.

Por cada 50\$00 de compras recebe uma senha Brinde de 1 PONTO.

Junte as senhas necessárias para perfazer a pontuação marcada nos artigos em exposição nas nossas montras.

ATENÇÃO: OS Livros Escolares não têm direito aos Brindes

10 % DE DESCONTO EM TODOS OS ARTIGOS ESCOLARES EXCEPTO EM LIVROS

PAPELARIAS EMÍLIO BRAGA

RUA DA MADALENA, 40 a 44
AVENIDA DE ROMA, 10-E

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 11-C
AVENIDA DUQUE DE LOULÉ, 49

O FERROLHO DOS DARDANELOS

Como farão os soviéticos sair do Mar Negro o porta-aviões de 45 000 toneladas que ali constroem, quando a convenção de Montreux, que regulamentava a passagem de navios de guerra pelo estreito dos Dardanelos, interdita ali a navegação de navios de mais de 10 000 toneladas? Tal é, em substância, a pergunta posta por um deputado (democrata-cristão) italiano, Giuseppe Zamberletti, à presidência da Assembleia da União da Europa Ocidental (U. E. O.).

Os serviços de informações ocidentais esperam a próxima entrada em serviço do primeiro porta-avião soviético, baptizado com o nome de Kiev e actualmente em construção nos estaleiros Nikolaev, no Mar Negro, os maiores estaleiros navais soviéticos onde são montados, na sua maior parte, os navios de superfície e os submarinos. O Kiev deslocará 45 000 toneladas e transporta-

ria setenta e cinco helicópteros, aviões de flecha fixa ou aparelhos de decolagem e aterragem verticais. A título de comparação, pode-se recordar que os porta-aviões franceses Foch ou Clemenceau deslocam cerca de 32 000 toneladas e podem transportar até quarenta aviões de combate cada um. Zamberletti nota que a convenção de Montreux, assinada em 20 de Julho de 1936 pela

França, o Reino Unido, a Bulgária, a Austrália, a Grécia, o Japão, a Roménia, a Turquia, a União Soviética e a Jugoslávia não autoriza o trânsito dos porta-aviões nos estreitos dos Dardanelos e do Bósforo, qualquer que seja o sentido e quer estas unidades pertençam ou não aos países ribeirinhos do Mar Negro. De facto, a convenção de Montreux prescreve que os navios de superfície que atravessam o Bósforo não devem deslocar mais de 10 000 toneladas nem estar equipados com canhões de calibre superior a 203 mm. Este texto continua em vigor, mas é aplicado cada vez menos: os porta-helicópteros Moscovo e Leningrado, que deslocam, cada um deles, 20 000 toneladas, já atravessaram o Bósforo e os Dardanelos, ao mesmo tempo que eram acompanhados por na-



vios lança-mísseis soviéticos, tendo a bordo engenhos de um calibre superior ao das peças de artilharia autorizadas.

Nos meios europeus de Paris faz-se observar que, nestas condições, é razoável pensar que a União Soviética não se tenha lançado na construção do Kiev sem o acordo antecipado da Turquia, autorizando a passagem do porta-aviões para o Mediterrâneo, e permitindo-lhe, assim, o acesso ao alto mar. Se esta hipótese se revelasse exacta, a Turquia poderia ser convidada a acordar as mesmas facilidades de trânsito, no sentido contrário, aos porta-aviões dos países não ribeirinhos do Mar Negro, a começar pelos porta-aviões da VI Esquadra Americana no Mediterrâneo.

«A resposta à pergunta do senhor Zamberletti», nota o Conselho da Assembleia da U. E. O., «exige um exame aprofundado dos problemas jurídicos levantados pela interpretação da convenção de Montreux».

Na realidade, convém obser-

var que a evolução da tecnologia naval tirou todo o valor a esta convenção, e que a União Soviética, tirando partido da tensão israelo-árabe e sem exercer pressão especial sobre a Turquia, conseguiu fazer sal-

tar o ferrolho dos estreitos turcos, que a confinavam no Mar Negro. Doravante, a frota soviética está permanentemente presente no Mediterrâneo com meios comparáveis aos dos ocidentais.

PINTURA—ARMAS—ANTIGUIDADES IMPORTANTE LEILÃO

● SELECIONADA COLECCÃO DE PINTURA CONTEMPORÂNEA E MODERNA, dos seguintes autores:

Abel Salazar — Albertino Guimarães — Albert Roberti — Alfredo Ke'll — Alfredo Moraes — Alfredo Roque Gameiro — Álvaro Canelas — Álvaro Hogan — Alves Cardozo — Alves de Sá — António Carneiro — António Cruz — António Lino — António Ramalho — António Saúde — António Soares — Armando Lucena — Artur da Fonseca — Aurélio César Sobral — Aurora Figueiredo — Barnete — Bernardo Marques — Cargaleiro — Carlos Bonvalot — Carlos Botelho — Carlos Ramos — Carlos Reis — Celestino Alves — Cervantes de Haro — Cruzeiro Seixas — Dom Carlos — Domingos Rebelo — Dordio Gomes — Eduarda Lapa — Eduardo Romero — Emmérico Nunes — Estêvão Soares — Ezequiel Pereira — Falcão Trigo — F. Ancell'n — Fausto Gonçalves — Fausto Sampaio — Fortunato Anjos — F. Torrescassana — Francisco Valença — Francis Smith — Frederico Ayres — Frei Miguel Guedes — G. Zanetti — Henrique Casanovas — Hygino Mendonça — Inácio Matsinhe — Jaime Izidoro — João Reis — João Augusto Ribeiro — J. Rebouço — João Marques — Jorge Barradas — José de Andrada — José Campas — José Joaquim Ramos — José Malhoa — Júlio Pomar — Júlio Ramos — Julliard — Lino António — Lucília de Brito — Luisa de Freitas — Luís de Ortigão Bornay — Malangatana — Mário Augusto — Mário Eloy — Mário Reis — Martinho da Fonseca — Nadir Afonso — Nikias Scap'nakis — Pedro Guedes — Ricardo Hogan — Ribeiro Crisithino — Severo Portela — Silva Porto — Simão da Veiga — Souza Pinto — Stuart — Thomaz de Melo (Tom) — Tulio Victorino — Veloso Salgado — Ventura Moutinho — Vieira da Silva — Visconde de Menezes — e outros autores.

● RARA COLECCÃO DE ARMAS BRANCAS E DE FOGO E ARMADURAS de todas as origens mundiais, de todas as épocas, incluindo muitas raridades inexistentes nos museus nacionais e algumas dispensadas por repetidas, pelo Museu da Torre de Londres. Todas as armas catalogadas para venda, estão devidamente peritadas, classificadas e avaliadas, serão postas em praça por valor muito inferior ao da avaliação, e serão vendidas PELA MAIOR OFERTA OBTIDA.

● MOBILIÁRIO — ANTIGUIDADES — OBJECTOS DE ARTE, donde se destaca um conjunto de cerâmica portuguesa e chinesa Companhia das Índias, pratos portugueses sécs. XVIII e XIX, mobiliário D. João V e D. José, objectos de vitrine, vidros coalhados e diversos indiscrimináveis.

O LEILÃO REALIZA-SE AMANHÃ, 3.ª, 4.ª E 5.ª F., ÀS 21 H. NOS SALÕES DO

HOTEL SHERATON—LISBOA

ENTRADA LIVRE — CATÁLOGO EM DISTRIBUIÇÃO — ANOTADO, PROFUSAMENTE ILUSTRADO E INDICANDO AS BASES DE LICITAÇÃO, (Esc. 50800) desde hoje na n.º sede e no Hotel às horas de exposição e leilão

EXPOSIÇÃO: 2.ª feira das 15 às 19 e das 21 às 24 horas e reserva de lugares: 3.ª feira, das 10 às 13 e das 15 às 18 horas, com início da 1.ª Sessão do Leilão às 21 horas

ORDEM DO LEILÃO: 3.ª-feira, às 21 horas — Pintura
4.ª-feira, às 21 horas — Armas
5.ª-feira, às 21 horas — Antiguidades



SOC. DE LEILÕES
AV. DUQUE DE LOULÉ, N.º 1
Telfs. P.P.C. (9 Linhas)
532929-51478-532446

AFRAFILHOS, Lda

O RADAR DOS MONTES BARUK

O radar, bastante potente, que foi atacado na terça-feira, 9 de Outubro, pela aviação israelita, está situado sobre os montes Baruk, a Sudeste de Beirute. Esta estação de detecção, construída com a assistência da França é a mais importante alguma vez instalada no Próximo Oriente.

O essencial desta base é o radar Palmier G, concebido nomeadamente pela sociedade Thomson-C.S.F. O Palmier G é um radar tridimensional com uma potência máxima de impulso de 20 megavolts, que permite simultaneamente a detecção panorâmica e a medição de altitude. Quer isto dizer que, diferentemente dos radares clássicos, que dão as duas coordenadas geográficas do lugar no espaço (azimute e distância) o radar Palmier G dá, além disso, a altitude. Assim, uma só antena de detecção preenche o trabalho de dois radares clássicos que seria preciso acopular para obter os mesmos dados tridimensionais.

Calcula-se o alcance deste radar em 400 quilómetros, até 30 quilómetros de altitude, pelo que o conjunto do espaço aéreo israelita é praticamente controlado do território libanês.

compre na BAIXA compre melhor



PRONTO A VESTIR
MALHAS PARA
SENHORA e HOMEM

Rua dos Fanqueiros, 26
Tel. 32 12 54

CONFECÇÕES
Ribalta
para Homem e Senhora
LANIFICIOS NOVIDADES
Tel. 87 42 53
Rua dos Fanqueiros, 199

ALCATIFAS
DA
FÁBRICA AO PÚBLICO
VENDAS DIRECTAS
Rua Augusta, 84 — T. 326337



CAMISEIROS
CHAPELEIROS
PRONTO
A VESTIR

Rua Aures, 207
Telefs. 369153/321123

MODAS



dos FANQUEIROS.
141-143 — Lisboa-2
Telef. 32 78 26



ALCATIFAS
PAPÉIS PINTADOS
TECIDOS

TODAS AS MARCAS
E AS MAIS LINDAS COLECCOES
AOS MELHORES PREÇOS

MAFRAS & CANEÇAS, LIMITADA
R. da Prata, 167 - R. dos Correiros, 106 — T. 366255

DISCOS
Fabricantes e editores
VALENTIM DE
CARVALHO, CI SARL

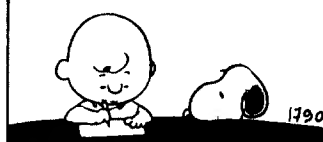
QUEM NÃO
ANUNCIA
ESCONDE-SE



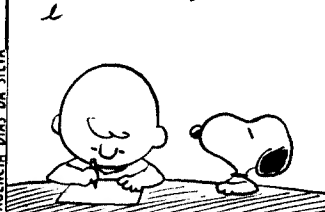
O beijo do vice-presidente. A mulher de Gerald Ford felicita o marido depois de o presidente Nixon ter anunciado o nome do sucessor de Spiro Agnew.

DEANUS

Hostaria de
recomendar o meu
cão para a taga do
cachorro do bairro.



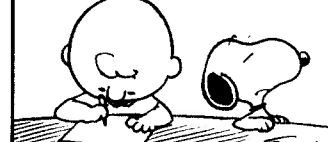
É valente, leal



ESTALA OS
DEGOS



Impaciente.



CAROL DAY

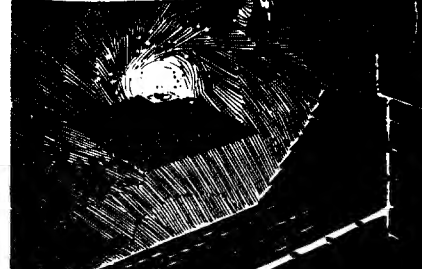
by DAVID
WRIGHT

SR. TRACY, OS
INSECTOS VOA-
RÃO, NUMA
NOITE
COMO ESTA



CLARO...
E, NUMA NOITE
DE TEMPESTADE
NUNCA SE SABE
O QUE SE VAI
AFANHAR...

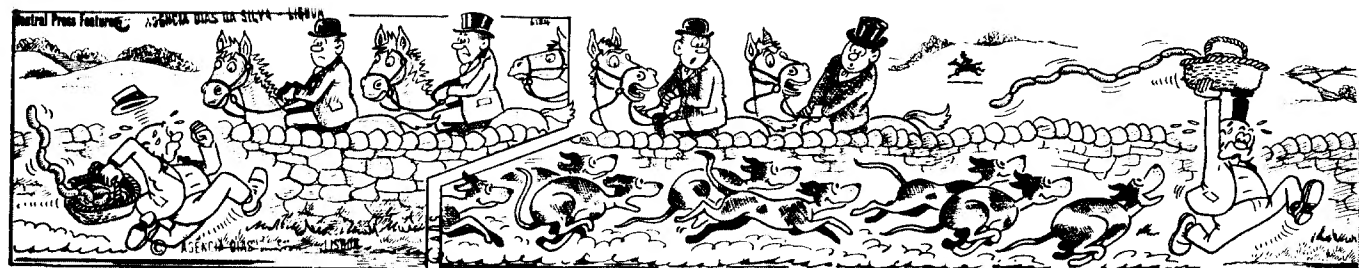
NÃO VEJO NINGUÉM...
MAS AQUELA LUZ ILU-
MINA TODO O JAR-
DIM! VOU TENTAR
A JANELA DO
ESCRITÓRIO...



AGENCIA DIAS DA SILVA



CAROL
E O VELHO
TRACY! TER-ME-
-ÃO VISTO



os Kolans

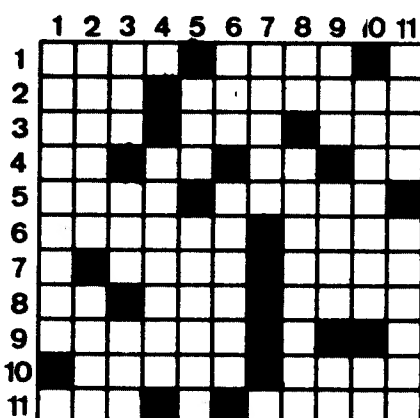


COM PROVÉRBO

PROBLEMA N.º 10584

HORIZONTAIS

- 1 Estimas Cerca
- 2 Figura que simboliza o po-
vo americano. Rasoiras
- 3 Declararias
- 4 Medida argelina usada na
venda dos cereais e que va-
le 48 litros. Prefixo de pri-
vação. Nota musical
- 5 Abrias gretas em
- 6 Mulo. Ramalhele
- 7 Pequeno barco de recreio
- 8 Gruta. Sulca a terra
- 9 Bolsa. Moderno
- 10 Mão de Ismael. Obscenida-
de (fig.)
- 11 Vi Antepassado Empre-
gas.



VERTICAIS:

- 1 Capeões Livro que contém
as orações da missa para
todos os dias do ano
- 2 Lago da República da Nica-
ragua. Procedi
- 3 Causar amuo a. Copo.
- 4 Prendera com elos
- 5 Respeite
- 6 Ilha do estado da Baía Ir-
mão de Moisés
- 7 Com da Itália. Prasiodimio
(sq)
- 8 Desbastara Estrepto de
desmoroamento
- 9 Agarrei Curamos
- 10 Nome de algumas tribos
indigenas de Mato Grosso.
Brejeira
- 11 Que têm modos ou acções
de saloios

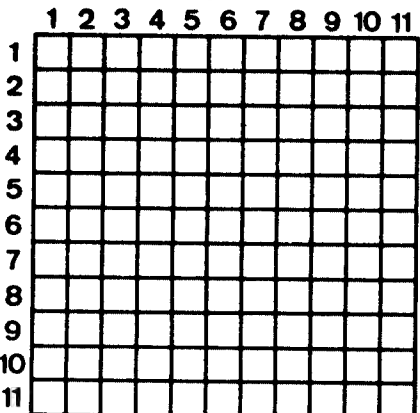
Resolva completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBO nele inserido.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6741

HORIZONTAIS

- 1 Aquela que Débito ou des-
pesa de uma casa comer-
cial
- 2 Cantão da Suíça. O mesmo
que limo
- 3 Época. Apelido. Ente
- 4 Nota musical. Pedra de moi-
nho. Aqui. Utensílio do-
méstico
- 5 Caminharia. Tempo do ver-
bo fazer
- 6 Mamalhuda. Criminosos
- 7 No Malabar, chefe de pes-
cadores, piloto ou capitão
de porto. Silaba acentuada
- 8 Sódio (sq). Pau-ferro. So-
leira (Prov. minh.)
- 9 Crosta escura que se forma
sobre a pele, resultante da
mortificação dos tecidos
- 10 Colhes. Sulca a terra
- 11 Uma das Espórades. Endu-
recida



VERTICAIS

- 1 Concelho do distrito da
Zambézia
- 2 Dera urros Aversão
- 3 Ena! Megenete natural. Ca-
belos brancos
- 4 Escritor francês que rece-
beu o Prémio Nobel da Li-
teratura em 1952
- 5 Recusa. Depois
- 6 Oferecer. Fragatas
- 7 A moral
- 8 Lê. Induzes
- 9 Aqui está. Elemento que en-
tra em algumas palavras
com a significação de ar-
Reis
- 10 Descansa. Palavra latina pe-
la qual começam muitos do-
cumentos pontíficos de in-
teresse para Portugal
(inv. 9)
- 11 Na parte exterior. Antigo
reino da Europa meridional,
na margem direita do Da-
nubio

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 10583

HORIZONTAIS:

- 1 E SEMPRE Em
- 2 Maia. Sónsa
- 3 Bois. Napo
- 4 Oro. Abu Ses
- 5 Matas. Mo
- 6 Deus. Voar
- 7 Fa. Raiva. Re
- 8 Polvora
- 9 Apartar. Mat
- 10 Galão. Aceno
- 11 Aro. Sazonas

VERTICAIS:

- 1 BOM. Fraga
- 2 Morada. Par
- 3 Saiote. Pato
- 4 Eis. Aurora
- 5 Ma. Assaltos
- 6 NB. Ivã
- 7 Rs. Um. Voraz
- 8 Eon. Ovar. Co
- 9 Nas. Amen
- 10 ESPERAR. Ana
- 11 Mãos. Restos

Proverbo: É SEMPRE BOM ESPERAR

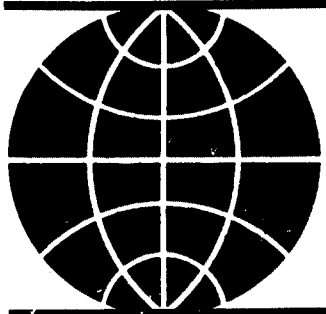
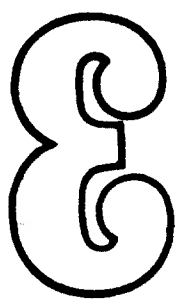
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6740

HORIZONTAIS:

- 1 Pum. Penal
- 2 Al. Aca. Maga
- 3 Abeto. Sim
- 4 Impor. DC. Ta
- 5 Riana. Iaras
- 6 Tre. Bar
- 7 Lot. Barroso
- 8 Usa. Alão. Er.
- 9 Rogam. Ama
- 10 Ou. São. Amor
- 11 Sir. Brasa

VERTICAIS:

- 1 Pamir. Lusos
- 2 Ul. Mitos. Ui
- 3 Apartar
- 4 Abone. Os
- 5 Acera. Bagas
- 6 Al. Balão
- 7 Odiam
- 8 Em. Carro. Ar
- 9 Nas. Ama
- 10 Agitásemos
- 11 Lamas. Orara



PELO MUNDO

● RENDER DA GUARDA?

Quatro velhos, cuja média de idade é de 82 anos, ocupam os quatro postos mais importantes do Partido Comunista e das estruturas do Governo da China. E apesar de algumas caras novas — e mais jovens — designadas para o grupo dirigente pelo último Congresso do Partido, é ainda a velha guarda quem detém as rédeas do Poder.

O facto não passa despercebido, na China, a uma chusma de jovens ambiciosos. E algumas queixas, por enquanto ainda tímidas, começam já a fazer-se ouvir nas colunas do órgão do Partido, o «Diário do Povo».

Esses queixumes, que representam provavelmente a ala mais radical do Partido, exprimem quase que a medo a necessidade de se dar maior atenção à chefia colectiva. E podem bem ser interpretados como um aviso à velha guarda.

«A nova constituição do Partido aprovada pelo X Congresso Nacional (24-28 de Agosto) estipula que os principais órgãos do comando devem, a todos os níveis, pôr em prática o princípio de três-em-um criado pelas massas durante a grande revolução cultural proletária, e que consiste em assegurar entre os dirigentes a presença de pessoas idosas, de meia idade e jovens» — dizia, recentemente, um artigo do «Diário do Povo».

E acrescentava:

«Com efeito, um dos assuntos mais importantes é treinar, promover e utilizar quadros jovens de valor

«Utilizar» é a palavra de comando na China.

No artigo era prestada homenagem aos «velhos quadros revolucionários» e aos «dirigentes veteranos», que eram denominados «o tesouro do Partido e do Estado, e a espinha dorsal dos organismos dirigentes a todos os níveis». Mas dizia-se também:

«É necessário dar mais oportunidades aos jovens quadros, para que sejam temperados, e permitir-lhes que se encarreguem de pesadas responsabilidades, para que possam ganhar experiência e capacidade.»

Aliás, uma decisão do Congresso revelou já essa tendência — e foi considerada a mais assombrosa das decisões tomadas: a designação de um jovem operário têxtil de Xangai, que se notabilizou na era dos «guardas vermelhos», e que detém, agora o que parece ser a terceira posição na hierarquia do Partido. Trata-se de Wang Hung-wen. É o mais jovem dos novos dirigentes do Partido: deve ter cerca de 35 anos.

● UM NOBEL CONTESTADO

Le Duc Tho e Henry Kissinger receberam o Prémio Nobel da Paz. Desde há muito que um Nobel não era tão contestado como este.

Na verdade — exceptuando o regime de Saigão que protestou contra a atribuição do prémio ao comunista Tho — muitas foram as vozes que se ergueram contra o facto de Kissinger, afim do ajudante de Nixon em toda a política vietnamita que, além da paz periclitante, levou também a destruição em grande escala a norte e a sul da zona desmilitarizada, figurar ao lado de figuras que, de facto, contribuíram para a paz sem fazer sofrer.



● Manifestação de massas

Grandes manifestações de massas, reprimidas com extrema violência (mais de mil mortos) levaram à queda do regime pró-americano do marechal Kittikachorn da Tailândia

● O PAI DA ARQUITECTURA BRITÂNICA

Na Inglaterra tem sido comemorado ao longo de todo este ano o quarto centenário do nascimento do maior arquitecto britânico de todos os tempos — aquele que deu a Londres o perfil que a capital inglesa hoje apresenta orgulhosamente ao Mundo.

Não se trata — como poderia pensar-se — de «sir» Christopher Wren, construtor da catedral de S. Paulo e de tantos dos outros templos de Londres. Não se trata, também, de Robert Adam com o seu estilo flamante, nem de Vanbrugh com os seus palácios maciços. As comemorações recordam o nome de um rapaz que se chamou Jones.

Inigo Jones é um nome que deixou — injustamente — de ser familiar aos ingleses, até porque restam apenas três edifícios da sua autoria sobreviventes aos séculos de desenvolvimento e ao peso do tempo. Outros, que se lhe atribuem, são de origem duvidosa. Mas Inigo Jones é o que pode chamar-se o Shakespeare da arquitectura inglesa.

Foi de tal modo revolucionário que não há praticamente um único edifício inglês, a partir da sua era e até aos nossos dias, que não tenha a sua marca, que não represente como que um eco do estilo que ele lançou.

Para quem conheça a Inglaterra, duas imagens se apresentam aos seus olhos quando se fala de arquitectura inglesa:

Uma é a dos edifícios meio construídos de madeira — grandes espaços de madeira escura e, entre esses espaços, paredes cobertas de tijolo ou de pedra e cal, em geral com telhados independentes, construídos em aparente desordem. Essa é a arquitectura britânica antes do advento de Jones.

A outra imagem é formal: pedra, quadrada e sólida, uma reunião equilibrada e simétrica de arcos, portarias e outros elementos clássicos. Foi Inigo Jones quem criou esta imagem.

Apesar disso, porém, a sua posição como «pai da arquitectura britânica» foi relegada para o esquecimento. Ninguém teve tempo para pensar em celebrar o terceiro centenário do seu nascimento.

Em reparação dessa falta, a Inglaterra inteira uniu-se nas celebrações deste quarto centenário: houve uma emissão de quatro selos postais, uma grande exposição dos seus trabalhos aberta num dos edifícios de que traçou as harmoniosas linhas (e que para o efeito fora renovado e restituído à sua traça original) e a publicação de um livro de 868 páginas, onde a sua vida e os seus trabalhos são primorosamente apresentados.

Jones nasceu de uma família humilde do País de Gales, mas transformou-se numa espécie de «pau-de-toda-a-obra artística» para o rei Jaime I e para o seu malgrado filho, Carlos I.

O mais alto posto que ocupou foi o de fiscal das obras do rei, o primeiro dos lugares para um arquitecto em 1614. Foi pintor, engenheiro e um dos primeiros urbanistas de Londres. Foi ele quem planeou e desenhou as maquetas dos funerais de Jaime I e da rainha sua esposa.

Acima de tudo, porém, Jones foi mestre do teatro de máscaras. Na corte de Jaime I e, mais ainda, na de Carlos, o principal entretenimento eram os espectáculos de máscaras — um divertimento tão complicado, tão alegórico e tão rico e movimentado que, por vezes, construía-se um autêntico teatro num dos salões para uma única apresentação, em que até o rei e a rainha não desdenhavam de desempenhar os principais papéis. Os melhores escritores da época escreviam o argumento. E Jones, muitas vezes em colaboração com Ben Johnson, trabalhava as máscaras — em geral glorificando a monarquia e o direito divino dos reis.

Jones era um génio nesse tipo de trabalhos — desenhava máscaras e um guarda-roupa fantástico, bem como cenários maravilhosos, criando efeitos teatrais incríveis, que não terão sido iguais até aos nossos dias. Um exemplo: duas dezenas, de cortezãos voando numa nuvem, muito acima do palco.

O ano de 1613 marca uma época na sua vida: Jones foi em visita de estudo até Itália. E de lá trouxe o renascimento italiano, temperado pelo seu génio. Foi reconhecido — então e pelos tempos adiante — como o único artista inglês capaz

de enfrentar a grandeza artística da Itália desse tempo. Seguiram-se 25 anos de trabalho e de glória — durante os quais construiu os três edifícios que ainda hoje perduram e perpetuam o seu nome: o palácio da rainha em Greenwich — um monumental cubo de pedra branca a contrastar com todos os edifícios de madeira que o cercam — e que em parte é hoje o Museu Nacional do Mar. Depois veio o Banqueting, recentemente renovado para a grande Exposição Jones que deixou de ser a mais esquecida das obras de arte de Londres — embora os turistas continuem a voltar-lhe as costas, para admirarem embevecidos, os guardas a cavalo de serviço no lado oposto da rua. Finalmente, a terceira das obras sobreviventes de Jones — esquecida e maltratada — a pequena igreja protestante de S. Paulo, no Convent Garden, que foi o primeiro «passo público» de Londres.

Considera-se provável que Jones tenha colaborado no desenho de muitos outros dos edifícios londrinos da época. Mas o que conta, no caso de Jones, é algo mais do que a beleza das obras que tenha assinado e de que seja, ou não, o único responsável. O que conta é a originalidade das suas ideias e a extraordinária influência que exerceu — que exerce ainda — na arquitectura do seu país. É que Jones soube casar — num casamento imensamente feliz — o estilo do renascimento italiano com uma sóbria e digna elegância, de quando nitidamente britânico.

● A IMPOTÊNCIA DOS GRANDES

Como qualquer guerra, a nova chama de violência no Médio Oriente acarreta pelo mundo o seu cortejo de lamentações, de votos pios, mas também de **partis pris** e de declarações mais ou menos interessadas. Enquanto Paulo VI diz o seu «sofimento» e numerosas nações não alinhadas se limitam a desejar o fim dos combates, árabes e israelitas polemizam na O.N.U. reunindo amigos, protectores e clientes, os primeiros, aliás, com uto maior êxito do que os segundos. Porque se o Estado judeu beneficia junto das opiniões públicas — nomeadamente europeias — de um capital de simpatia menor, é certo, do que em 1967, mas mesmo assim considerável, os governos tornaram-se mais circunspectos.

Uma certa irritação perante a rigidez das posições diplomáticas de Israel nestes últimos anos explica esta atitude, mas é preciso considerar também o carácter voluntariamente moderado da justificação dada pelos estados árabes para a sua iniciativa — uma vez que esta iniciativa não visa, segundo os árabes, senão a reconquistar os territórios perdidos e não a «atirar os judeus para o mar». Finalmente, dificilmente se pode falar de agressão e menos ainda de agressão imprevista, a respeito da acção empreendida por um estado despojado que tenta recuperar o seu solo nacional. Foi exactamente o que quis dizer Michel Jobert na sua «petite phrase» depois de se ter encontrado com Pompidou.

Estas tomadas de posição não são momentaneamente menos platonicas, como o mostra o adiamento, **sine die**, sem qualquer resultado da sessão do Conselho de Segurança, cuja convocação fora pedida por Nixon. Uma vez mais, os grandes foram impotentes, além disso com todas as ambiguidades em que são useiros. A propósito do Médio Oriente: os Estados Unidos, de facto favoráveis à causa israelita, mas oficialmente «equidistantes» dos dois campos, não formularam qualquer juízo sobre as responsabilidades das partes do conflito em curso; limitaram-se a pedir o cessar-fogo, com retirada das tropas para aquém das linhas anteriores a 6 de Outubro. Esta proposta foi considerada inaceitável pelos árabes e seus aliados; tal proposta equivaleria com efeito a legalizar a linha do cessar-fogo de 1967, que o Egipto oficialmente considera caduca desde há dois anos pelo menos.

A União Soviética e a China, por uma vez de acordo, sustentam, bem entendido, a causa árabe. De facto, se os dirigentes soviéticos se encontram verbalmente mais comprometidos que os seus rivais americanos do lado de uma das partes em conflito, partilham com estes últimos as preocupações de «moderação» de que já tinham feito prova em 1967, e que pertencem oficialmente desde as cimeiras de Moscovo e de Washington, à carta das relações soviético-americanas. Tendo-o Kissinger lembrado aos seus interlocutores, Brejnev apressou-se a declarar no mesmo dia que a sua política não deixaria de ser «favorável à paz». A única diferença com a sua atitude por ocasião da Guerra dos Seis Dias é que desta vez o Kremlin parece ter tido informações dos planos de ataque desde alguns dias antes da guerra.

Até agora, a incerteza da situação militar no terreno incitou os protagonistas, como os seus protectores, a uma espera antes de ser lançada a proposta de um cessar-fogo.

Qualquer que seja a saída do conflito, uma disputa diplomática cerrada se seguirá, porque a oposição entre as partes é total sobre o traçado das linhas de demarcação. Será o ensejo aproveitado para se iniciar finalmente a negociação de um tratado global que dê lugar a uma solução duradoura? Ninguém para já ousa esperá-lo.

Exclusivo

SUPLEMENTO SEMANAL DO

Diário de Lisboa